
Localidades

Alentejo

Alcácer do Sal

Alcácer do Sal

Graciosamente alinhada sobre a margem direita do rio Sado e estendendo-se sobre um suave morro, Alcácer do Sal foi povoado desde tempos muito antigos. A comprová-lo, os vestígios arqueológicos encontrados que, remontando ao Neolítico, revelaram também a passagem de gregos, fenícios e outros povos da bacia do Mediterrâneo.

O seu nome romano foi Salacia Urbs Imperatoria e a sua grande importância na rede do Império deve-se à sua situação ímpar junto da estrada de água que é o rio Sado, que facilitava o escoamento dos produtos das terras do interior (ao tempo, trigo azeite e vinho) para outros locais do mediterrâneo, ocupados por Roma. Assim, foi Alcácer uma das cidades de porto interior mais importantes do Ocidente peninsular e conhecida pelo fabrico de sal, acrescentado ao seu topónimo, e pelas indústrias derivadas de salga e pasta de peixe.

No tempo da dominação muçulmana (a partir do s. VIII), Alcácer foi capital da província de Al-Kasser. As muralhas da antiga fortificação foram reforçadas e a cidade muçulmana ficou protegida com duas cercas, cujos muros coroados por 30 torres formavam um dos maiores bastiões de defesa da Península Ibérica. Mesmo assim, em 1217 seria conquistada pelo rei D. Afonso II, com o auxílio dos Cruzados que aqui aportaram a caminho da Síria e da Terra Santa, e foi entregue ao governo da Ordem Militar de Santiago, que aqui se sediou.

Se bem que tenha perdido a sua importância militar e comercial, Alcácer do Sal mantém intacta a sua notável beleza. Do castelo avista-se, para o lado sul, a curva em cotovelo do rio Sado, que banha uma suave planície verde, prenúncio da grande planura alentejana. Recentemente recuperado para abrigar uma pousada, tem agora o nome do seu conquistador cristão: D. Afonso II. Daqui se rasgam, nas direcções dos quatro pontos cardeais, magníficas panorâmicas sobre o rio e os campos, o mais adequado palco para se imaginar o imenso e variado tráfego que por aqui passava.

Um passeio a pé por Alcácer do Sal revela a parte mais encantadora desta cidade, com as suas vielas e escadinhas que trepam até ao castelo. Aproveite para ver alguns monumentos de interesse como a Igreja de Santa Maria do Castelo, a Ermida do Senhor dos Mártires, a Igreja de Santo António, a Igreja de Santiago e o Museu Municipal de Arqueologia.

Das proximidades, num raio de 30 km, não perca as pequenas localidades da Aldeia de Santa Susana, Porto de Rei e do Torrão

ou a Barragem de Vale do Gaio. Se preferir o litoral, esta costa tem praias bastante agradáveis, entre as quais escolhemos as da Comporta, da Torre, do Carvalhal, da Raposa ou da Galé.

Almeirim

Almeirim

De origem muito antiga, esta região já era povoada na pré-história, mas foi no séc. XVI que Almeirim conheceu grande desenvolvimento, época em que a corte portuguesa a elegeu como um dos locais preferidos para veraneio, sendo a viagem a partir de Lisboa efectuada em bergantins que subiam o rio Tejo. D. Manuel I, que era então o rei de Portugal, mandou aqui construir um Paço Real, que foi destruído pelo terramoto de 1755.

Actualmente, a agricultura é ainda a principal actividade económica da região, cultivando-se tomate, melão, e vinhas de grande extensão, que dão origem aos famosos vinhos tintos maduros muito apreciados.

Típica de Almeirim é a famosa "sopa da Pedra", cuja receita segundo conta a tradição foi inventada por um Frade espertalhão que se apresentava nas casas da localidade com uma pedra, com a qual iria demonstrar poder fazer-se um caldo excelente. Quando a água da panela em que a pedra "cozia" já estava a ferver, ele ía pedindo apenas mais um ingrediente para dar paladar (e que poderiam ser o sal, o chouriço, o feijão, a batata) e assim cozinhava uma sopa substancial e iludia as gentes da região.

Alpiarça

Alpiarça

Situada na vasta planície da lezíria do Ribatejo, a região portuguesa onde as tradições ligadas à criação de cavalos e à festa taurina estão mais arreigadas, Alpiarça é uma cidade tranquila, conservando-se nas suas redondezas testemunhos de ocupação humana já na época pré-histórica como as Necrópoles do Meijão e Cabeço da Bruxa, nas redondezas.

Local imperdível numa visita é a Casa-Museu dos Patudos, que foi residência de José Relvas, diplomata e político português do séc. XIX-XX, e onde se poderá apreciar o obras primas de pintura, excelentes peças de porcelana, bronze, mobiliário e tapeçaria, que constituem o recheio desta casa.

Alter do Chão

Alter do Chão

Vila calma e serena, o passado de Alter do Chão remonta à época romana.

Chamava-se então Abelterium e as Termas do Ferragial d'El Rei ou a Ponte da Vila Formosa são exemplos dos vestígios romanos existentes na região. A partir do séc. XIV a vila foi-se desenvolvendo a partir do castelo, construído por D. Pedro I em 1359, que continua a ter uma presença importante uma vez que fica na praça principal - a Praça da República.

Actualmente, a grande aposta do concelho são os seus recursos naturais. A agricultura continua a ser a principal actividade. Na pecuária, a produção equina tem extrema importância. O Turismo Cinegético é também um dos grandes investimentos.

A Coudelaria Real, fundada em 1748 por D. João V, contribuiu muito para a divulgação do nome da vila. Foi aí que se iniciou a recuperação da raça lusitana Alter Real, um cavalo de Alta Escola. Aí funciona ainda a Escola Profissional Agrícola de Alter do Chão.

Alvito

Alvito

Situada em plena planície alentejana, num terreno elevado donde se abarcam vastos horizontes, a graciosa vila de Alvito desenvolve-se em redor do seu castelo paladino, onde actualmente se encontra a Pousada de Alvito.

As casas pintadas de branco conferem à vila de Alvito o inconfundível carácter que distingue o Alentejo e em muitas delas rasgam-se portas com arcos de recorte manuelino, que revelam a sua origem seiscentista.

A povoação data dos primeiros tempos da monarquia portuguesa. O primeiro foral foi-lhe concedido pelo rei D. Dinis em 1327 e seria confirmado por D. Manuel em 1516.

O castelo de Alvito, construção iniciada em 1494, é uma das mais curiosas edificações que existem em Portugal. Visitá-lo é ainda evocar momentos do passado histórico que aqui foram vividos. A longa presença árabe nestes lugares deixou a sua marca distintiva na arquitectura mudéjar (que se reconhece facilmente pelas pequenas cúpulas e coruchéus cónicos pintados de branco), que se evidenciam em vários monumentos. Este carácter mudéjar envolve a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção e também a Ermida de S. Sebastião.

Merece ainda atenção o edifício da Câmara Municipal, onde sobressai uma pitoresca torre de relógio tipicamente alentejana, assim como as igrejas da Misericórdia e a da Senhora das Candeias (esta albergando um museu de Arte Sacra), que constituem interessantes obras de valor arquitectónico.

Fora de portas, merece referência a pequena ermida de Santa Luzia que terá sido, na sua origem, um oratório muçulmano.

Arraiolos

Arraiolos

Arraiolos é uma simpática vila alentejana, cuja fundação remonta ao séc. II a.C. O castelo medieval foi mandado construir por D. Dinis (1279-1325), tendo a povoação evoluído fora das muralhas. Do património artístico destaca-se ainda a Igreja do Salvador, do séc. XVI, com belíssimas pinturas.

O nome desta povoação é mundialmente conhecido graças aos famosos Tapetes de Arraiolos, aqui produzidos artesanalmente, sendo referidos já em documentos do séc. XVI. O tipo de desenho utilizado é delimitado em 3 épocas: a 1ª (séc. XVIII) com composições de influência dos tapetes persas, considerados dos melhores exemplares, a 2ª (séc. XVIII) com desenhos de inspiração popular como figuras ou animais, e a 3ª (finais do séc. XVIII/séc. XIX) com composições menos densas e mais estilizadas.

Avis

Avis

Esta pitoresca vila do Alentejo, feita de ruas estreitas e casas caiadas, guarda a memória da antiga e poderosa Ordem Militar de Avis. Após ter sido conquistada aos Mouros em 1211, D. Afonso II doou a terra a Fernando Anes, Mestre dos Freires de Évora, futura Ordem de Avis, com o propósito de a povoar e erguer o castelo, o que foi feito entre 1214 e 1223. Ao fazer o circuito da vila encontrará três das suas seis torres originais: da Rainha, de Santo António e de S. Roque, bem como alguns panos de muralha medieval que se fundem com as casas da vila. No alto do morro de granito, rodeado pelas águas de uma ribeira, nascia assim Avis sob a sombra protectora do Convento da Ordem que lhe deu o nome.

Entre no Largo do Convento pela Porta da Vila, junto à Torre da Rainha, que enquadra uma bonita panorâmica da planície que se estende a perder de vista.

Neste centro histórico visite a igreja e a parte das dependências do antigo convento da Ordem Militar de S. Bento de Avis que se encontra restaurada. O edifício ao lado, hoje ocupado pelos Paços do Concelho, fez parte outrora da residência dos Mestres da Ordem. Caminhando para a esquerda encontrará em frente das escadas do jardim Municipal, o original pelourinho, decorado com máscaras e carrancas. Coroa o conjunto uma águia com as asas estendidas, símbolo da vila. Nesta área merece também visita a igreja matriz (séc. XV), forrada no interior com azulejos policromos do séc. XVII.

Deixe-se levar pelo encanto das ruas estreitas de sabor medieval e pela brancura das paredes das pequenas casas de arquitectura alentejana e descanse no pequeno mas encantador Jardim do Mestre de Avis, passeando os olhos sobre a vila a seus pés e a imensa planície.

Nos arredores, não deixe de visitar a barragem do Maranhão, obra dos anos 50 destinada a rega, onde pode praticar vários desportos. O miradouro permite desfrutar de uma magnífica vista sobre as águas deste lago artificial e sobre as pastagens e searas envolventes.

Azambuja

Azambuja

Fundada pelos romanos com o nome de Oliastrum, a Azambuja foi ocupada pelos mouros que lhe deram o nome de "Azzabuja", que veio a dar origem à denominação actual. No Séc. XII, o rei D. Sancho I com a ajuda de Cavaleiros da Flandres, expulsou os árabes desta região, e doou estas terras a um dos fidalgos flamengos, como recompensa pelo auxílio prestado na Reconquista.

O seu foral do séc. XIII, foi confirmado por D. Manuel I no séc XVI, época em que a Azambuja sofreu grande expansão, datando dessa época a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia. Mais tarde, no séc. XVIII, iniciou-se a construção do Palácio das Obras Novas que servia de estalagem e de estação para os comboios a vapor que vindos de Lisboa se dirigiam a Constância.

Actualmente, a Azambuja é uma localidade em franca expansão, beneficiando de uma excelente localização, junto à auto-estrada e à linha ferroviária do norte (que aqui tem uma moderna estação).

Beja

Beja

No local onde se situa Beja existem indícios de ocupação desde tempos remotos, mas foi o domínio romano que mais contribuiu para o seu desenvolvimento. Foi aqui que, no séc. I a. C., o Imperador Júlio César assinou um tratado de paz com as tribos Lusitanas que ocupavam o território. Então, o local passou a chamar-se Pax Julia e foi elevado a capital jurídica e administrativa.

O actual traçado urbano de Beja tem bases na cidade romana e nas portas de Évora e Mértola que marcam as antigas entradas nas muralhas. O crescimento económico é comprovado pela grande quantidade de peças arqueológicas encontradas, que se podem ver no Museu Regional Rainha D. Leonor. Muito perto de Beja, a Villa Romana de Pisões mostra-nos de uma forma mais real como vivia uma família romana durante esse período.

No séc. VI, os visigodos ocuparam o território e aqui

permaneceram até ao séc. VIII, quando foram derrotados pelas tribos muçulmanas que ocuparam o Sul da Península Ibérica. Uma visita ao Núcleo Visigótico do Museu Regional, instalado na Igreja de Santo Amaro é imprescindível para conhecer os contributos da cultura visigótica na cidade que foi sua sede episcopal.

Desde o início da Reconquista Cristã durante o séc. XII, Beja viveu tempos conturbados. Conquistada pela primeira vez pelos cristãos em 1162, sofreu vários ataques dos muçulmanos e só teve a paz definitiva em 1253, com o rei Afonso III, que reconstruiu a vila, concedeu-lhe foral (1254) e recuperou a sua importância económica. No final do século, o rei D. Dinis mandou construir o Castelo, cuja Torre de Menagem se transformou no ex-libris da cidade.

Beja viveu novos momentos de dinamização durante o séc. XV, quando o rei D. Afonso V formou o Ducado de Beja e o concedeu a seu irmão, o Infante D. Fernando. O rei D. João II nomeou Duque de Beja o seu primo, futuro rei D. Manuel I. Desde então, o ducado ficaria sempre na posse dos filhos segundos dos reis. O mecenato régio ficou marcado por alguns monumentos que merecem uma visita, nomeadamente o Convento da Conceição, a Igreja da Misericórdia, o Convento de São Francisco, actualmente transformado em Pousada, a Igreja de Santiago, e a Igreja do Pé da Cruz.

Para descobrir a cidade de Beja, a Região de Turismo da Planície Dourada promove a visita guiada pela cidade através de um sistema áudio, e disponibiliza 30 Petras (bicicletas). Aconselha-se o mês de Março, quando tem lugar a Ovibeja, uma feira em que a produção agrícola regional é o pretexto para mostrar a cultura, a etnografia e a economia da região.

Benavente

Benavente

A povoação de Benavente teve a sua origem num grupo de colonos estrangeiros que se fixaram na margem sul do Tejo no séc. XIII, de acordo com um plano delineado pelo rei D. Sancho I para povoamento destas terras que, após a expulsão dos mouros, estavam praticamente desertas.

Esta localidade tranquila, está rodeada pela lezíria ribatejana, uma vasta planície extremamente fértil, onde são criados cavalos e touros bravos, imprescindíveis no mais importante espectáculo da região que é a tourada.

Junto a Benavente, a Reserva Natural do Estuário do Tejo, mantém o encanto original da região, num ambiente preservado que é procurado anualmente pelas aves migradoras.

Borba

Borba

A fundação de Borba data de tempos recuados, quando a Península Ibérica era ocupada pelas tribos galo celtas, mas a sua importância e desenvolvimento estão intimamente ligados à Reconquista Cristã e à defesa do território.

Borba foi conquistada aos mouros pelos cristãos em 1217, durante o reinado de D. Afonso II, que logo mandou erguer o castelo e entregou-o a região à Ordem de São Bento de Avis. O sucessor real, D. Dinis, que definiu as fronteiras de Portugal com o Tratado de Alcanices em 1297, integrou Borba na linha defensiva do território, devido à sua localização perto da fronteira com Espanha. Em 1302, concedeu-lhe foral, ordenou o reforço das muralhas e definiu os limites administrativos. O perímetro do Concelho foi então marcado tendo como referência o termo das vilas mais próximas: Elvas, Estremoz e Vila Viçosa. No séc. XVI, o foral foi renovado por D. Manuel I.

Voltou a ter um papel importante na defesa do território durante o séc. XVII, nas Guerras da Restauração da Independência de Portugal contra Espanha. Nas imediações, no lugar de Montes Claros, deu-se a última grande batalha, em 1665. A vitória portuguesa foi assinalada no local por um Padrão comemorativo e pela construção da Ermida de Nossa Senhora da Vitória.

Um passeio atento pela vila revelará a predominância do mármore, nas molduras de portas e janelas, nas chaminés recortadas, nos letreiros das ruas e nos monumentos. O facto explica-se pela existência de pedreiras de mármore de grande qualidade nesta região. A Igreja Matriz (séc. XV), a Igreja de São Bartolomeu (séc. XVI), o Convento das Servas de Cristo (do séc. XVII/XVIII) ou a Fonte das Bicas (séc. XVIII) são bons exemplos da sua aplicação.

Terá uma boa oportunidade para visitar Borba durante a realização da Festa do Vinho e da Vinha, em Novembro. É também a altura ideal para provar o vinho produzido nesta região vitivinícola e para conhecer o artesanato e a gastronomia locais.

Campo Maior

Campo Maior

Como tantas outras, Campo Maior é uma serena e tranquila vila do Sul de Portugal, muito perto da fronteira com Espanha. A tradição conta que teve origem na vontade de três famílias camponesas que se resolveram juntar para formar uma povoação e se protegerem mutuamente.

O nome da vila vem dos romanos (Campus Maior) mas vai mantendo a memória da posterior ocupação muçulmana nas casas caiadas, com toques de azul e de ocre. Inicialmente pertenceu ao Bispado de Badajoz e só mais tarde, com o Tratado de Alcanizes em 1297 (um tratado de paz entre Espanha e Portugal), foi integrada em território português. Mesmo depois disso, sempre manteve uma relação muito familiar com a próxima vila de Badajoz.

A população desta vila é conhecida pelo seu carácter. No ano em que a vontade de todos coincide, realiza-se uma das festas populares mais interessantes do país - a Festa das Flores, também conhecida como Festa do Povo. Então os moradores de cada rua juntam-se para a enfeitar de flores de papel em composições alegres e coloridas (normalmente na primeira semana de Setembro). Milhares de pessoas costumam visitar a vila decorada de papel e de cor.

De interesse histórico, pode ver em Campo Maior a Capela dos Ossos construída em 1766, uma das três existentes em Portugal.

Cartaxo

Cartaxo

Situada a cerca de 10 kms de Santarém, o Cartaxo é uma povoação de origem muito antiga, que no tempo da ocupação romana era um ponto de passagem importante da via que ligava Lisboa a Santarém.

A região que se mantém essencialmente agrícola, é conhecida pela sua produção de vinho tinto encorpado, popularmente conhecido como "carrascão", podendo toda a tradição ligada à sua produção ser conhecida no Museu Rural e do Vinho e através das Rotas do Vinho.

Muito tradicionais nesta zona são as Festas das Vindimas, bem como a Feira dos Santos que tem lugar a 1 de Novembro e cuja tradição remonta pelo menos a meados do séc. XVII.

Castelo de Vide

Castelo de Vide

O castelo rodeado pelo casario branco destaca-se na paisagem e é sem dúvida a primeira surpresa para o visitante. Do alto, a paisagem alentejana adquire todo o seu esplendor. Pequenas aldeias no meio dos campos perdem-se de vista. Ali bem perto, a cerca de 20 km, espreita Marvão e um pouco mais além avistam-se terras de Espanha.

Na encosta Norte, entre o Castelo e a Fonte da Vila, uma série de ruas mais estreitas delimitam o núcleo histórico da Judiaria. A Judiaria de Castelo de Vide é um dos exemplos mais importantes da presença dos judeus no nosso país, remontando ao século XIII, tempo de D. Dinis. Aí podemos encontrar uma das melhores preservadas judiarias de Portugal, já há alguns anos incluída num programa de recuperação de edifícios e de revitalização, onde se preserva um dos maiores espólios de arquitetura civil do período gótico.

Passeie-se então, ao acaso por essas ruas íngremes e estreitas e deixe-se encantar pelo charme da sua memória medieval.

Mas Castelo de Vide tem outros monumentos que valem a pena visitar. Falamos por exemplo da Capela do Salvador do Mundo, a mais antiga (finais do séc. XIII) cujo interior está coberto de painéis de azulejos azuis e brancos, ou da Capela de São Roque construída no séc. XV e reconstruída no séc. XVIII. Mas estas são apenas duas das 24 igrejas existentes.

Se ainda tiver tempo e vontade, pode subir ao monte fronteiro a Castelo de Vide, onde fica a Capela de Nossa Senhora da Penha e de onde tem uma outra perspetiva da vila.

Castelo de Vide sempre foi conhecida pelas suas riquezas naturais nomeadamente pelas termas, cuja água tem propriedades terapêuticas. Pode encontrar várias fontes sendo a Fonte da Vila e a Fonte da Mealhada as mais conhecidas. No entanto aqui fica um alerta. Fique sabendo que, a acreditar nos ditos populares, quem bebe da água da Fonte da Mealhada há de voltar a Castelo de Vide para casar.

Chamusca

Chamusca

Vila branca situada à beira do Rio Tejo, a Chamusca insere-se na Lezíria ribatejana, região extremamente fértil em que a actividade agrícola e a criação de gado continuam a ser a actividade predominante. Este aspecto é ressaltado nas suas festas tradicionais, em que se destacam a Semana da Ascensão e as muitas Touradas que aqui têm lugar.

Na gastronomia, um destaque especial para o ensopado de enguias e a açorda de sável, complementado pela doçaria regional com as trouxas e a lampreia, confeccionadas à base de

ovos e açúcar, sem esquecer os vinhos regionais muito apreciados.

Coruche

Coruche

Situada na lezíria, numa zona que é já de transição do Ribatejo para o Alentejo, a vila de Coruche é um povoado típico e tranquilo, cujas casas baixas e brancas de boa arquitectura popular se estendem pela planície junto ao rio Sorraia.

Rodeada de campos férteis, esta é uma região em que a agricultura e a criação de cavalos são as actividades predominantes, destacando-se na paisagem as vastas áreas de sobreiros de onde se extrai a cortiça de que Coruche é um dos principais produtores a nível nacional.

Coruche possui também diversos monumentos históricos, testemunhos de outros tempos, como a ponte da Corôa (de origem romana), o Aqueduto medieval do Monte da Barca e diversas Igrejas na maioria originárias do séc. XVII.

Nas redondezas, os Açudes da Agolada e do Monte da Barca são áreas de lazer muito frescas e por esse motivo muito concorridas no verão.

Elvas

Elvas

Quem chega pela estrada de Estremoz a Elvas é de imediato recebido pelo Aqueduto da Amoreira, um ex-libris da cidade. Esta calma cidade é conhecida pelo papel defensivo que teve ao longo da história.

Numa posição geográfica estratégica, próxima da fronteira com Espanha, foi sendo construída dentro de muralhas, num sistema defensivo complexo. A muralha inicial do séc. XIV (reinado de D. Fernando 1367-83) foi reforçada no séc. XVII. A cidade muralhada, em conjunto com o Forte de Sta Luzia e o Forte da Graça, forma uma linha de defesa que foi extremamente importante durante a Guerra da Restauração (1640).

Com interesse na área defensiva, podem-se ainda ver pequenas fortificações construídas no início do séc. XIX, entre 1810 e 1812, durante as Invasões Francesas. São eles: o Fortim de São Pedro, o Fortim de São Mamede, o Fortim da Piedade e o Fortim de São Francisco.

Actualmente Elvas é uma cidade que aposta no Turismo no Espaço Rural, na pesca desportiva de água doce e no Turismo Cinegético, de forma a tirar grande proveito dos recursos naturais da região. A nível económico, os cereais, a azeitona e os frutos secos (sobretudo as ameixas) continuam a ser os produtos de referência.

Em 2012, a Praça Forte de Elvas foi classificada Património Mundial pela UNESCO.

Estremoz

Estremoz

Cidade branca e nobre, Estremoz pode dividir-se em dois núcleos que marcam a sua evolução: o casario medieval junto ao castelo e, fora das muralhas, a vila moderna.

Estremoz possui um rico património cultural, no qual se destaca o castelo com as suas muralhas medievais e a antiga cidadela (séc. XIII) onde está actualmente situada a Pousada Rainha Santa Isabel que faz parte da rede de Pousadas de Portugal.

Estremoz tornou-se conhecida sobretudo pela extracção e exploração do mármore branco, de grande qualidade. Na verdade, a região contribui em 90% para o facto de Portugal ser o segundo maior exportador de mármore do mundo.

Igualmente famosos são os barros vermelhos da região, que deram origem aos bonecos tradicionais tão fáceis de encontrar nas lojas de artesanato da cidade.

Évora

Évora

Coroada pela sua imponente catedral, Évora recorta-se sobre uma suave colina no vasto horizonte da planície alentejana, e guarda o seu centro histórico, rodeado de uma vasta cintura de muralhas, uma valiosa herança cultural que a UNESCO classificou de Património da Humanidade. A cidade, onde as ruas estreitas de evocação mourisca contrastam com praças inundadas de luz, assenta sobre dois milénios de história.

Conquistada em 59 a.C. pelos Romanos, que lhe deram o nome de "Liberalitas Julia", Évora adquiriu grande importância como atestam os vestígios ainda hoje visíveis e de que são exemplos as ruínas de um gracioso templo dos finais do séc. II, vários troços de muralha e a porta chamada de Dona Isabel, bem como as ruínas das termas da cidade sob o edifício da Câmara Municipal.

Do período visigodo (sécs.V-VIII) pouco resta para ver. Seguiu-se o domínio muçulmano, iniciado com a conquista da cidade por Tárique, que iria perdurar até à Reconquista cristã, no séc.XII. Yeborah, como passou a chamar-se, fixou na sua toponímia traços indeléveis de influência mourisca, que sobressaem no bairro da Mouraria.

Após a Reconquista, delineou-se, para além da cerca velha, nova malha urbana irradiando das portas da muralha. A cidade, eleita por vários reis de Portugal da primeira e segunda dinastias para sede da corte, foi então enriquecida com palácios e monumentos, sobretudo nos reinados de D. João II e D. Manuel

(sécs. XV e XVI).

Caminhe a seu gosto pelas ruas, absorvendo a alma secreta que a diversidade de culturas seculares sedimentou nesta cidade do Mundo. Excelentes restaurantes, bares, esplanadas, boas lojas de arte popular, gente jovem que frequenta a sua Universidade são a expressão da dinâmica de um presente que se afirma nas raízes do passado.

Fronteira

Fronteira

Bonita vila tipicamente alentejana, Fronteira encontra-se situada na margem esquerda da ribeira de Avis, a norte da cidade de Estremoz e a sudoeste da cidade de Portalegre.

Os vestígios de ocupação humana nesta localidade remontam a mais de 10 mil anos, como comprovam os inúmeros monumentos megalíticos, entre os quais se salientam cerca de 30 antas e os dólmenes da Necrópole Megalítica da Herdade Grande ou as rochas gravadas da Herdade dos Pintos.

A sua fundação é atribuída ao Rei D. Dinis, em virtude de ter mandado construir o Castelo de que ainda hoje restam algumas ruínas.

De destacar, o lugar de Atoleiros, muito próximo de Fronteira, onde ocorreu a Batalha dos Atoleiros, em 1384, a primeira de uma série de batalhas decisivas para a manutenção da independência portuguesa durante a crise dinástica de 1383-1385, em que as forças castelhanas foram derrotadas pelo exército comandado por D. Nuno Álvares Pereira.

Em Fronteira, encontram-se diversos monumentos dignos de registo, nomeadamente, a Igreja Matriz, as Igrejas do Espírito Santo, do Senhor dos Mártires, a Capela de Nossa Senhora da Vila Velha, o edifício dos Paços do Concelho, o pelourinho e até a estação dos caminhos-de-ferro com os seus painéis de azulejos da autoria de Leopoldo Battistini, retratando cenas da vida rural.

Dotada de uma pródiga natureza circundante e abundante vegetação, esta vila oferece bonitas paisagens e a possibilidade de variadas atividades desportivas e de lazer, disponibilizando o Centro Ecoturístico da Ribeira grande, que conta com uma praia fluvial, piscinas, percurso pedestre e um observatório astronómico equipado com a tecnologia mais atual.

Golegã

Golegã

A localidade da Golegã fica situada numa região de solo fértil, irrigada pelos dois rios que a limitam, o Rio Tejo e o afluente Rio Almonda. O facto determinou a escolha para o estabelecimento da povoação e beneficiou desde o início o seu desenvolvimento económico, baseado na agricultura.

Após a Reconquista Cristã do território pelo rei D. Afonso Henriques, no séc. XII, esta região foi entregue à Ordem dos Cavaleiros do Templo para cultivo. A memória desses tempos permanece na história da Quinta da Cardiga, actualmente um importante centro de produção agrícola local. Ainda no séc. XII, pelo facto de estar na estrada que ligava Tomar a Santarém, construiu-se aqui uma estalagem, por vontade de uma mulher da Galiza. O local ficou então a ser conhecido por Venda da Galega. O sucesso da empresa e as características agrícolas regionais foram o estímulo para o posterior desenvolvimento comercial e agrícola e para a fixação da população. Foi a denominação Galega que viria a originar a palavra Golegã.

Antes de ser elevada a vila por D. João III, em 1534, o seu real antecessor, D. Manuel I, também investiu na localidade, assinalando o facto com obra feita na Igreja Matriz.

A ligação à actividade agrícola incentivou a realização de feiras e mercados. Durante o séc. XVIII, as festas em honra de São Martinho, a 11 de Novembro, eram as preferidas pelos criadores de cavalos para mostrar orgulhosamente os animais de raça em concursos hípicas e competições. O evento, que foi ganhando importância gradualmente, é o antecedente da actual Feira Nacional do Cavalo, de grande relevância nacional na especialidade equestre.

Ao visitar a localidade, aproveite para fazer um passeio pelo jardim romântico que rodeia o antigo estúdio de Carlos Relvas, um conhecido fotógrafo do séc. XIX, ou para ver o Museu Martins Correia, um escultor contemporâneo. Dois naturais da Golegã que de alguma forma contribuíram para o reconhecimento da cidade actualmente.

Perto da Golegã, pode também conhecer a Reserva Natural do Paul do Boquilobo, na confluência dos rios Tejo e Almonda.

Grândola

Grândola

A região de Grândola combina a influência do litoral com as do interior sul do país. A actividade agrícola continua a ser muito importante para a região sendo a cultura do arroz a mais significativa.

Do património cultural, os vestígios arqueológicos da época romana são os mais importantes, nomeadamente o centro conserveiro de salga de peixe em Tróia, datado de inícios do séc. I.

O maior interesse desta região centra-se na proximidade das praias, que anualmente atraem muitos visitantes. Destacam-se a Península de Tróia e as várias praias de areal extenso, como por exemplo a do Pego, da Comporta e a do Carvalhal.

Na história de Portugal, o nome de Grândola ficou associado à música "Grândola Vila Morena", da autoria de José Afonso. Durante a Revolução do 25 de Abril, foi emitida pela Rádio Renascença dando sinal às tropas para poderem avançar sobre Lisboa. Cantada em momentos de entusiasmo ou de perigo pode-se considerar que foi um hino da Revolução, lembrando a liberdade de expressão reconquistada.

Marvão

Marvão

Entre Castelo de Vide e Portalegre, a poucos quilómetros de Espanha, encontramos a tranquila vila de Marvão, no ponto mais alto da Serra de São Mamede.

O Monte de Ammaia, como era conhecido, deve o seu atual topónimo ao facto de ter servido de refúgio a Ibn Marúan, um guerreiro mouro, durante o séc. IX. O domínio árabe, que durou alguns séculos, terminou quando a campanha militar de 1160/66 da Reconquista Cristã aqui teve mais uma vitória, sob a ação de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Geograficamente, Marvão é um ponto de defesa estratégico natural, marcado por encostas muito íngremes a Norte, Sul e Oeste, e com acesso a pé apenas pelo lado Este, para onde se desenvolveu a povoação.

Este facto não foi indiferente a conquistadores e a reis, que sempre se preocuparam com o reforço do castelo e das muralhas. Teve um papel fundamental em grandes conflitos militares, dos quais se recordam a luta entre o rei D. Dinis e seu irmão D. Afonso (1299), a Crise Dinástica de 1383-85, as Guerras da Restauração da Independência (1640-68), a Guerra da Sucessão de Espanha (1704-12) ou as Guerras Peninsulares (1807-11). A importância de Marvão foi reconhecida quando foi elevada a vila por D. Sancho II, em 1266. O foral foi renovado por D. Dinis, em 1299, e pelo Foral Novo de D. Manuel, em 1512, que deixou a sua ação assinalada pelo Pelourinho e pelas armas reais colocadas no edifício dos Paços do Concelho.

Dentro das muralhas, revela-se um bonito conjunto de arquitetura popular alentejana. Nas estreitas ruas de Marvão, descobrem-se facilmente arcos góticos, janelas manuelinas, varandas de ferro forjado embelezando as casas e outros detalhes de interesse em recantos marcados pelo granito local.

Do património edificado, para além do castelo e das muralhas que dificilmente se esquecem, destacam-se a Igreja de Santa Maria, transformada em Museu Municipal, a Igreja de Santiago, a Capela renascentista do Espírito Santo e o Convento de Nossa Senhora da Estrela, fora das muralhas.

Um dos principais motivos para visitar a vila é a bela vista sobre a região. Elegemos como miradouros a alta Torre de Menagem e a Pousada de Santa Maria, uma adaptação de duas casas da aldeia, onde também poderá descansar e saborear a gastronomia regional.

A Festa do Castanheiro, que se realiza em Novembro, é uma excelente oportunidade para a visita e para conhecer as gentes e costumes locais.

Mértola

Mértola

Onde as cegonhas vêm fazer ninho e o gracioso casario branco se debruça sobre o Guadiana, há ainda o encanto de um museu vivo à sua espera.

Ter sido cidade romana, capital de um reino árabe, primeira sede da Ordem de Santiago são credenciais da sua importância na História. E sendo o porto mais a norte do Guadiana, a grande estrada do sul, levou até ao mar os pesados minérios da região. Por isso Mértola guarda dos Romanos, Suevos, Árabes e dos Portugueses, que a tomaram em 1268, valiosos tesouros guardados em diversos núcleos museológicos.

Depois de um tempo de esquecimento, a vila revitalizou-se graças à intervenção de arqueólogos que não só criaram um conceito inovador de museu aberto, como nele integraram a recuperação de artes tradicionais.

No seu passeio pelo traçado irregular das ruas, intacto na sua expressão medieval, vá folheando páginas desta História. Na Câmara Municipal, a Myrtlis romana; na Torre de Menagem do Castelo (com vista fabulosa sobre as margens do rio), a época pré-islâmica; no Museu Islâmico, um velho sonho dos arqueólogos realizado numa das colecções mais importantes do mundo; numa antiga igreja, uma colecção de arte sacra.

Na igreja matriz, os arcos em ferradura e o mihrâb que foram da mesquita, o portal renascentista e as torres cilíndricas do templo cristão são uma obra-prima de história de arquitectura e de adaptação de um mesmo lugar a fés diferentes.

Não deixe de visitar os artífices das oficinas para conhecer genuínas artes tradicionais. E de provar a saborosa comida

alentejana, com os olhos postos no rio.

Monsaraz

Monsaraz

Vila medieval, conseguiu manter as suas características ao longo dos séculos. Um passeio a Monsaraz é também uma viagem no tempo, pois é um local único onde ainda se consegue encontrar a paz e a tranquilidade esquecidas pelos tempos modernos.

Marcada pela cal e pelo xisto, torna-se "Monsaraz Museu Aberto" todos os anos, durante o mês de Julho, oportunidade para conhecer os hábitos e costumes alentejanos no artesanato, na gastronomia e nos vários espectáculos culturais que aí têm lugar, incluindo a música, o teatro, a dança e exposições de artes plásticas.

No património destacam-se o Castelo e a Torre de Menagem medievais, o edifício dos Antigos Paços da Audiência (séc. XIV/XVI) e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Lagoa (séc. XVI/XVII).

Moura

Moura

Existem muitos motivos de interesse para visitar esta clara e alegre vila alentejana, situada próximo da margem esquerda do rio Guadiana, numa região de colinas onduladas onde crescem extensos olivais e produtora de excelentes vinhos. A sua conquista aos mouros em 1166, pelos irmãos Pedro e Álvaro Rodrigues, está envolvida pelo colorido da lenda da moura Salúquia, evocada pela velha torre que se encontra junto do Jardim Dr. Santiago.

Foi D. Dinis (r.1279-1325) quem reconstruiu as fortificações de Moura e lhe deu foral em 1295. D. Manuel I (r. 1495-1521), concedeu novo foral e ordenou a reconstrução do Castelo sob a direcção de mestre Francisco de Arruda.

Um passeio pela vila não dispensará uma visita à Mouraria, com uma tipologia característica dos bairros árabes. Na rua da Muralha Nova, situada nos limites deste bairro, descobrirá um troço das muralhas do castelo de finais do séc. XVII. O Museu Árabe construído em torno de um poço da época, que se encontra em excelente estado de conservação, merece sem dúvida uma visita. Sobre o edifício onde está instalada a Biblioteca Municipal, que já foi sede dos Paços do Concelho de Moura, ergue-se o volume imponente da torre da Taipa, também da época árabe, formando um conjunto interessante de se observar.

Passeando pelas ruas de Moura, observando as grossas chaminés que acompanham a prumada das paredes das casas, pormenor típico nas construções do Alentejo, encontrará alguns templos dignos de nota: a igreja matriz dedicada a S. João

Baptista e as igrejas do Carmo e de S. Francisco merecem particular atenção.

Moura encerra ainda um exemplar único de arquitectura militar do início do séc. XVII, conhecido por Edifício dos Quartéis. É constituído por uma fiada de edifícios onde se incluía um conjunto de casernas viradas a Sul e a Norte. Numa das extremidades encontra-se a capela do Senhor Jesus dos Quartéis.

A cerca de 3 km da cidade ergue-se sobre uma colina isolada a pitoresca torre militar conhecida por Atalaia Magra.

Odemira

Odemira

Diz-se que este bonito nome tem origem nas palavras árabes wad (rio) e Emir, que em português teriam derivado para Odemira.

Conquistada aos Mouros pelo primeiro rei português D. Afonso Henriques, só a partir do reinado de D. Afonso III, que lhe deu foral de vila em 1257, é que viria a ser definitivamente povoada. Deste passado histórico, Odemira não conservou vestígios importantes.

Mesmo do castelo, no seu ponto mais alto, já nada resta, nem o nome da rua que lhe dava acesso (Rua do Castelo), rebaptizada Sarmento de Beires, em homenagem a este aviador português aqui nascido, que em 1924 partiu de Vila Nova de Milfontes, num pequeno Bréguet, rumo a Macau, onde pousou 115 horas depois de ter percorrido mais de 16.000 km!

Num dos jardins da vila, uma curiosa estátua pintada lembra outra personalidade da terra: Damiano, boticário que no séc. XV escreveu um livro para ensinar a jogar xadrez!

O encanto de Odemira reside da sua localização sobre um pequeno monte em anfiteatro, onde se dispõem casas muito brancas orientadas para o rio Mira, nascido no interior da Serra do Caldeirão e que, a partir daqui é navegável até à foz, em Vila Nova de Milfontes, num percurso de cerca de 30 km, cenário belíssimo para passeio, remo e canoagem.

A região está muito atenta à preservação do artesanato, encontrando-se vários artesãos de cestaria, mobiliário, cerâmica e tecelagem.

Toda esta faixa meridional da costa portuguesa, da vila de Sines ao Cabo de S. Vicente, no Algarve, faz parte do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, uma região onde se encontram espécies raras de flora e de fauna e único local do mundo onde a cegonha branca nidifica em falésias marítimas.

Portalegre

Portalegre

Situada na Serra de São Mamede e perto da fronteira com Espanha, Portalegre teve uma posição estratégica na defesa do território durante a Idade Média. O rei D. Afonso III (1248-79) doou-a ao filho bastardo D. Afonso Sanches. Esta ação foi muito contestada pelo irmão D. Dinis (1279-1325), seu sucessor, que em 1299 a integrou nos bens da coroa, mandando então reconstruir o Castelo.

Ainda na época medieval, estabeleceu-se em Portalegre a ordem religiosa franciscana no Convento de São Francisco e no Convento de Santa Clara.

No início do séc. XVI, depois de fundada a Misericórdia de Portalegre, o Bispo da Guarda, D. Jorge de Melo, mandou construir o Convento Cisterciense de São Bernardo. A cidade, reconhecida nessa época como um importante centro administrativo e económico, foi elevada a cidade por D. João III, que então criou a Diocese de Portalegre e mandou construir a Sé Catedral. A ação do novo bispado afirmou-se na construção do paço Episcopal e do Seminário Diocesano, hoje transformado em Museu Municipal.

Os séculos XVII e XVIII deixaram na cidade um forte carácter barroco que ainda se conserva nalguns monumentos, como a Igreja de São Lourenço, e nas casas apalaçadas de que o Palácio Amarelo, o Palácio dos Falcões ou o Palácio Achioli são exemplos notáveis, conservando os brasões das famílias que os habitaram e uma rica decoração em ferro forjado, trabalho singular na região.

Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, e com o advento da revolução industrial, a cidade esforçou-se em dar resposta ao progresso atribuindo novas funcionalidades aos antigos conventos e palácios.

São exemplo disso o Convento de Santo Agostinho, transformado em quartel da GNR, o Convento de São Bernardo, o Convento jesuíta de São Sebastião, ocupado pela Manufatura de Tapeçarias de Portalegre ou o Palácio Castel-Branco, recentemente adaptado a Museu de Tapeçaria de Portalegre Guy Fino que relembra o contributo da indústria têxtil para o desenvolvimento da cidade.

Em Portalegre, que se percorre facilmente a pé, destaca-se ainda a Casa-Museu de José Régio, poeta português. Nos arredores, importa salientar o miradouro da Igreja de Nossa Senhora da Penha e a Igreja do Bonfim, na estrada em direção a Marvão e Castelo de Vide, localidades que também merecem uma visita atenta.

Porto Covo

Porto Côvo

Porto Covo continua a ser a simpática povoação de pescadores, de pequenas casas brancas, que foi recuperada pelo Marquês de Pombal depois do terramoto de 1755.

A visita vale bem a pena pelas belas praias escarpadas e escondidas que se encontram ao longo da costa. Durante o verão muitos visitantes ocorrem a esta zona para recuperar forças, encontrando a calma e a tranquilidade perdidas no tempo.

A cerca de 250 metros ao largo de Porto Covo, avista-se a abandonada Ilha do Pessegueiro, fonte de inspiração para os mais poéticos. Aí encontraram-se vestígios de ocupação cartaginesa durante o séc. III a.C. e de ocupação romana, nomeadamente tanques de salga de peixe, mas a tradição e o imaginário falam-nos de um refúgio de piratas ao longo dos séculos.

Actualmente, podem ver-se ruínas de um forte construído no séc. XVII que, juntamente com uma fortaleza gémea em Porto Covo, defendiam esta parte da costa. Os mais corajosos, podem tentar ir até à ilha, mas com cuidado, pois não existem visitas organizadas.

Redondo

Redondo

A vila alentejana do Redondo tornou-se importante para o património português através de dois produtos regionais: o barro e o vinho.

A produção artesanal de peças de barro é conhecida no país inteiro. Aqui pode-se encontrar loiça utilitária e decorativa, de barro simples ou decorada com motivos florais e cenas populares da vida no campo. O barro desta região tem a propriedade de suportar a variação de temperaturas. Esta actividade é mantida na vila por vários centros oleiros que perpetuam esta actividade na vila.

O Redondo é ainda conhecido pela produção de vinho, sendo uma das regiões de Denominação de Origem Controlada (D.O.C.) em Portugal. Produzido em solos graníticos e de xisto, o vinho é equilibrado e de agradável bouquet.

Reguengos de Monsaraz

Reguengos de Monsaraz

A história de Reguengos confunde-se ao longo dos séculos com a de Monsaraz, uma vez que os limites do concelho foram os mesmos até 1838, ano em que a sede concelhia passou para Reguengos, facto que contribuiu para o seu desenvolvimento.

A Igreja matriz do séc. XIX, no centro da vila, tem interesse pelo espírito romântico da sua construção em estilo neo-gótico e pelo jogo de cores derivado da combinação da pedra com o branco da cal.

Os solos graníticos e xistosos e o clima são propícios ao cultivo da vinha, sendo a região conhecida pela produção vinícola, conferindo ao vinho características particulares de grande qualidade.

Rio Maior

Rio Maior

Junto à Serra dos Candeeiros, Rio Maior foi durante séculos um importante centro mineiro, pois a principal actividade a que a população local se dedicava era a extracção de sal-gema de uma extensa mina existente na Serra.

Na região predomina ainda a actividade agrícola, com extensas vinhas e pomares que marcam e embelezam a paisagem.

Em Março, a Feira das Tasquinhas anima a cidade e é a oportunidade ideal para experimentar os diversos sabores regionais.

Salvaterra de Magos

Salvaterra de Magos

Tranquila vila do Ribatejo, Salvaterra de Magos foi em séculos passados um dos locais preferidos da corte, tendo aqui sido edificadas estruturas, que hoje em dia estão em ruínas, e que lhe permitiam usufruir de todas as comodidades a que estavam habituados em Lisboa. Assim, existia em Salvaterra um palácio com belíssimos jardins, um teatro de ópera e uma falcoaria real, a única existente em Portugal, que evidencia que o principal atractivo da região para tão nobres viajantes eram as grandiosas caçadas que aqui se organizavam.

Rodeada de pinhais e de pastagens, criam-se nos seus campos férteis, cavalos e touros utilizados no maior espectáculo da região - a tourada, indispensável na Festa do Foral, dos Toiros e do Fandango, que em Junho anima Salvaterra de Magos.

Da gastronomia, destacam-se a Açorda de Sável e os barretes, típico doce ribatejano, cujo nome é inspirado num dos elementos fundamentais do traje do Campino.

Santarém

Santarém

O rio Tejo e a planície fértil da Lezíria, que envolvem o planalto de Santarém, determinaram o povoamento do local desde épocas remotas. Os romanos chamaram-lhe Scalabis, marcaram o traçado urbano e tornaram-na uma das mais importantes cidades da Lusitânia. A partir do séc. VIII, o domínio mouro reforçou o papel estratégico-militar e alterou-lhe o nome para Chanterein, antecedente do actual Santarém. Em 1147, D. Afonso Henriques, conquistou habilmente a cidade, marcando definitivamente o avanço da reconquista cristã, que chegou a Lisboa no mesmo ano.

Foi uma das cidades preferidas dos monarcas, desde a primeira dinastia. Durante a Idade Média, uma intensa actividade comercial e o estabelecimento da nobreza contribuíram para que atingisse o apogeu social e económico, o que se reflecte nos diversos monumentos e edifícios da cidade. Foi uma época de grande opulência artística e cultural. Santarém foi residência real, capital do reino (1325-57) e, até ao séc. XV, local de reunião das Cortes por diversas vezes.

Em 1491, o infante D. Afonso, filho de D. João II e futuro rei, morre acidentalmente na Ribeira de Santarém. Este episódio iniciou o afastamento da família real e de alguma forma o declínio do investimento nesta localidade, que voltou a participar na História muito pontualmente. De referir que viveu em Santarém durante muitos anos Pedro Álvares Cabral, que achou o Brasil no ano de 1500.

Uma das melhores formas de conhecer Santarém é através do seu património cultural e artístico durante os eventos que realçam o que o concelho tem de melhor. Em Junho, tem lugar a Feira Nacional da Agricultura onde se apresentam produtos e instrumentos agrícolas e se realiza uma feira de gado. Se for aficionado, pode também assistir a uma tourada.

Em Outubro, é a vez do Festival Nacional de Gastronomia, a principal mostra gastronómica do país. Estes eventos são complementados por mostras de artesanato e folclore de todas as regiões do país. Se puder, não perca a dança tradicional do região ribatejana: o Fandango. Realizada no mínimo por 2 homens simulando uma disputa, simboliza a perícia dos campinos que trabalham na Lezíria.

Santiago do Cacém

Santiago do Cacém

Santiago do Cacém é uma pacata cidade do sul de Portugal. Com origens remotas, durante o período romano era local de passagem na via que ligava Lisboa ao Algarve, o que contribuiu para o seu desenvolvimento.

A conquista definitiva cristã deu-se no séc. XIII, em 1217, por D. Afonso II, apesar de ter havido uma primeira conquista em 1157 pelos Templários. Nessa altura foi então reconstruído o castelo de fundação árabe. Com interesse histórico e artístico, destacam-se a Igreja Matriz com fundação no séc. XIII e a Capela de São Pedro do séc. XVII.

Uma visita à região não poderá esquecer as próximas ruínas de Miróbriga, um importante centro agro-pecuário e termal do tempo romano. O complexo arqueológico inclui um importante núcleo urbano que encerra no seu perímetro um hipódromo, casas de habitação (algumas com pinturas murais) e uma acrópole bem definida onde é bem visível o fórum e o riquíssimo conjunto termal.

Serpa

Serpa

Sobre uma elevação a poucos quilómetros da margem esquerda do Guadiana, o grande rio do sul de Portugal, ergue-se a vila de Serpa, topónimo que remonta ao domínio romano, há cerca de 2.000 anos.

Com a chegada à Península de povos muçulmanos no séc. VIII Serpa ficou sob o domínio do Islão com o nome de Scheberim. Os Portugueses conquistaram-na em 1166, mas em 1191, uma grande ofensiva almóada voltaria a reconquistar praticamente todo o território a sul do rio Tejo, incluindo Serpa. Em 1232, a região regressaria à posse portuguesa, sob o ceptro do rei D. Sancho II. No reinado de D. Dinis, quando foi definitivamente rectificad a fronteira luso-castelhana, Serpa recebeu deste monarca o seu primeiro foral, no ano de 1295, que reconstruiu e ampliou o seu imponente castelo defensivo. Em 1707, no decurso da Guerra da Sucessão do trono de Espanha, Serpa seria sitiada uma última vez por tropas espanholas comandadas pelo Duque de Ossuna.

A primeira impressão que o visitante tem de Serpa é a visão das grandiosas muralha do Castelo onde se rasgam as Portas de Moura e as de Beja, únicas sobreviventes das 5 portas primitivas. Incluso na muralha do lado Leste, assenta o vasto solar dos condes de Ficalho, destacando-se também o alteroso aqueduto em arcada italiana que se estende até à extremidade da muralha sul.

Dentro da vila o traçado das ruas, que se abrem para grandes largos onde coexiste uma arquitectura tradicional, erudita e

religiosa, confere a Serpa um carácter muito singular que torna o passeio delicioso.

A parte mais alta do morro corresponde ao núcleo urbano primitivo, medieval, mouro e cristão. Aqui encontra-se a igreja de Santa Maria, o que sobra da antiga torre de menagem do castelo, a Torre do Relógio e o Museu de Arqueologia. De relógios fala-nos também o Museu do Relógio, instalado no antigo convento do Mosteirinho, e único no seu género na Península Ibérica.

Depois de percorrer Serpa, não deixe de ir à Pousada de S. Gens, donde desfrutará do panorama imenso da planície a perder de vista pontuado pelos vastos olivais que rodeiam Serpa. Fora de portas, merecem visita o Convento de Santo António, erigido no séc. XV e alguns pequenos templos de devoção popular: Nossa Senhora de Guadalupe e, na estrada para Beja, S. Sebastião, esta do séc. XVI, onde se casam os estilos manuelino e mudéjar, testemunhando o complemento das duas culturas que conviveram na região.

Cerca de 10 km para sul, com a companhia do rio Guadiana à esquerda, o Parque Natural do Guadiana, com um património natural riquíssimo, oferece algumas das mais belas paisagens do sul de Portugal.

Sines

Sines

Antiga vila de pescadores, foi sendo alterada pelo turismo e pela indústria. Actualmente é um porto industrial petrolífero muito importante na economia do país.

Sobre a baía, podem-se ver as ruínas de um castelo medieval, restaurado no séc. XVI. Diz-se que foi aqui que nasceu Vasco da Gama (1468-1524), filho do Alcaide-mor de Sines. Numa das torres do castelo está instalado um núcleo museológico dedicado ao navegador.

Em Sines pode ainda visitar o Museu Arqueológico, onde se guardam vestígios arqueológicos encontrados na região, comprovando a sua ocupação em tempos remotos.

Tróia

Tróia

Situada numa península na margem sul do rio Sado, fronteira à cidade de Setúbal, à qual tem uma ligação regular ferry-boat, Tróia conserva importantes vestígios romanos, nomeadamente uma instalação de salga de peixe (um conjunto industrial importante na época). Estes vestígios são testemunhos da povoação romana de Cetóbriga, que se mudou para a outra margem do Rio, e deu nome à cidade de Setúbal.

Actualmente, Tróia é uma estância turística com excelentes praias de grandes areais numa extensão total de 18 kms, bem como uma vasta oferta hoteleira e um exigente campo de golfe.

Em Junho, o Festival Internacional de Cinema de Tróia, traz anualmente à região importantes vultos do cinema a nível mundial.

Viana do Alentejo

Viana do Alentejo

Viana do Alentejo, vila e sede de concelho, mergulha as suas raízes históricas nas suas tradições e viveres, sendo o seu património cultural um livro aberto de épocas e estilos.

Conhecida em outros tempos por “Viana de Foxem” ou “ Viana a par d’Alvito”, esta vila alentejana oferece ao visitante todo o esplendor e harmonia do Alentejo, através das suas paisagens, da sua gastronomia e do seu património.

Situada a 27 Km da cidade de Évora, é ponto de encontro de antigos caminhos romanos (Alcácer do Sal, Évora e Beja) e um convite aberto à descoberta da tradição da sua olaria, da arquitetura dos seus monumentos e todo o seu património natural e edificado, onde a História e a Tradição se cruzam com os caminhos do Alentejo.

Vidigueira

Vidigueira

A existência desta povoação está documentada somente a partir do séc. XIII. No entanto, encontram-se registos de ocupação humana da região desde a pré-história. Para além do património megalítico, merecem referência as próximas villas romanas de São Cucufate e do Monte da Cegonha.

Sem grande importância estratégica na defesa do território, o desenvolvimento desta vila foi essencialmente agrícola. Este facto é facilmente comprovado pela produção de vinho, uma vez que a Vidigueira é também o nome de uma Região de Origem Controlada. A sua fama vinícola já existia no séc. XV e no séc. XIX era a 7ª região produtora.

O nome da Vidigueira está também ligado à figura histórica do

Vasco da Gama, a quem D. Manuel I (1495-1521) concedeu o título de Conde da Vidigueira, em 1519. A Casa da Vidigueira, fundada então, permaneceu na mesma família até ao nosso século. Na torre do relógio da vila bate as horas um sino com a Cruz de Cristo e as armas dos Gamas gravadas, e a inscrição da data: 1520.

Evoca-se ainda, a cerca de 2 km de Vidigueira outra memória de Vasco da Gama. Na capela-mor da igreja do convento de Nossa Senhora das Relíquias (já muito alterado nas suas linhas originais) estiveram depositados os restos mortais do descobridor do caminho marítimo para a Índia quando vieram de Cochim em 1539, até serem trasladados para o Mosteiro dos Jerónimos em 1898.

Vila Nova de Milfontes

Vila Nova de Milfontes

Na Foz do Rio Mira, esta simpática povoação deve muito do seu desenvolvimento ao turismo crescente dos últimos anos. As calmas e bonitas praias da Costa Vicentina são muito procuradas por ainda manterem as características naturais e por terem excelentes condições para a prática de desportos náuticos.

No património edificado, no centro histórico, destaca-se a Fortaleza, construída entre 1599 e 1602 para defesa contra os ataques de pirataria, a Igreja Matriz e o Farol do Cabo Sardão, construído no início do século XX.

Vila Viçosa

Vila Viçosa

Situada numa das regiões mais férteis do Sul de Portugal, Vila Viçosa conta no seu passado com alguns momentos importantes para a história do país.

Aqui foi estabelecida a Casa dos Duques de Bragança, a família nobre mais poderosa a seguir à Casa Real. O 1º Duque de Bragança foi D. Afonso, filho ilegítimo de D. João I (1385-1433). Mas a construção do Palácio Ducal, que se pode visitar actualmente, deve-se ao 4º Duque de Bragança, D. Jaime que, no séc. XVI, muito contribuiu para o desenvolvimento da vila. Durante as Cortes de 1646, D. João IV, 8º Duque de Bragança, coroou e proclamou padroeira de Portugal a imagem de Nossa Senhora da Conceição, venerada na igreja matriz. A partir desse momento os reis de Portugal deixaram de usar a coroa real.

Vila Viçosa é conhecida pela abundância de mármore na região, pois é extraído e explorado a partir de mais de 160 pedreiras, sendo internacionalmente conhecido (sobretudo o rosa).

Zambujeira do Mar

Zambujeira do Mar

Excelente miradouro sobre a praia, a Zambujeira do Mar é uma pequena povoação de pescadores onde ainda se consegue sentir a calma e a tranquilidade.

As bonitas praias são um dos principais motivos de atracção aos muitos visitantes que aqui chegam, sobretudo durante o Verão, devido às suas condições naturais ainda preservadas e para a prática de desportos náuticos.

O turismo de natureza e o desporto são as vertentes mais fortes desta região que se integra no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

A nível de eventos, uma das grandes atracções desta zona é a realização do Festival do Sudoeste, em Agosto, na Herdade da Casa Branca. Durante três dias acontecem vários espectáculos de música, atraindo então centenas de jovens.

Algarve

Albufeira

Albufeira

As ruas do centro histórico, antigo Cerro da Vila, ainda conservam o pitoresco das casas brancas, das ruas apertadas e íngremes e o encanto de um arco mourisco na Travessa da Igreja Velha, onde existiu uma antiga mesquita e a primeira igreja da vila, embora o progresso tenha transformado Albufeira numa cidade dedicada ao turismo e ao lazer.

Nos barcos que secam na praia, pintados com cores fortes que contrastam com o azul do mar, os pescadores, alheios aos turistas bronzendo-se ao sol, prosseguem, como desde há milénios, a sua faina de preparação das redes.

Um percurso pedestre à beira-mar pelo passeio marginal oferece magníficas perspectivas sobre a cidade, as praias e as formações rochosas, terminando na bonita gruta do Xorino que, segundo a tradição, foi refúgio de mouros, aquando da reconquista da vila no séc. XIII (1240).

Alcoutim

Alcoutim

A fundação e estabelecimento da vila de Alcoutim estão principalmente associados ao facto de se situar no local até onde se fazem sentir as marés do rio Guadiana, o que obrigava os barcos, que faziam o tráfego dos metais e de outros produtos da região, a aguardar durante horas pelas condições propícias para a descida do rio. Posteriormente, a sua posição estratégica, de fronteira com o vizinho Reino de Castela, exigiu necessariamente a construção de estruturas de apoio e defesa, das quais permanecem alguns vestígios.

Alcoutim, apesar de ter perdido as muralhas que durante séculos a defenderam, mantém nas suas ruas estreitas e íngremes, a atmosfera tranquila de uma vila algarvia serrana.

Um passeio de alguns minutos leva à descoberta de casas centenárias e da Igreja da Misericórdia. Para terminar importa descer até à beira-rio, marcada pela sóbria ermida de Santo António e pela antiga Casa dos Condes de Alcoutim. Depois é saborear uns momentos de repouso, na companhia de uma bebida fresca numa esplanada, enquanto se aprecia o barco de pesca que regressa ou os veleiros ancorados na pequena marina, vendo-se a povoação espanhola na outra margem do rio.

Aljezur

Aljezur

Limitado pelo mar e pela serra, o concelho de Aljezur reflecte nas suas paisagens esta dupla influência. A orla marítima é marcada por altas falésias onde se aninham areias e dunas, enquanto o interior é uma sucessão de horizontes cobertos de vegetação. Entre ambos, vales e charnecas férteis mantêm a tradição do cultivo. Percorrer o concelho é uma oportunidade de recuperar a tranquilidade e de reencontrar o silêncio, cortado pelo canto das aves ou pelas ondas embatendo nas rochas.

Aljezur é uma pequena vila da costa vicentina com casas características da arquitectura rural algarvia, em que platibandas e vãos de janela coloridos realçam as fachadas brancas.

No alto do morro as muralhas do castelo lembram o seu passado histórico, símbolo de lutas entre mouros e cristãos. Na colina, a quase cascata do alvo casario em direcção à ribeira tem à sua frente a planície, onde esta vila secular soube encontrar a sua expansão e o seu futuro.

Almancil

Almancil

Pequena aldeia algarvia que vale a visita sobretudo pela Capela de São Lourenço de Matos, cujo interior é um dos melhores exemplos de cobertura azulejar do séc. XVIII.

No espaço envolvente que mantém muito do carácter e encanto do antigo Algarve, um conjunto de edifícios antigos cuidadosamente preservados foi utilizado para alojar uma galeria de arte.

Em Almancil tem ainda a oportunidade de encontrar boas peças de cerâmica tradicional.

Alte

Alte

Aldeia mais típica do Algarve no dizer de muitos, Alte tem a sua origem na ocupação romana.

As ruas do centro histórico mantêm muito do seu carácter nas casas caiadas, nas janelas e platibandas debruadas a cor, nas chaminés rendilhadas e na tranquilidade envolvente.

O espaço em redor da igreja é um encantador "postal turístico" do verdadeiro Algarve.

Armação de Pêra

Armação de Pêra

Armação de Pêra foi, durante séculos, um povoado de pescadores atraídos pela abundância de peixe, sobretudo atum e sardinha, que depois de salgado era vendido no sul e centro do país.

No séc. XVII, para sua defesa contra os ataques dos piratas e corsários foi erguida uma pequena fortaleza numa elevação sobranceira ao mar, por iniciativa de um próspero proprietário de barcos e artes de pesca. Data de igual período a capela no seu interior, dedicada a Santo António.

Actualmente, Armação de Pêra mantém o tipicismo das fainas de pesca na Praia dos Pescadores.

Os visitantes, atraídos pelo extenso areal e águas cálidas, dão-lhe uma vida cosmopolita, animada e colorida.

Castro Marim

Castro Marim

No alto de um morro o castelo, noutra o forte em forma de estrela. Entre os dois espraiam-se as casas brancas de Castro Marim, de platibandas coloridas, açoteias e chaminés rendilhadas. Unindo a igreja, o castelo e o forte, as ruas de Castro Marim têm casas que, na sua singeleza, reflectem a típica arquitectura algarvia. O branco sempre predominante é quebrado por ocres e azuis luminosos. As platibandas dizem bem do gosto pelas formas geométricas ou pelos motivos florais.

Quem sobe ao castelo de Castro Marim, vê de um lado o mar e de outro os montes que se estendem até ao horizonte. Essas são as serras que desafiam os que apreciam os grandes espaços, se interessam por identificar aves e plantas, gostam de passeios a pé ou de bicicleta ou de contactar com a Natureza.

Faro

Faro

Foi no período romano que esta região se desenvolveu e ganhou notoriedade. Era conhecida então por Civitas Ossobonensis e os seus limites iam até à actual localidade de Tavira, compreendendo várias villae com actividades específicas industriais, rurais e marítimas. Este passado histórico é comprovado pelos achados de escavações arqueológicas na cidade, que podemos ver no Museu Arqueológico Infante D. Henrique, e pelas Ruínas de Milreu, situadas nos arredores de Faro.

No séc. IX, a localidade passa a chamar-se Santa Maria Ibn Harun, tomando o nome da família árabe que governava estes territórios. O topónimo dará origem, ao actual Faro. Durante o domínio muçulmano a prática da culto cristão foi permitido, o que explica a permanência de "Santa Maria" no nome. Para além dos vestígios arqueológicos deste período, a Porta Árabe (integrada no Arco da Vila) relembra-nos uma das entradas no núcleo amuralhado, designado por Vila-Adentro.

Vila-Adentro será conquistada definitivamente pelos cristãos em 1249, durante o reinado de D. Afonso III. Constrói-se então a Sé Catedral no local da antiga Mesquita e reforçam-se as muralhas, sinais do novo domínio.

No séc. XVI, Faro tornou-se um importante pólo comercial no Algarve, mantendo essa função durante os séculos seguintes. Foi elevada a cidade em 1540 para que fosse sede de Bispado, até então em Silves. Grande parte dos monumentos religiosos de Faro datam dessa época, reflectindo-se a riqueza económica na Igreja da Misericórdia e nos conventos de São Francisco, de Nossa Senhora da Assunção (adaptado a Museu Arqueológico Infante D. Henrique), de Santiago Maior e de Santo António dos Capuchos.

No séc. XIX, Faro foi reorganizada administrativamente centralizando os poderes regionais e tornou-se uma das cidades mais importantes do Algarve. A nobreza e a burguesia construíram as suas casas apalaçadas e as famílias mais abastadas têm uma segunda casa nos arredores, entre as quais se destaca o impressionante Palácio de Estói.

Para além do património arquitectónico já mencionado, um passeio por Faro deve incluir uma visita em família ao recente Centro Ciência Viva, um interessante espaço dedicado aos mais pequenos.

Nos arredores da cidade, importa destacar a beleza do Parque Natural da Ria Formosa.

Lagoa

Lagoa

A data da fundação de Lagoa é desconhecida. No entanto, sabe-se que a povoação nasceu à beira de uma lagoa, de onde deriva o seu nome. Encontramos alguns elementos manuelinos na vila, o que prova o seu desenvolvimento durante o séc. XVI, mas a sua história está documentada sobretudo a partir do séc. XVIII, altura em que Lagoa é elevada a vila e se forma o concelho. No séc. XVIII foi bastante destruída pelo terramoto de 1755, sendo a sua reconstrução evidente pela quantidade de monumentos e construções dessa época que podemos encontrar.

Nos finais do séc. XIX, a pesca e a indústria de conservas de peixe trouxeram a prosperidade e o dinamismo. Actualmente o papel mais importante é desempenhado pelo turismo e por uma crescente diversidade de actividades económicas.

A vila desenvolveu-se a partir da Igreja Matriz, datada do séc. XVI mas completamente reconstruída no séc. XVIII. Nas ruas de casas brancas que a circundam, pontuadas por chaminés decoradas com o típico rendilhado algarvio, ainda se respira o ambiente do passado. Um passeio pelo traçado irregular proporciona diversas perspectivas da vila, onde podemos apreciar os altares dos Passos, marcando as antigas cerimónias da Semana Santa e encontrar vários portais e janelas manuelinas que marcam o seu passado quinhentista.

O nome Lagoa difundiu-se internacionalmente sobretudo graças à boa produção de vinho branco, sendo uma das regiões demarcadas do país.

Lagos

Lagos

Lagos tem uma longa história ligada ao mar. O primitivo nome, Lacobriga, denuncia os primeiros habitantes de origem celta deste porto, cerca de 2000 anos a. C. Foram sucedidos por fenícios, gregos e cartagineses, mas foram os romanos que a fizeram crescer e prosperar. Os árabes rodearam-na de muralhas no séc. X e chamaram-lhe Zawaia. Aqui ficaram até serem conquistados pelos cristãos em 1249, ano em que a povoação foi integrada em território português.

O séc. XV foi o século de ouro de Lagos, acompanhando o início da época dos Descobrimentos. Devido à sua localização, frente a África, tornou-se o ponto de partida e chegada das naus que, ano após ano, iam descobrindo a costa desse continente. Centro do comércio dos produtos exóticos, do marfim, ouro e prata trazidos de África, Lagos viu aumentar o número de casas, de comerciantes e de monumentos.

Novas muralhas, construídas no séc. XVI, acompanharam a expansão da cidade que, desde 1572, se tornou sede de bispado e residência dos governadores do Algarve. Essas defesas foram reforçadas no séc. XVII com a construção de Fortes em pontos estratégicos. O terramoto de 1755 e o maremoto que se lhe seguiu destruíram grande parte da cidade que só a partir do séc. XIX, com a indústria de conservas de peixe e o comércio, iniciou a recuperação da sua prosperidade. A Lagos de hoje é uma cidade dinâmica e activa, orgulhosa do seu passado.

Loulé

Loulé

A fundação da cidade é incerta e longínqua no tempo, mas existem vestígios concretos de ocupação romana, de que o centro de pesca e salga de peixe do Cerro da Vila em Vilamoura são o melhor exemplo, e sabe-se que quando os mouros aqui chegaram, em 715, já existia uma vila importante.

Foi reconquistada pelos cristãos em 1249, no reinado de D. Afonso III, tendo recebido Carta de Foral em 1266. Da Idade Média restou o Castelo, cujas torres ainda encontramos no meio do casario, assim como alguns panos de muralha. Em 1291, o rei D. Dinis instituiu uma feira em Loulé, tornando-a o centro comercial da região.

Sendo uma vila do interior, não beneficiou directamente das riquezas da Época dos Descobrimentos como vários lugares do litoral, embora se encontrem pormenores decorativos manuelinos nas casas e monumentos desse tempo que a reflectem, como na Igreja de São Clemente ou na Igreja da Misericórdia. O desenvolvimento económico veio da aposta nos produtos agrícolas, sobretudo dos frutos secos (amêndoas e figos) e das produções artesanais que se mantiveram durante

séculos. Foi elevada a cidade em 1988.

Actualmente, Loulé é o centro económico do concelho mais extenso do país, onde as povoações costeiras vivem do turismo e as do interior do comércio e da agricultura. No seu perímetro, guarda alguns dos sítios turísticos mais conhecidos do Algarve, como Vilamoura ou Quarteira na costa e Salir ou Alte no interior.

Muito próximo da cidade, os amantes da natureza serão surpreendidos com os Sítios Classificados de Benémola e da Rocha da Pena que guardam um Algarve diferente, ainda com vegetação endémica e onde poderá fazer passeios organizados.

Os festejos do Carnaval de Loulé são dos mais famosos do país.

Monchique

Monchique

As casas têm a arquitectura algarvia tradicional nas paredes brancas, nas cantarias, nas manchas de cor das portas e janelas, embora exibam as típicas chaminés de saia, tão diferentes do litoral.

As ruas íngremes e estreitas deixam ver a cada passo novas perspectivas sobre a serra verdejante mostrando um certo exotismo, aumentado pela presença de caneleiras e hortensias, de árvores de fruto, evocadoras de jardins e pomares. É justificação para um prolongado passeio de descoberta de um recanto diferente do Algarve.

Monchique merece ser visitada a pé, pois para apreciar os seus encantos é preciso subir e descer ruas, espreitar horizontes vastos por entre casario, descobrir pequenos recantos de luz e tranquilidade. No fim ficará a recordação de uma vila serrana com história e carácter a que apetece regressar.

Monte Gordo

Monte Gordo

Cabanas de pescadores foram, durante séculos, o único sinal da presença humana no amplo areal rodeado de pinhais.

A beleza da sua praia, as águas seguras e cálidas atraíram os primeiros turistas estrangeiros na década de 60, dando-lhe um lugar pioneiro de desenvolvimento do turismo algarvio.

Hoje, Monte Gordo é um centro turístico internacional, com um casino entre os seus múltiplos equipamentos.

Olhão

Olhão

Para descobrir o encanto oculto de Olhão é necessário subir à torre da igreja matriz, o ponto mais alto. Então o segredo desvenda-se nas centenas de casas com o telhado substituído por um terraço: a típica açoteia algarvia. Criando um panorama único de ruas que se assemelham a uma multidão de cubos espalhados sobre um horizonte plano, juntando-se e sobrepondo-se em perspectivas múltiplas.

Percorra o bairro dos pescadores, situado entre o cais da Ria Formosa e o coração da cidade definido pela Igreja Matriz, onde ainda se mantém o pitoresco das pequenas casas brancas com platibandas decoradas com motivos geométricos. As ruas que ladeiam a Avenida da República, símbolo do urbanismo do princípio do século, mostram a cidade dos industriais e mareantes enriquecidos pelas conservas e pelo comércio.

Uma visita a Olhão deve terminar no longo cais refrescado por jardins e esplanadas. Mas antes não deixe de entrar no ambiente colorido do Mercado, onde se vende o peixe acabado de sair do mar, as frescas hortaliças ou a doce fruta vinda do interior algarvio.

Se ainda tiver tempo, as ligações regulares com as ilhas de Armona e Culatra possibilitam um agradável passeio pela Ria para conhecer os seus bonitos areais.

Portimão

Portimão

O perfil branco de uma igreja no alto da colina e as ruas estreitas do antigo bairro de pescadores e comerciantes são aspectos de Portimão que definem o seu carácter de cidade secular, a que se junta a presença do mar e do areal extenso da Praia da Rocha.

De Portimão medieval restam apenas alguns panos de muralhas ocultos pelo casario. É a arquitectura dos finais dos séc. XIX e início do séc. XX que marca o perfil do centro histórico, nas casas de dois pisos caracterizadas por varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas, remates com balaustradas de pedra e cerâmica e paredes revestidas a azulejos.

Para viver e conhecer a alma de Portimão é necessário esquecer o tempo à sombra das árvores do Jardim Manuel Bivar, vendo passar os barcos de pesca e recreio ou percorrer as ruas e praças que falam de uma cidade industriosa e activa que soube acompanhar o progresso.

Quarteira

Quarteira

Antiga aldeia de pescadores, Quarteira transformou-se nas últimas décadas num centro turístico cosmopolita, razão pela qual acolhe muitos turistas todos os anos.

Do seu passado guarda uma igreja do séc. XVII e um núcleo histórico com algumas casas típicas da arquitectura algarvia.

Sagres

Sagres

Com origem anterior à conquista romana, foi no séc. XV que Sagres ganhou grande importância.

A presença frequente do Infante D. Henrique, durante o início da navegação atlântica e da descoberta da costa africana até ao Golfo da Guiné, associou para sempre este simples porto de pesca aos Descobrimentos.

Na Ponta de Sagres, gigantesco dedo de pedra apontando para o Oceano, algumas edificações evocam ainda o passado deste local que faz parte da história do mundo, lembrando a Vila do Infante e a fortaleza que a protegia, fundadas pelo Infante D. Henrique.

Perto, no extremo sudoeste do continente europeu, fica o Cabo de S. Vicente (Promontorium Sacrum dos Romanos), onde se abre um vasto horizonte de céu e mar.

São Brás de Alportel

São Brás de Alportel

É uma vila pacata e tranquila, com uma população acolhedora. As ruas de casas brancas, em que se recorta a silhueta da torre sineira da igreja e a concha de colinas envolvendo a vila são atractivos singelos de São Brás de Alportel, típica vila algarvia.

Às casas baixas e brancas da arquitectura popular juntam-se prédios de fachadas enobrecidas por azulejos, cantarias lavradas e varandas de ferro, reveladores da opulência passada dos industriais da cortiça.

O passeio pelas ruas e praças transforma-se, assim, num percurso pela evolução urbana de São Brás de Alportel, a que pequenos pormenores como a barroca decoração do Passo da Paixão, junto ao Paço Episcopal e as flores nas janelas dão um carácter retintamente algarvio.

Silves

Silves

Situada numa colina da Serra de Monchique, Silves deve a sua fundação e desenvolvimento ao Rio Arade, importante via de comunicação que atraiu o estabelecimento de povos desde a Idade do Ferro, 3.000 anos antes de Cristo.

O Arade foi também porta de entrada para os romanos que aqui exploraram o cobre e comercializaram outros produtos, tais como o azeite, o vinho, os frutos secos e o sal.

No séc. V chegaram os visigodos que permaneceram apenas até ao séc. VIII quando o território a Sul foi ocupado pelo domínio muçulmano. Data dessa época a grande prosperidade de Silves. Foi então uma cidade importante, capital regional de um dos reinos Taifa e pólo comercial e cultural.

Tornou-se o refúgio de poetas, cientistas e outros literatos que lhe deram o título de "berço da poesia arábico-andalusa". O Castelo e o Poço Cisterna almóada são os testemunhos que nos ficaram deste tempo. O local onde se situa o poço está actualmente integrado no Museu Arqueológico de Silves.

Após uma investida fracassada dos cristãos liderados por D. Sancho I, em 1189, Silves é conquistada definitivamente por D. Afonso III, em 1242. Com a elevação de Silves a sede de bispado, construiu-se a Sé, no local da mesquita.

Até inícios do séc. XVI, manterá a sua importância económica. Na época dos Descobrimentos, muitos habitantes serviram nas caravelas do Infante D. Henrique e ajudaram na defesa das cidades portuguesas norte-africanas.

Relembramos Diogo de Silves que participou na descoberta dos Açores. Do reinado de D. Manuel I ficará a carta de Foral Novo de 1504, a Cruz de Portugal e a Igreja da Misericórdia.

O assoreamento do rio, que impediu a navegabilidade, e a mudança da sede de bispado para Faro em meados do séc. XVI foram o início do declínio desta localidade. Muito destruída com o terramoto de 1755, viria a renascer apenas com a revolução industrial, durante o séc. XIX, sobretudo devido à exploração da cortiça e à comercialização da fruta seca. Surgem então um conjunto de casas pertencentes à burguesia emergente industrial, que ainda marcam presença na paisagem urbana de Silves.

Tavira

Tavira

Foi neste local que surgiu a cidade romana de Balsa no séc. I a. C., no caminho entre Ossonoba (Faro) e Baesuris (Castro Marim), desenvolvendo-se aí a pesca e a salga de peixe. Com uma localização geográfica privilegiada, entre a serra algarvia e o curso do Rio Gilão, foi também o local eleito pelos muçulmanos para se estabelecerem entre o séc. VIII e XIII, dando-lhe o nome 'Tabira', origem do actual Tavira. No entanto, não existem provas conclusivas sobre se Balsa e Tabira eram a mesma povoação...

A Reconquista Cristã chegou a Tavira em 1242 com D. Paio Peres Correia, um cavaleiro de Sant'ago. Dois anos depois, o rei D. Sancho II doou estes territórios à Ordem para reorganização e povoamento. Ainda no séc. XIII, reforçaram-se as muralhas e o Castelo e construiu-se a Igreja de Santa Maria.

O período de grande expansão da cidade começará no séc. XV, depois da Conquista de Ceuta em 1415, que iniciou a era dos Descobrimentos. Tornou-se então um importante porto piscatório e de apoio aos exércitos e armadas que defendiam a costa portuguesa e as cidades costeiras conquistadas no Norte de África. Foi também porto de exportação de peixe salgado, frutos secos, vinho e outros produtos. Em 1489, o rei D. João II residiu aqui durante alguns meses e, em 1520, foi elevada a cidade por D. Manuel I.

Estas presenças reais reflectiram-se no enriquecimento do património e na expansão da cidade. Ao longo das margens do rio estabeleceram-se as famílias mais humildes enquanto o centro foi escolhido pelas famílias nobres, que assim ficaram perto do poder político instalado no Castelo. A Igreja da Misericórdia permanece como testemunho desta época. No séc. XVII, Tavira continua a ser o grande pólo comercial do Algarve. Data de então grande parte do património cultural, revelando também a influência do poder religioso. Ainda hoje podemos visitar 21 igrejas na cidade, de entre as quais se destacam a Igreja de São Paulo, a Igreja de Santo António, a Igreja do Carmo e a Igreja de São Francisco.

Durante o séc. XVIII, Tavira perde o poder económico que recupera apenas no século seguinte devido sobretudo à pesca do atum e à indústria das conservas.

Em Tavira, importa ainda destacar as casas tradicionais que se encontram na parte, com as suas portadas de reixa e os telhados "de tesoura". As portadas de reixa são feitas de ripas de madeira e permitem o arejamento mesmo com as janelas e postigos das portas fechados. Os telhados "de tesoura" são constituídos por pequenos telhados de quatro águas, correspondendo cada um a uma divisão da casa. "Tesoura" é o nome que se dá ao cruzamento das traves em que os telhados assentam.

Além do interesse histórico, um dos grandes atractivos de Tavira é o seu património natural. O Rio Gilão, que banha a cidade, conduz-nos até ao mar, onde encontramos a Ilha de Tavira, extenso areal com 11 km paralelo à costa e que integra o Parque Natural da Ria Formosa. Estas praias de águas tranquilas e areia branca são das mais apreciadas na costa algarvia. As ligações entre Tavira e a Ilha são feitas por carreiras (junto ao Mercado da cidade ou no sítio de Quatro Águas) e por barcos-táxi, de acordo com o estado do tempo e a disponibilidade. Não deixe de visitar Cacela Velha.

Vila Real de Santo António

Vila Real de Santo António

No séc. XVI existia, provavelmente mais perto do mar, uma Vila de Santo António de Arenilha que, no séc. XVIII, tinha desaparecido engolida pelo mar e pelas areias. Importava, porém, controlar a entrada de mercadorias pelo Guadiana, colocar sob supervisão régia as pescarias de Monte Gordo e fazer frente a Espanha, com que se estivera em guerra em 1762/63.

A construção de Vila Real de Santo António, com evidentes vantagens económicas e políticas foi, portanto, mais do que um puro acto de vontade régia.

A experiência da reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 foi, assim, ensaiada em Vila Real de Santo António. Primeiro na planificação cuidada da estrutura urbana, facilitada pelo terreno plano. Em seguida pela utilização de módulos arquitectónicos rígidos. E, finalmente, pela pré-fabricação de elementos de construção standard como as cantarias que vieram de Lisboa, em barco, talhadas e aparelhadas para imediato assentamento.

Para apreciar o plano urbanístico de Vila Real de Santo António é necessário passear pelas suas ruas. Comece pela Praça Marquês de Pombal, coração da vila, de empedrado radiante a partir do obelisco erguido em 1776. Ela contém três dos principais elementos urbanos do séc. XVIII: a igreja, a Câmara Municipal e antiga Casa da Guarda. Depois devem percorrer-se alguns quarteirões, erguidos já por iniciativa particular, mas em que é ainda aparente um formulário arquitectónico.

O fim do percurso proposto é o edifício da antiga Alfândega, junto às margens ajardinadas do Rio Guadiana.

Vila do Bispo

Vila do Bispo

Os moinhos que recordavam o facto de Vila do Bispo ser, durante séculos, o celeiro do Algarve desapareceram. Porém, continua o encanto do casario branco descendo em cascata do alto de uma colina encimada pelo vulto altaneiro da Torre da Igreja.

As estreitas ruas que circundam a igreja têm muitas casas que falam do Algarve antigo nas paredes caiadas, nas molduras coloridas e nas cantarias trabalhadas que recortam portas e janelas, na sombra que refresca os dias de calor.

Vilamoura

Vilamoura

Vilamoura é actualmente uma das maiores estâncias de lazer da Europa.

Campos de golfe, ténis, equitação, equipamentos para a prática de tiro e pesca, um casino e um aeródromo, são complementos de um complexo turístico onde a grande estrela é a marina.

Não só pela sua dimensão - a maior do país, com 1300 postes de amarração - e infra-estruturas excepcionais, mas também por ser visualmente bastante atractiva e ter um passeio entre bares, hotéis, restaurantes e um clube náutico fazem as delícias daqueles que por lá passam, a marina é a coqueluche do complexo.

Açores

Angra do Heroísmo

Angra do Heroísmo

Associada aos Descobrimentos durante os séculos XV e XVI, Angra do Heroísmo é o exemplo da criação de uma cidade intimamente ligada à sua função marítima, tendo sido porto de escala obrigatória das frotas de África e das Índias. Em 1983, a UNESCO classificou-a Património Mundial.

Passeie no quadriculado de ruas, uma expressão do novo mundo trazido pelo Renascimento e que os Descobrimentos fixaram em Angra, cidade do Atlântico nascida para o comércio e para a navegação. Visite as muralhas escuras de uma poderosa fortaleza feita para proteger e dominar. Conheça a história contada pelos seus monumentos, pelos tesouros de arte que guarda desde há séculos. São três boas razões para que a visita de Angra do Heroísmo seja uma experiência única e uma maravilhosa viagem no tempo.

Num itinerário pela cidade, não deixe de visitar a Igreja do

Santíssimo Salvador da Sé, ou Sé de Angra, a Igreja da Misericórdia, o Convento e Igreja de São Francisco, o Convento e Igreja de São Gonçalo, os Paços do Concelho, o Palácio dos Capitães Generais, o Monumento da Memória, o Castelo de São Sebastião, o Castelo de São João Baptista, o Museu de Angra e o Monte Brasil.

Horta

Horta

A cidade da Horta tem muito para ver, cenicamente construída entre duas baías, divididas pelo istmo que dá acesso ao Monte da Guia.

As suas ruas contam a história de uma cidade fundada há cinco séculos, que viu chegar as caravelas trazendo os primeiros habitantes com as suas alfaias, o gado e as sementes, assistiu ao período de prosperidade proveniente da sua posição estratégica como porto seguro entre a Europa e as Américas e, mais recentemente, foi eixo das comunicações entre continentes. Hoje é um ponto de referência obrigatório do iatismo internacional.

Visite a cidade da Horta, conheça os monumentos e os seus pontos de interesse como a Igreja Matriz de São Salvador, a Igreja e antigo Convento de São Francisco, a Igreja de Nossa Senhora das Angústias, o Museu da Horta, o Museu de Scrimshaw, o Centro do Mar, o Miradouro do Monte da Guia e da Espalamarca, a Marina da Horta e o Peter Café Sport, onde não pode deixar de provar o famoso gin tónico.

Ponta Delgada

Ponta Delgada

Ponta Delgada começou por ser um simples povoado de pescadores atraídos pelas suas enseadas seguras, mas depressa começou a desempenhar o papel de principal porto da Ilha de São Miguel.

A cidade cresceu e viu surgir durante os séculos XVII e XVIII os conventos, igrejas e casa senhoriais que ainda hoje definem o seu centro histórico.

Ponta Delgada é hoje uma cidade cosmopolita, voltada para o exterior, com uma vida económica e cultural activas. A extensa marginal, que ladeia o porto e o mar definindo o perfil da cidade, é a expressão do seu dinamismo, da adaptação aos novos tempos e também a via de acesso à cidade.

Com uma História de mais de cinco séculos e preciosos testemunhos do passado, Ponta Delgada é uma cidade multifacetada onde a tradição convive com a actualidade e o cosmopolitismo com a tranquilidade salutar da vida açoriana.

Não deixe de ver em Ponta Delgada a Igreja Matriz de São

Sebastião, a Igreja de São Pedro, a Igreja São José, o Convento e capela de Nossa Senhora da Esperança, o Tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres, o Museu Carlos Machado, as Portas da Cidade e o Jardim José do Canto.

Centro de Portugal

Abrantes

Abrantes

Situada numa encosta junto ao rio Tejo, a cidade de Abrantes foi desde sempre um local importante em termos de estratégia militar, uma vez que do seu ponto mais alto é possível apreciar um vastíssimo panorama que abrange grande parte do Rio Tejo, e se estende pela Beira Baixa, Ribatejo e Alentejo.

Foi precisamente neste sítio que os mouros construíram um castelo, que foi conquistado por D. Afonso Henriques, 1º rei de Portugal, e doado à Ordem Religiosa e Militar de Santiago de Espada para defesa e povoamento.

No séc. XIX, esta região foi invadida pelas tropas napoleónicas que a saquearam e aqui se aquartelaram, permanecendo durante cerca de quatro anos, até serem expulsos 4 anos mais tarde, numa luta que contou com a participação heróica da população e a ajuda das tropas britânicas.

Hoje em dia, Abrantes é uma cidade tranquila, em que se aconselha um passeio a pé pelas ruas de casas brancas que já foram consideradas as mais floridas do país, sem perder a oportunidade de provar os famosos doces regionais confeccionados à base de ovos e açúcar - as Tigeladas e a Palha de Abrantes.

Alcanena

Alcanena

Situada no sopé das Serras de Aire e Candeeiros, área classificada como Parque Natural, a povoação de Alcanena desenvolveu-se muito no séc. XIX, altura em que se instalaram na região diversas fábricas ligadas à indústria de curtumes. Foi uma época de prosperidade que muita riqueza trouxe a esta região, datando dos finais do séc. XIX-início do séc. XX, muitos dos belos edifícios que se podem encontrar em Alcanena.

Nas redondezas, num local extremamente fresco e verdejante estão situados os "Olhos d'Água" - as nascentes do Rio Alviela, um dos pontos em que é captada a água para abastecimento domiciliário de água à cidade de Lisboa.

Alcobaça

Alcobaça

Alcobaça está situada nos vales dos rios Alcoa e Baça, que segundo alguns escritores lhe deram o nome. Segundo outras interpretações foi a denominação desta localidade de origem árabe que se dividiu para baptizar os dois rios.

Alcobaça deve a sua fama e desenvolvimento ao Mosteiro ou Real Abadia de Santa Maria, fundado em 1153 pela Ordem de Cister, e que começou a ser construído em 1178, em terrenos doados a Frei Bernardo de Claraval, fundador da Ordem de Cister, pelo 1º rei de Portugal, D. Afonso Henriques, no cumprimento de um voto efectuado após a Reconquista Cristã de Santarém, que esteve na posse dos mouros até 1147.

O Mosteiro possuía um vasto domínio, que era também conhecido como "coutos" de Alcobaça, onde a Ordem de Cister sistematizou o povoamento, organizando vilas e quintas e dinamizou a agricultura, introduzindo novas técnicas e produtos agrícolas, características que perduraram no tempo sendo ainda hoje esta região uma das principais produtoras de fruta em Portugal.

Erigido segundo o modelo da Abadia de Claraval, casa-mãe da Ordem de Cister em França, o Mosteiro de Alcobaça é um belíssimo monumento classificado como património da humanidade pela UNESCO.

A gastronomia e a doçaria foram muito influenciadas pelos Mosteiros e conventos da Ordem de Cister existentes na região, juntando-se ao de Alcobaça, o Mosteiro feminino de Cós e o Convento dos Capuchos em Évora de Alcobaça. O doce mais conhecido é o Pão de Ló que tomou o nome da localidade onde é confeccionado - Alfeizerão.

De referir ainda o cristal de excelente qualidade, bem como as peças de olaria e cerâmica.

Alenquer

Alenquer

De origem árabe, a povoação de Alenquer foi reconquistada para os Cristãos por D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal no séc. XII, na sua investida em direcção a Lisboa, de que Alenquer dista apenas 35 kms.

Alenquer é popularmente conhecida como a vila-presépio, devido à disposição harmoniosa das suas casas numa encosta, formando como que um anfiteatro.

Em Alenquer nasceram importantes personalidades da História de Portugal como Pêro de Alenquer, navegador português do séc. XVI que dobrou o Cabo das Tormentas, e Damião de Góis, grande humanista e importante figura do renascimento em Portugal (séc. XVII).

O principal evento desta localidade é a Feira da Ascensão que se realiza anualmente em Maio ou Junho (conforme a data daquela festa móvel), atraindo muitos visitantes à região.

Almeida

Almeida

Classificada como Aldeia histórica, Almeida é uma vila fortificada que vista do ar parece uma estrela de 12 pontas, tantas quantos os baluartes e revelins que rodeiam um espaço com um perímetro de 2500 metros. Esta notável praça-forte foi edificada nos sécs. XVII-XVIII, em redor de um castelo medieval, num local importantíssimo como ponto de defesa estratégico da região, uma vez que se situa num planalto a cerca de 12 kms da linha fronteira com Espanha, definida pelo Tratado de Alcanices em 1297, data em Almeida passou a ser portuguesa.

Almeida é um dos melhores exemplares de fortificação abaluartada existente em Portugal, de que são características as muralhas em cantaria rodeadas por um vastíssimo fosso que dificultava a passagem dos invasores, os baluartes estrategicamente colocados que permitiam a observação de todo o território em redor, as três portas abertas em túnel e abobadadas, as portas falsas para enganar invasores, as casamatas subterrâneas que, dotadas de todo o tipo de serviços necessários à sobrevivência em caso de guerra, poderiam servir de abrigo a toda a população.

Almeida foi palco de lutas ao longo dos séculos, destacando-se as Guerras da Restauração (séc. XVII), em que os espanhóis foram definitivamente afastados do trono de Portugal, e as invasões francesas no séc. XIX em que esteve cercada durante um longo período pelas tropas napoleónicas, tendo o seu castelo e parte da muralha sido gravemente danificados pela explosão de uma enorme quantidade de pólvora armazenada nos paíóis, o que provocou a sua rendição.

No interior da fortificação, vale a pena visitar o conjunto harmonioso do casario, e numerosos edifícios religiosos e civis espalhados por ruas estreitas que conservam a atmosfera de outros tempos.

Arruda dos Vinhos

Arruda dos Vinhos

Fundada no séc. XII por D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal, a localidade de Arruda dos Vinhos foi doada por este rei à Ordem Religiosa e Militar de Santiago de Espada para defesa e povoamento.

Tradicionalmente uma região agrícola, Arruda dos Vinhos é uma vila tranquila, em que merecem uma visita a Igreja Matriz e a Ermida de Nossa Senhora do Monte.

Aveiro

Aveiro

Junto à Ria, vasta bacia lagunar onde as águas doces do rio Vouga se misturam com as águas do mar, Aveiro, cortada por ruas aquáticas onde deslizam os coloridos barcos moliceiros, é uma das cidades mais interessantes do litoral português.

A sua fundação terá ocorrido ao tempo do imperador romano Marco Aurélio. Devido à existência de numerosas aves palmípedes que povoavam esta área lagunar, o seu primeiro nome terá sido Aviarium.

D. João I (r.1383-1433) doou a povoação a seu filho, o infante D. Pedro que ordenou a construção das suas primeiras muralhas, entretanto desaparecidas. Mais tarde, D. João II (r. 1481-1495), fez dela doação a sua irmã, a Infanta D. Joana, recolhida no convento de Jesus, que hoje é o Museu de Aveiro.

No séc. XVI, o desenvolvimento da indústria do sal, da agricultura e da pesca e as primeiras campanhas de pesca na longínqua Terra Nova em 1501 trouxeram a Aveiro uma época de prosperidade que lhe valeu o foral de 1515, outorgado pelo rei D. Manuel I. Porém, no Inverno de 1575, fortes tempestades destruíram o profundo canal de comunicação entre a ria e o mar, por onde transitavam os grandes navios que aportavam em Aveiro, destruindo o comércio marítimo, a pesca e a actividade salineira.

No séc. XIX foi construída a Barra Nova. A sua abertura para o Oceano, em 1808, originou a formação de um largo canal de com cerca de 264 m de largura e entre 4 e 6 de profundidade, que abriu a Ria para o mar reconstituindo a fonte da vida e da sobrevivência da região.

A Ria comunica com Aveiro através de 3 canais: o das Pirâmides (marcado à entrada por duas pirâmides de pedra), que se prolonga no canal Central, o canal de São Roque, que limita a cidade a Noroeste e a separa das salinas; e o canal dos Santos Mártires (ou do Paraíso) que corre para Sudoeste.

A partir do canal Central eixo de referência da cidade, pode construir dois itinerários em Aveiro: - na Margem Esquerda, veja os graciosos edifícios Arte Nova, reflectidos no canal, deambule pelo Mercado do Peixe, pelo bairro da Beira Mar e junto das margens dos canais absorvendo a brisa leve da maresia; - na

Margem Direita, visite o Museu de Aveiro, no Convento de Jesus. Monumentos e igrejas, uma vida cidadina que se move sob a luz translúcida da Ria completam a sedução desta cidade litoral.

Evidentemente que é indispensável conhecer a Ria de Aveiro. Nos dois circuitos propostos ficará a conhecer o labirinto dos canais, as dunas brancas junto ao mar, as extensões imensas de marinhas com as suas pirâmides de sal. Se gosta de passear a pé pela Natureza, a Reserva Natural das Dunas de São Jacinto, é uma proposta irrecusável.

Batalha

Batalha

A localidade da Batalha cresceu a par do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, cuja construção teve início em 1386, e que foi erigido em cumprimento de um voto de D. João I, rei de Portugal, que prometeu a Nossa Senhora a sua construção caso Portugal derrotasse Castela na Batalha de Aljubarrota em 14 Agosto de 1385. Anualmente em Agosto, realizam-se grandiosos festejos junto ao mosteiro que comemoram esta vitória.

Obra-prima do gótico português, o Mosteiro da Batalha é um magnífico exemplar arquitectónico em que se misturam várias influências decorrentes do seu extenso período de construção que se estendeu por vários reinados.

No interior destacam-se a Capela dos Fundadores com magníficos vitrais, os claustros, as Capelas Imperfeitas ou inacabadas, profusamente decoradas com elementos em estilo manuelino e gótico flamejante, e a Sala do Capítulo.

Em redor do Mosteiro, conservam-se algumas casas setecentistas, uma delas convertida em Pousada, e merece especial referência a Igreja Matriz, com um belíssimo portal Manuelino.

Belmonte

Belmonte

As ruas desta antiga povoação -o primeiro foral foi-lhe concedido por D. Sancho I em 1199- conduzem ao alto de um monte onde se ergue a massa granítica do antigo castelo. Um documento datado de 1258 descreve as linhas desta construção: uma alta torre de menagem, muralhas e baluartes e a residência dos seus alcaides. Interrompendo a austera arquitectura defensiva, recorta-se no pano poente da muralha, uma elegante janela manuelina geminada que termina com a representação de um dos símbolos de D. Manuel, a esfera armilar, e o escudo dos Cabrais, com a representação de duas cabras. Esta ilustre família, tem como corolário dos seus heróis Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil em 1500, que nasceu em Belmonte em 1467.

Junto do castelo encontra-se a pequena igreja romano-gótica

dedicada a São Tiago. No interior, uma Pietá esculpida em granito e comovente na sua beleza rude integra-se harmoniosamente na simplicidade da arquitectura do templo. Um anexo à igreja abriga o panteão dos Cabrais, embora as cinzas de Pedro Álvares Cabral se encontrem na Igreja da Graça, em Santarém.

Em Belmonte fixou-se uma importante comunidade judaica, que aumentou substancialmente no séc. XV quando os Reis Católicos de Espanha publicaram o Édito de expulsão dos judeus em 1492, o qual viria a ser seguido pelo rei de Portugal em 1496. Durante esse período, muitos judeus vindos de Espanha estabeleceram-se nas localidades perto da fronteira, como foi o caso de Belmonte. As casas situavam-se, como era regra, fora das muralhas do castelo, no Bairro de Marrocos, onde ainda se vêem, gravados na pedra junto das portas, símbolos das profissões exercidas pelos membros da comunidade, como a tesoura que identifica o alfaiate.

Belmonte preserva o seu ambiente medievo tão exemplarmente quanto os judeus preservaram em segredo orações, tradições e costumes desde essa época até aos nossos dias mais tolerantes, que permitiram a abertura ao culto de uma nova sinagoga, Bet Eliahu.

Na estrada para a Guarda encontra-se à esquerda a Torre de Centum Cellas, curiosa construção de que ainda não se conhece ao certo a origem.

Bombarral

Bombarral

Numa região em que a actividade agrícola é dominante, com uma tradição que remonta ao séc. XIV, em que esta área estava inserida na Granja do Mosteiro de Alcobaça e era cuidada pelos frades, o Bombarral é conhecido como centro produtor de frutas e vinhos, facto patente no seu brasão ornamentado com um cacho de uvas.

Os dois eventos mais importantes da localidade também testemunham este factor, como é o caso do Festival do Vinho Português em Julho e da Feira da Pêra Rocha em Agosto.

Esta ligação é ainda testemunhada pelos painéis de azulejos do início do séc. XX que revestem as paredes da Estação dos Caminhos de Ferro e que reproduzem cenas relacionadas com as vindimas e a preparação dos vinhos.

Esta é portanto uma excelente introdução para a visita da zona, em que os principais edifícios são os solares e as quintas, destacando-se na arquitectura religiosa a Igreja da Madre de Deus e a Ermida de São Brás.

Buçaco

Buçaco

Ampla e majestosa floresta, a Serra do Buçaco é um verdadeiro jardim botânico onde se poderão encontrar cerca de 700 espécies nativas e exóticas, protegidas por um Decreto papal do séc. XVII que ameaçava de excomunhão quem lhes causasse danos. De entre as espécies destaca-se o Abeto do Cáucaso, o Cedro do Buçaco ou a Sequóia sempre verde (árvore de grande porte que pode atingir os 100m de altura).

Foi no séc. XVI, que o Vigário Geral dos Carmelitas Descalços achou este o local ideal para constituir um ermo, isto é, um local onde os frades se pudessem dedicar à vida contemplativa em contacto com a Natureza. Assim, mandaram aqui erigir um modesto convento, e várias ermidas e capelas penitenciais espalhadas pela Mata, que em conjunto com os numerosos lagos e cruzeiros dão a este local um ambiente mágico. A beleza deslumbrante da Serra, em que se destacam locais como o Vale dos Fetos e a Fonte Fria, poderá ser admirada do Miradouro da Cruz Alta.

Do convento original, hoje apenas se podem visitar os claustros, a capela e algumas celas, uma vez que, parte da sua área deu lugar no séc. XIX, a um palácio em estilo neo-manuelino, hoje convertido num Hotel de luxo.

No séc. XIX, a Serra do Buçaco foi palco da vitória dos Portugueses sobre as tropas invasoras de Napoleão, facto que é relembrado num obelisco e no Museu Militar, e que é celebrado anualmente a 27 de Setembro.

Cadaval

Cadaval

Pitoresca vila cercada de vinhas e pomares, o Cadaval é uma região em que a agricultura continua a ser a actividade preponderante, destacando-se as extensas vinhas e os pomares.

Nas redondezas, na Serra de Montejunto (a principal elevação desta zona), pode-se visitar a Ermida de Nossa Senhora das Neves do séc. XIII, e as ruínas da Real Fábrica do Gelo, onde no séc. XVIII o gelo era recolhido em profundos vales e armazenado em tanques, até ser posteriormente transportado para Lisboa, para abastecimento da corte e dos cafés.

As condições naturais da região permitem a prática de diversas modalidades de Turismo Activo como a asa delta, espeleologia e os passeios pedestres.

Dos principais eventos desta região, que é predominantemente vinícola, destaca-se naturalmente a Festa das Vindimas em Setembro, em que além de exposições e recreação de toda a etnografia relacionada com as vindimas, inclui mostras de gastronomia.

Caldas da Rainha

Caldas da Rainha

Deve o seu nome à nascente termal muito apreciada pela Rainha D. Leonor esposa de D. João II, rei de Portugal no séc. XV, que teve ocasião de comprovar as propriedades curativas destas águas quando estas lhe sararam uma ferida que há muito tempo não cicatrizava, depois de experimentar diversos tratamentos.

Como já naquela época estas águas eram muito procuradas pela população local, que nelas se banhava para curar os seus males, e para que se pudessem tratar com algum conforto, a Rainha mandou aqui construir um Hospital, à volta do qual se formou a povoação que assim ficou conhecida como "Caldas da Rainha".

A vila continuou a crescer, conhecendo o seu auge no final do séc. XIX e início do séc. XX, época em que era moda fazer uma temporada numa estância termal, sendo as Caldas da Rainha um dos locais eleitos pela nobreza e aristocracia.

Durante a 2ª Guerra Mundial esta cidade foi também o refúgio escolhido por muitos estrangeiros perseguidos pelo regime nazi.

Nas Caldas, nasceram figuras importantes da cultura portuguesa, destacando-se o pintor José Malhoa (séc. XIX) cuja obra poderá ser apreciada no Museu com o seu nome situado no Parque Termal, e também Rafael Bordalo Pinheiro, caricaturista do séc. XIX, que fundou a Fábricas de Faianças das Caldas da Rainha onde se começou a fabricar a popular loiça das Caldas, cujas peças mais conhecidas são aquelas que inserem características de humor.

Castelo Branco

Castelo Branco

Foi no monte da Cardosa, ocupado por colonos romanos, que Castelo Branco teve a sua origem, com o nome de Albi Castrum. Em 1214, D. Afonso II doou esta parte do território à Ordem dos Cavaleiros do Templo, encarregando-os do seu povoamento e defesa, para o que construíram o castelo, o núcleo da nova localidade que se desenvolveria lentamente. Em 1285, D. Dinis e a rainha Santa Isabel aqui pernoitaram enquanto visitavam a região, com o objectivo de conhecer e alargar as fortificações raianas.

Em 1510 D. Manuel concedeu Foral Novo a Castelo Branco, estando o documento original guardado na Câmara Municipal. A Misericórdia foi fundada e algumas ordens religiosas estabeleceram-se, destacando-se a acção dos Frades Agostinhos, no Convento da Graça, e dos Frades Capuchos, instalados no Convento de Santo António.

Em 1535, D. João III concede-lhe o título de "Vila Notável" e no final do século, o bispo da Guarda, D. Nuno de Noronha, edifica o Paço Episcopal, destinada a residência de Inverno dos preladados.

O Paço manter-se-á como um dos limites do perímetro urbano e como o ex-libris da cidade até aos nossos dias. Actualmente é o importante Museu Francisco Tavares Proença Júnior, onde se guarda a história das tradicionais Colchas de seda de Castelo Branco.

Em 1771, D. José I reconheceu o desenvolvimento comercial e a importância desta localidade quando criou a diocese de Castelo Branco, elevando-a a cidade e adoptando a Igreja de São Miguel como Sé, centro de uma nova área urbana marcada por uma burguesia emergente que aqui construirá os seus palácios e solares.

Depois de um período conturbado pelas Invasões Francesas, que aqui tiveram um dos seus palcos de batalha, a inauguração da linha de caminho de ferro em finais do séc. XIX transformará Castelo Branco num centro industrial importante para o desenvolvimento regional, sobretudo na área dos têxteis, tradição que soube manter até hoje.

Castelo Branco vê-se facilmente num dia, valendo a pena trepar pelas ruas íngremes até ao recinto do Castelo para abarcar o vasto horizonte da paisagem em redor.

Castelo Mendo

Castelo Mendo

Edificado no alto de um monte num ponto de defesa estratégica, sobre vestígios datados da Idade do Bronze e da época Romana, Castelo Mendo é uma aldeia histórica rodeada de muralhas reconstruídas no séc. XII por ordem de D. Sancho I rei de Portugal.

Em 1229, D. Sancho II mandou ampliar o castelo, e concedeu Carta de Feira à povoação, ordenando que esta se realizasse 3 vezes por ano. Foi esta a 1ª feira a realizar-se regularmente no reino de Portugal, tendo D. Dinis em 1281 ordenado que passasse a ser feira franca com periodicidade anual. Existe ainda na aldeia, o Alpendre da Feira no local em que a mesma se teria realizado.

O nome da povoação deve-se ao primeiro alcaide D. Mendo Mendes nomeado por D. Dinis no séc. XIV, sendo possível distinguir numa das paredes da antiga Casa da Cadeia uma escultura em pedra, que segundo a tradição popular representa o Mendo, e numa outra casa próxima a representação da Menda, sendo por isso designada Casa da Menda, que seria a esposa de Mendo.

A povoação rodeada de muralhas com seis portas medievais (a principal ladeada por 2 berrões), é constituída por casas simples em pedra, originalmente de dois andares, destinando-se o piso térreo ao gado, e o piso superior a habitação. As ruas extremamente estreitas, facilitavam a defesa da povoação que foi palco de lutas durante as guerras em que Portugal participou, especialmente aquelas que envolveram portugueses e

espanhóis.

Recentemente a aldeia tem vindo a ser recuperada, readquirindo algumas das características originais, constituindo uma verdadeira viagem ao passado atravessar os muros que a circundam.

Castelo Novo

Castelo Novo

Enquadrada no soberbo anfiteatro que forma a Serra da Gardunha, Castelo Novo surpreende pelos belos exemplares de casas senhoriais que foram propriedade de famílias nobres da região.

Ao seu castelo, edificado no s. XII e que sofreu grandes estragos com o terramoto de 1755, foi dado o nome de "novo", já que existia nas imediações um outro que foi abandonado por não possuir boas condições para a defesa do sítio. Assim se explica que a aldeia tenha tomado o nome de Castelo Novo.

No Largo da Bica o edifício medieval dos Paços do Concelho oferece à vista várias notas curiosas, nomeadamente um chafariz barroco (s. XVIII) adossado à frontaria de granito, encimado pelas armas do rei D. João V, que introduz uma nota algo dissonante na simplicidade medievla do edifício.

Por trás, como que sentinela protectora e atenta, a antiga torre de menagem do castelo, despojada das suas funções guerreiras, indica as horas à população da aldeia. De uma vida comunal que o tempo apagou subsiste a Lagariça, enorme lagar cortado na rocha onde durante séculos se pisou o vinho para os habitantes da aldeia.

Mesmo ao lado de Castelo Novo não deixe de visitar a bonita vila de Alpedrinha.

Castelo Rodrigo

Castelo Rodrigo

Do topo de uma colina, a pequena aldeia de Castelo Rodrigo domina o planalto que se estende para Espanha, a leste, até ao vale profundo do Douro, a norte. Segundo a tradição, fundou-a Afonso IX de Leão, para doá-la ao conde Rodrigo Gonzalez de Girón, que a repovoou e lhe deu o nome. Com o Tratado de Alcanices, assinado em 1297 por D. Dinis de Portugal, rei e poeta, passou para a coroa portuguesa.

Castelo Rodrigo conserva as marcas de alguns episódios de disputa territorial. O primeiro deu-se menos de cem anos após a sua integração em Portugal, durante a crise dinástica de 1383-1385. D. Beatriz, única filha de D. Fernando de Portugal estava casada com o rei de Castela. Por morte de seu pai, e com a sua subida ao trono, Portugal perderia a sua independência a favor de Castela. Castelo Rodrigo tomou partido por D. Beatriz,

mas D. João, Mestre de Avis veio a vencer os castelhanos na Batalha de Aljubarrota, em 1385 e por esse feito foi coroado rei de Portugal com o nome de D. João I. Como represália pelos senhores de Castelo Rodrigo terem tomado o partido por Castela, o novo rei ordenou que o escudo e as armas de Portugal fossem representados em posição invertida no seu brasão de armas.

Mais tarde, no s. XVI, quando Filipe II de Espanha anexou a Coroa Portuguesa, o Governador Cristóvão de Mora tornou-se defensor da causa de Castela, vindo a sofrer a vingança da população que lhe incendiou o enorme palácio em 10 de Dezembro de 1640 logo que lá chegou notícia da Restauração (ocorrida a 1 de Dezembro) , ficando desta história antiga as ruínas no alto do monte, junto ao castelo.

Lugar de passagem dos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, contam as lendas que o próprio S. Francisco de Assis aqui teria pernoitado na sua peregrinação ao túmulo do Santo.

Revolvida à sua quietude, Castelo Rodrigo merece uma visita pelas suas glórias passadas, pela beleza e limpidez do lugar, pelo seu casario intra-muros, pelo seu pelourinho manuelino e ainda pela comovente imagem de Santiago Matamouros guardada na igreja do Reclamador.

Celorico da Beira

Celorico da Beira

Celorico da Beira situa-se a 550 m de altitude, no sopé da Serra da Estrela e é atravessado pelo Rio Mondego. Uma visita por esta zona constitui uma contínua descoberta de séculos de história, num ambiente de montanha recortada por ribeiros e levadas de água cristalina, onde predomina o granito.

O Castelo, ex-libris de Celorico da Beira, de arquitectura militar, estilo romântico-gótico, (séc. X), de traçado irregular, correspondente à Cidadela. Visite também a Igreja da Misericórdia, cuja fachada é um belo exemplo da arte joanina, e que no interior exhibe um rico altar-mor, bem como pinturas de Isidro Faria. Ainda a salientar é a altivez barroca da Igreja Matriz de Santa Maria, erguida sobre o casario baixo do bairro antigo do Castelo. Nas suas ruas estreitas merece destaque urna rara colecção de portais góticos e janelas manuelinas.

Coimbra

Coimbra

Em tempos longínquos o local foi ocupado pelos Celtas mas foi a romanização que transformou esta região culturalmente. A sua presença permanece nos vários vestígios arqueológicos guardados no Museu Nacional Machado de Castro, construído sobre o criptopórtico da Civita Aeminium, o forum da cidade romana. Depois vieram os visigodos entre 586 e 640, alterando o nome da localidade para Emínio. Em 711, passa a ser uma cidade mourisca e moçarabe. Em 1064 é conquistada pelo cristão Fernando Magno e governada pelo moçarabe Sesnando.

A cidade mais importante ao Sul do Rio Douro, é durante algum tempo residência do Conde D. Henrique e D. Teresa, pais do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, que aqui nasceu. Por sua mão é integrada em território português em 1131. Datam desse tempo, em que Coimbra foi capital do reino, alguns dos monumentos mais importantes da cidade: a Sé Velha e as igrejas de São Tiago, São Salvador e Santa Cruz, em representação da autoridade religiosa e das várias ordens que aqui se estabeleceram.

Foi em Coimbra que aconteceu o amor proibido de D. Pedro I (1357-67) e da dama de corte D. Inês, executada por ordem do rei D. Afonso IV, que viu nesse romance o perigo de uma subjugação a Castela. Inspirando poetas e escritores, a sua história continua a fazer parte do património da cidade.

Durante o Renascimento, Coimbra transformou-se num lugar de conhecimento, quando D. João III (1521-57) decidiu mudar definitivamente a Universidade para a cidade, ao mesmo tempo que se criavam inúmeros colégios em alternativa ao ensino oficial.

No séc. XVII os jesuítas chegaram à cidade, marcando a sua presença com a construção da Sé Nova. No século seguinte, a obra régia de D. João V (1706-50) enriquecerá alguns dos monumentos de Coimbra e sobretudo a Universidade e o reinado de D. José I (1750-77) fará algumas transformações pela mão do Marquês de Pombal, sobretudo no ensino.

No início do séc. XIX as Invasões Francesas e as guerras liberais portuguesas iniciarão um período conturbado, sem grandes desenvolvimentos para a cidade. Desde então foram os estudantes que a recuperaram e transformaram na cidade universitária por excelência em Portugal.

Vários percursos são possíveis para conhecer todo o património existente em Coimbra. Seguindo o plano da cidade até ao séc. XIX, sugerimos que comece com dois passeios, um pela Alta e outro pela Baixa de Coimbra.

Constância

Constância

Situada na confluência de dois rios - o Tejo e o Zêzere - Constância tem uma fisionomia característica que lhe é conferida pelo casario branco implantado harmoniosamente numa encosta.

Foi a sua localização geográfica que moldou as características desta vila que no séc. XIV era um importante porto fluvial e um entreposto comercial movimentado.

Constância tem o seu nome ligado ao de Luís Vaz de Camões, grande poeta português do séc. XVI, autor dos "Lusíadas", que aqui viveu durante algum tempo. Anualmente no dia 10 de Junho realizam-se as "Pomonas Camonianas", festas que retratam a época medieval, em que a vila presta homenagem ao seu Poeta.

Outro evento anual que atrai muita gente a Constância são as Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem, que têm lugar por altura da Páscoa, em que a povoação se apresenta no seu maior esplendor, com as ruas enfeitadas com papéis coloridos e animadas pelas muitas tasquinhas que se encontram um pouco por toda a parte. O ponto alto desta Festa é a 2ª feira a seguir à Páscoa, em que tem lugar uma procissão de barcos ornamentados.

Covilhã

Covilhã

Entre rios e serras, a cidade da Covilhã é uma das portas de entrada na Serra da Estrela.

Terra de pastores lusitanos na origem, foi reconquistada aos mouros pelo rei D. Sancho I que a protegeu com muralhas e afirmou-se como ponto estratégico durante a Idade Média, sobretudo com o rei D. Dinis, quando este pôs em prática o reforço da defesa do território.

Esta vila realenga, título concedido por D. Manuel que lhe deu foral novo em 1510, foi também terra de descobridores. O Infante D. Henrique, o Navegador, recebeu de seu pai, o rei D. João I, o título de Senhor da Covilhã, depois de conquistar Ceuta em 1415.

Aqui nasceu Pêro da Covilhã, explorador que o rei D. João II mandou ao Oriente e cujas informações tornaram mais certa a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama.

Uma das referências obrigatórias na Covilhã é a arte dos lanifícios, iniciada ainda no tempo de D. Sancho I e desenvolvida pela comunidade judaica que aqui se instalou desde então e permaneceu até ao séc. XV. A indústria de têxteis, que produziu todas as fardas do exército português durante o reinado de D. João V, ganhou um novo impulso em 1763 sob a acção de

Marquês de Pombal que aqui fundou a Real Fábrica de Panos, tornando-se o maior centro de produção de lanifícios de todo o país. O crescimento económico que daí resultou levou a que em 1870 a Covilhã se elevasse a cidade.

Uma visita ao património não dispensa a antiga Judiaria, com as suas ruas estreitas e janelas manuelinas, a Capela de São Martinho, a Capela de Santa Cruz e o Museu dos Lanifícios.

Na Covilhã e nas proximidades, fique a conhecer a Terra dos Castelos, das Aldeias Históricas, a Rota da Lã, a Rota das Antigas Judiarias e o Parque Natural da Serra da Estrela fazendo um dos percursos que lhe dão a conhecer o património natural e cultural desta região.

Entroncamento

Entroncamento

O Entroncamento desenvolveu-se a partir dos finais do séc. XIX, em redor da mais importante estação de comboio do país, no ponto de encontro das linhas de Caminho de Ferro do Norte e do Leste. O nó ferroviário atraíu e fixou nesta localidade trabalhadores vindos de todas as partes do país que viviam nos chamados bairros ferroviários, de pequenas casas, enfeitadas com flores.

Por toda a parte encontram-se evocações desta estreita ligação entre os comboios e a cidade, de que é exemplo o jardim público em que uma locomotiva antiga compõe a decoração e é utilizada como Posto de Turismo.

Na gastronomia destacam-se pratos que, tal como a sua população, têm raízes noutras regiões do país, de que são exemplo as açordas, o bacalhau assado com batatas a murro, as feijoadas ou os doces, como o pão-de-ló e as tigeladas.

Fátima

Fátima

De origens remotas, foi o domínio árabe que marcou o desenvolvimento do lugar e lhe deu o nome. Segundo a lenda, durante a Reconquista Cristã o cavaleiro templário Gonçalo Hermingues, conhecido por Traga-Mouros, apaixonou-se por Fátima, uma moura cativa durante uma emboscada. Correspondendo ao amor, a jovem converteu-se ao cristianismo tomando o nome de Oureana.

No séc. XVI, a localidade foi elevada a paróquia da colegiada de Ourém, integrando-se então na Diocese de Leiria.

A localidade desenvolveu-se bastante a partir do acontecimento das Aparições de Fátima, no início do séc. XX, transformando-se num dos maiores centros do culto mariano em Portugal, reconhecido mundialmente pela Igreja Católica.

A 1ª aparição teve lugar em 1917, no lugar da Cova da Iria, onde se situa actualmente o Santuário. As maiores manifestações dos devotos ocorreram a 13 de Maio (onde se destacam a Procissão das Velas, no dia 12 à noite, e a Procissão do Adeus, no dia 13, que encerra as celebrações) e a 13 de Outubro. No entanto, entre estas duas datas, todos os dias 13 são de devoção.

Relacionado com o culto a Nossa Senhora de Fátima, podem visitar-se as casas onde viveram os pastorinhos videntes, na aldeia de Aljustrel.

No quintal da Casa de Lúcia, um monumento assinala a 2ª aparição do Anjo da Paz e o fim da Via Sacra, iniciada no Santuário. Ao longo da via existem 14 capelinhas oferecidas pelos católicos húngaros refugiados no Ocidente. Destaca-se a passagem por Valinhos, a 400 metros da aldeia, onde monumentos assinalam o local da 4ª aparição em 1917 e a Loca do Anjo, onde em 1916 os pastorinhos viram o Anjo da Paz da 1ª e 3ª vezes.

Ferreira do Zêzere

Ferreira do Zêzere

Situada entre uma grande mancha florestal e o rio Zêzere, que aqui se transforma no enorme lago azul da albufeira da Barragem do Castelo de Bode, Ferreira do Zêzere é uma vila tranquila, em que se destacam algumas casas apalaçadas e a Igreja Matriz, cujo interior contém bela talha dourada, pinturas, esculturas e cadeiras setecentistas.

Nas proximidades, o destaque vai naturalmente para a Albufeira de Castelo de Bode onde se pode praticar uma grande variedade de desportos náuticos, simplesmente repousar ou visitar as aldeias pitorescas cercadas pelas águas, de que é exemplo Dornes, com o seu casario branco e a torre pentagonal erigida pelos Templários.

Na gastronomia é de salientar o cabrito com grelos e o leitão à ferreirense.

Figueira da Foz

Figueira da Foz

A Figueira da Foz, assim chamada por se situar na foz do Rio Mondego, é uma das principais estâncias de veraneio da região centro. Cosmopolita e cheia de vida, ganhou importância desde finais do séc. XIX em que "ir a banhos à Figueira" era um hábito entre a aristocracia do Centro de Portugal.

A Figueira da Foz possui uma vasta oferta hoteleira, um casino fundado em 1900 e uma excelente praia que possui um enorme areal e oferece as condições ideais para a prática de desportos náuticos, tendo aqui lugar provas dos campeonatos de vela e de motonáutica.

Nas redondezas, vale a pena subir a Serra da Boa Viagem e

apreciar o panorama a partir do Miradouro da Vela, podendo apreciar a cidade e as Salinas do Mondego, e em dias de boa visibilidade pode-se vislumbrar a orla marítima até às Ilhas Berlengas.

Fundão

Alpedrinha

Situada na encosta sul da Serra da Gardunha e protegida dos ventos do Inverno, em Alpedrinha o ar é duma total limpidez.

Os romanos chamavam-lhe Petratina e talvez tenha desaparecido com eles o mistério de um túnel que começa numa das ruas de Alpedrinha e acaba ninguém sabe onde, pois a sua escavação poderia pôr as casas em perigo.

Apesar de ter sido devassada durante as invasões napoleónicas, Alpedrinha conserva exemplares antigos de arquitectura nobre e popular nas suas pitorescas ruas, entre jardins e pomares. Casas populares com varandas de madeira decoradas com vasos de sardinheiras e escadinhas com alpendre, o grande Chafariz Real, barroco, que recorda D. João V, a harmoniosa igreja da Misericórdia, a fachada palatina da Casa da Comenda, de fundação muito antiga, a capela do Leão cujo decoração do pórtico se atribui ao escultor Nicolau de Chanterenne e outras edificações exemplares dos sécs. XVII e XVIII, são motivos que não deixarão de encantar quem passa por esta povoação.

Guarda

Guarda

Situada numa das encostas da Serra da Estrela, é a cidade do país a um nível de altitude mais elevado, a 1056 metros. Este facto contribuiu para que fosse uma praça de guerra por natureza desde a pré-história, ideal para o estabelecimento das populações castrejas e mais tarde dos romanos.

Reconhecido como importante baluarte fronteiriço, em 1199 D. Sancho I fundou a cidade da Guarda, elevando-a a sede de Bispado com Sé Catedral. Construído o castelo, as muralhas foram reforçadas por D. Afonso II e D. Afonso III, cujos troços, integrados no casario, ainda são visíveis na Torre de Menagem, na Torre dos Ferreiros e nas Portas da Erva e d'El Rei. De relembrar algumas presenças reais na Guarda: D. Dinis residiu aqui depois do seu casamento em Trancoso, com D. Isabel de Aragão, D. Fernando procurou este clima para se curar de uma doença pulmonar e D. Afonso V realizou as Cortes de 1465.

Em 1510, o foral da cidade foi renovado por D. Manuel I. Ainda no séc. XVI, o bispo D. Nuno de Noronha, empenhado em renovar a vida eclesiástica, realiza algumas obras de grande valor, entre as quais se destaca o Seminário e o Paço Episcopal, hoje transformado em Museu da Guarda.

Durante o séc. XVIII, a Guarda reflecte modestamente a política

régia de ostentação com a reconstrução da Igreja de São Vicente e da Igreja da Misericórdia. Com o séc. XIX iniciou-se um período de transformação para a cidade. Depois das Invasões Francesas que desolaram a área fronteiriça, a Guarda é elevada a capital de distrito em 1835 e em 1881 recupera a jurisdição do efémero bispado de Pinhel e do de Castelo Branco, ambos criados pelo Marquês de Pombal. O melhoramento das vias de comunicação e a renovação de infra-estruturas ajudaram a resolver o problema da interioridade que ameaçava esta região e a abrir as portas ao progresso e ao desenvolvimento, sem, no entanto, eliminar por completo as carências regionais.

Idanha-a-Velha

Idanha-a-Velha

A sucessão de ocupações de diferentes povos legaram a Idanha-a-Velha um valioso património histórico.

Quem visita a modesta aldeia actual e observa o seu ritmo pacífico terá dificuldade em imaginar que se encontra na antiquíssima e florescente Civitas Igaeditanorum romana que se situava na grande estrada peninsular que ligava Emerita (Mérida), a Braccara (Braga); na Egitânia, sede de bispado da época visigótica (s. VI-VII), que cunhou moeda de ouro para quase todos os reis visigodos, de Recaredo a Rodrigo; na Idânia muçulmana (s. VIII-XII) quando atingiu uma grande dimensão e era uma cidade rica, quase tão rica quanto Lisboa.

Depois foi o tempo das lutas entre cristãos e muçulmanos no primeiro século da nacionalidade portuguesa, quando D. Afonso Henriques a doou à Ordem dos Templários para seu repovoamento. D. Sancho I, seu filho, deu-lhe o primeiro foral em 1229, reconhecendo-lhe ainda a importância estratégica.

Com o tempo e a deslocação dos grandes eixos estratégico-militares foi perdendo a grandeza. Mas não perdeu a sua atmosfera de tempos passados, sendo como que um museu aberto para quem faz turismo com motivações culturais que aqui encontra para sua orientação um percurso devidamente assinalado.

Ílhavo

Ílhavo

A cerca de 3 km de Aveiro, tomando a E.N. 109 na direcção do sul, encontra-se Ílhavo, antiga Illabum que porventura terá sido fundada pelos Gregos. Tal como Aveiro, localiza-se nas terras baixas banhadas pelos braços da ria que o rio Vouga desenha quando chega ao mar. Esta geografia peculiar condicionou desde tempos recuados a actividade dos seus habitantes, atraindo-os para as fainas da pesca e à longínqua Terra Nova em busca do bacalhau. Merece visita o Museu Marítimo com uma admirável mostra dedicada à ria e ao mar, a não deixar esquecer como eram as velhas embarcações que deslizavam pela ria, os

instrumentos náuticos e os variados aparelhos de pesca.

De passagem pela igreja matriz, datada de 1785 e dedicada a S. Salvador, não deixe de entrar. Lá dentro, entre outras peças de interesse, destaca-se a imagem do Senhor dos Navegantes, da devoção dos homens do mar. Na capela de Nossa Senhora do Pranto repare-se numa escultura da Senhora, em calcário policromado, que remonta ao séc. XV.

Muita da terra que hoje se pisa em redor de Ílhavo foi em tempos arrancada aos braços da ria pelo enorme esforço dos ilhavenses. São as "gafanhas", solos extremamente férteis que produzem batata, milho, feijão e hortaliças, raiz do nome de várias das freguesias da região: Gafanha da Nazaré, Gafanha da Encarnação, Gafanha do Carmo.

Muito perto de Ílhavo, a Fábrica da Vista Alegre que desde há 170 anos protagoniza o fabrico de uma das mais prestigiadas porcelanas do Mundo, o museu, as lojas e todo o interessante complexo industrial junto de um dos braços da ria, são, sem dúvida, dignos de visita.

Por entre os campos férteis das Gafanhas siga na direcção de Vagos, concelho rural conhecido pela produção de leite. Atravesse o braço sul da Ria na direcção da praia da Vagueira. Uma estrada paralela ao mar conduz à Costa Nova. Aqui, deixe-se encantar pelos coloridos palheiros.

Leiria

Leiria

Leiria tem um rio que corre para cima, uma torre que não tem Sé, uma Sé que não tem torre e uma Rua Direita que o não é. (Rima Popular).

Para D. Afonso Henriques, primeiro conquistador cristão de Leiria em 1135 e o fundador do seu castelo, o local constituía a sentinela avançada para a sua estratégia de conquista de Santarém, Sintra e Lisboa aos Mouros, o que viria a suceder em 1147.

Durante mais de meio século Leiria voltaria a ser devastada pelas incursões dos exércitos mouros e a sua conquista definitiva só viria a acontecer no reinado de D. Sancho I no final do séc. XII, dando-lhe o monarca o foral em 1195.

Em 1254 D. Afonso III realizou aqui as primeiras Cortes com a presença de todos os procuradores dos concelhos do Reino, facto de extrema importância na História de Portugal, pois foi a primeira vez que o povo pôde exprimir as suas reivindicações junto do Rei.

No séc. XIV D. Dinis e sobretudo sua mulher D. Isabel, a Rainha Santa, residiram por diversas vezes no castelo, talvez por o considerarem uma aprazível residência com largas vistas para os encantos da paisagem em redor.

A acção do rei ficou marcada pela implantação do pinhal de Leiria ao longo da zona litoral para protecção das dunas arenosas. Os seus pinheiros bravos viriam a fornecer a madeira e o pez para a construção naval portuguesa, sobretudo durante o período dos Descobrimentos e ainda hoje esta imensa mancha verde é um local muito agradável para um passeio.

De todas as Cortes reunidas pelos monarcas portugueses em Leiria a sessão mais trágica terá ocorrido nas de 1438, convocadas por D. Duarte para discutir a entrega de Ceuta em troca da libertação de seu irmão o Infante Santo, D. Fernando, prisioneiro em Tânger. A Assembleia decidiu pelo sacrifício do Infante a troco da manutenção da praça marroquina e o rei, aniquilado pelo desgosto, morreria pouco tempo depois.

Do Castelo medieval a cidade cresceu fora de muralhas num primeiro tempo marcado pela românica Igreja de São Pedro e depois no séc. XVI com a construção da Sé Catedral e da Misericórdia. A cidade expandiu-se então até ao rio Lis e as suas frondosas margens acolheram diversos edifícios religiosos.

Mas só no séc. XIX a cidade de Leiria se iria desenvolver novamente com o estabelecimento da burguesia muito bem retratado por Eça de Queirós, que aqui imagina o "Crime do Padre Amaro", e sobretudo pela acção de Ernesto Korrodi, que se empenhou em valorizar a cidade. Desde então e até aos nossos dias a urbanização moderna e desordenada mudou a cidade, transformando-a num centro industrial em expansão.

Linhares da Beira

Linhares da Beira

Situada na vertente ocidental da Serra da Estrela, Linhares da Beira terá tido origem num castro lusitano. De facto, os Montes Hermínios (era este o nome lusitano da Serra da Estrela), com as suas pastagens, abundância de águas e o enquadramento protector da montanha era um dos locais habitados por esta tribo ibérica, de que muitos portugueses se consideram descendentes. O linho, que foi noutros tempos uma das culturas importantes da região, estará na origem do nome Linhares, literalmente campo de linho.

Invasida por Visigodos e Muçulmanos que lhe reconheceram a excelente localização de atalaia sobre as terras em redor, Linhares passou a ser definitivamente portuguesa ao tempo de D. Afonso Henriques, que lhe deu o primeiro foral em 1169.

A paz, contudo, não seria ainda definitiva. Em 1189, tropas de Leão e Castela invadiram a região, pilhando-a e deitando fogo às aldeias circundantes enquanto se preparavam para tomar o castelo de Celorico. Linhares acorreu em defesa de Celorico e o exército inimigo, vendo-se cercado na rectaguada, abalou a fugir. Conta a tradição que tudo isto se passou numa noite de lua nova e por esse motivo as armas de Linhares apresentam um crescente e cinco estrelas.

Um passeio pela povoação revela um harmonioso conjunto urbano cheio de encanto, onde as casas simples construídas em granito convivem com alguns solares que preservam sinais de uma nobreza antiga. O olhar atento descobrirá ainda muitas janelas do séc. XVI. A igreja matriz, de raiz românica, mas reconstruída no séc. XVII, guarda três valiosas tábuas atribuídas ao grande Mestre português Vasco Fernandes (Grão Vasco). Uma rústica tribuna elevada sobre um banco em redor de uma mesa de pedra constitui exemplar único de fórum medieval donde se anunciavam à população as decisões comunitárias. É aqui que se pode ver as armas da antiga vila. Ao lado, destaca-se o pelourinho quinhentista em granito, rematado pela esfera armilar.

O conjunto da aldeia é encimado pelo vigoroso castelo que acompanha a geologia do terreno sobre um enorme monte rochoso, donde se abrange uma panorâmica espectacular. Duas grandes torres ameadas erguem-se junto dos ângulos da cerca, uma postada a oriente, outra a ocidente. No terreiro são ainda visíveis restos de antigas cisternas.

Lourinhã

Lourinhã

Habitada desde tempos imemoriais, foi na região da Lourinhã que se descobriram os testemunhos mais importantes da presença dos dinossauros no nosso país - os ovos fossilizados com os respectivos embriões - que estão expostos no Museu Municipal.

No monte em que os árabes edificaram uma fortaleza, mais tarde reconstruída pelos cristãos, merece uma visita a Igreja de Santa Maria do Castelo, belo exemplar do estilo gótico do séc. XIV.

Este local é um dos melhores pontos para admirar a diversidade desta região, que além dos vales férteis com uma agricultura muito produtiva, com extensos vinhedos e pomares, possui também excelentes praias, algumas quase inacessíveis e praticamente desertas, e outras muito concorridas e cheias de cosmopolitismo.

Lousã

Lousã

Situada no centro de Portugal, a Lousã é uma vila com muitos motivos de interesse, sendo bem conhecida dos praticantes de desportos de aventura, cujo palco privilegiado é a Serra da Lousã, verdadeiro ex-libris da região.

No extremo sudoeste da Cordilheira Central, a Serra da Lousã tem uma extensão de 4.200 ha, sendo o seu ponto mais elevado o Alto do Trevim, a 1202 metros. É uma zona predominantemente xistosa, onde subsistem vestígios da floresta sempre-verde dos climas temperados, tais como o azevinho e o loureiro. Florestas caducifólias substituíram as anteriores, embora ainda restem carvalhais e soutos, em manchas dispersas nos vales e encostas, que circundam as aldeias. Os sobreiros e as azinheiras encontram-se nas terras do Sul. Nas zonas mais elevadas, devido à pobreza dos solos encontram-se urzes, tojo, giesta e carqueja.

Das áreas mais interessantes destacam-se o Cantão das Hortas, com bétulas, carvalhos-americanos e castanheiros, cedros e pinheiros silvestres; a Mata do Sobral, com condições micro-climáticas e vegetação de influência mediterrânica; o Vale da Ribeira de São João, que se estende ao longo do "Caminho da Levada", onde os caminhos são ladeados por muros de xisto e as terras cobertas de soutos, que conferem à paisagem uma coloração particular.

Para melhor conhecer esta região serrana existem vários percursos pedestres e em veículos todo-o-terreno que poderá efectuar.

Mação

Mação

Situada no interior do país, na zona do Pinhal, assim designada por pertencer à maior mancha florestal da Europa, Mação é uma vila tranquila onde se misturam características da Beira Baixa (especialmente na paisagem de montes e vales) e do Ribatejo, especialmente na arquitectura em que predominam as casas caiadas de branco com janelas e portas cercadas de cor.

Referência especial merecem a Igreja Matriz do séc. XVI e os muitos vestígios arqueológicos da presença de povos antigos encontrados nas redondezas, como é o caso do Castelo do Caratão da Idade do Ferro e da ponte romana do Coadouro.

Nas proximidades, as Termas da Ladeira de Envendos são recomendadas para diversos fins terapêuticos e para os dias mais quentes a melhor sugestão será sem dúvida a Praia Fluvial na Albufeira da Barragem da Ortiga.

Nos fins de semana de verão há sempre uma festa popular numa das aldeias do concelho, mas destaca-se no início de Julho a Feira Mostra onde se poderá apreciar a gastronomia e artesanato da região e no 1º fim de semana de Setembro a Festa

de Santa Maria.

Das especialidades gastronómicas salientam-se o arroz de lampreia, as couves com feijão, os enchidos e o presunto e na doçaria os bolos fintos e as Fofas de Mação (cavacas).

Marialva

Marialva

Pela sua esplêndida situação sobre um monte de penhascos de difícil acesso, na margem esquerda do rio Alva, a pequena aldeia de Marialva foi praça militar importante na Idade Média.

A mesma situação foi a causa do seu declínio. Quando as guerras se passaram a fazer com armas de fogo, os velhos castelos medievais tornaram-se obsoletos e perderam a sua função de defesa e protecção das populações, que passaram a habitar fora dos recintos muralhados das cidadelas.

Povoação de raízes muito antigas, era já habitada no séc. VI a. C. pela tribo dos Aravos. Foi ocupada sucessivamente por Romanos (que lhe deram o nome de Civitas Aravorum), por Suevos e Árabes que se instalaram no seu castro defensivo. Terá sido Fernando Magno, rei de Leão, que a conquistou em 1063, quem lhe deu nome de Malva, mais tarde Marialva. Também se conta que o rei de Portugal, D. Afonso II teria doado a povoação em 1217 a uma sua apaixonada, D. Maria Alva, que estaria na origem do nome da aldeia. O castelo foi reedificado por D. Sancho II de Portugal, cerca do ano 1200, sobre as ruínas do castro romanizado. É um dos maiores da região, oferecendo hoje um magnífico panorama sobre a Serra da Marofa e a região envolvente.

Calçadas medievais ladeadas de paredes e de portas góticas conduzem a um pequeno largo onde se encontra um elegante pelourinho todo em granito, do séc. XV, a antiga cadeia e o tribunal. A igreja matriz, com um portal manuelino, é dedicada a Santiago e data do séc. XVI.

Antiga rota de peregrinos, Marialva ainda celebra no dia do Apóstolo (25 de Julho), a feira anual de Santiago.

Marinha Grande

Marinha Grande

A história da Marinha Grande está ligada à existência dos 11.500 hectares do Pinhal de Leiria, também conhecido por Pinhal do Rei, floresta de pinheiro bravo plantada no séc. XIII por D. Afonso III e aumentada por seu filho D. Dinis.

Inicialmente destinado a sustentar as areias da costa que invadiam os terrenos de cultivo, o Pinhal viria a abastecer a madeira necessária à construção das naus e caravelas para os Descobrimentos Portugueses. A presença do pinhal e das areias das praias atlânticas foram determinantes para o papel da região na tradição da indústria metalúrgica e do vidro em Portugal.

Assim o entendeu o Marquês de Pombal, ministro de D. José I, ao conceder em 1769 ao industrial inglês William Stephens alvará para fundar a Real Fábrica de Vidro de Guilherme Stephens. O projecto foi continuado por um irmão de Guilherme, João Diogo Stephens, que após a sua morte o deixou em testamento à Nação Portuguesa.

Alimentada pela abundância das matérias-primas necessárias à sua fabricação, a lenha e a areia, a região tornou-se desde então o centro do fabrico de vidro e cristal português, que tem a marca da mestria de muitas gerações de operários-artistas na produção de peças únicas de reconhecida qualidade em todo o mundo.

No centro da principal praça da Marinha Grande, onde se destaca o edifício dos Paços do Concelho, encontrará o busto de Guilherme Stephens, da autoria de Luís Fernandes, homenagem de todos os trabalhadores da Fábrica que, em 1941, se quotizaram para o pagar. Um bonito portão em ferro dá acesso a um jardim onde se encontra o Museu do Vidro, instalado no Palácio Stephens. Aqui poderá apreciar as admiráveis colecções de objectos artísticos criados ao longo de mais de 200 anos, bem como o núcleo fabril.

Complete a visita respirando o revigorante ar atlântico das Praias do Litoral.

Meda

Meda

Na época medieval foi cenário de grandes lutas entre cristãos e muçulmanos, era então uma localidade de fronteira, sendo a sua Torre de Vigia (actualmente a Torre do Relógio), um dos pontos estratégicos de defesa da região complementado pelos Castelos de Longroiva e Marialva, nas proximidades.

Actualmente é uma vila tranquila, cuja actividade principal é a agricultura, com especial destaque para a produção vinícola.

Monsanto

Monsanto

Nas planuras da Beira interior, entre o sopé da Serra da Gardunha e o rio Ponsul, que formam na sua geografia, clima e fauna a transição entre o Norte e o Sul de Portugal ergue-se sobre uma alta penedra a aldeia histórica de Monsanto.

Conta-se que a povoação terá resistido deste baluarte, durante 7 anos, ao cerco posto pelos romanos no séc. II a. C., feito que está na origem da Festa das Cruzes, que a aldeia comemora todos os anos, no dia 3 de Maio. No séc. XII D. Afonso Henriques doou a povoação conquistada aos Mouros à Ordem dos Templários, cujo Mestre em Portugal, Gualdim Pais mandou reconstruir o castelo.

A aldeia oferece das paisagens humanas mais interessantes que se podem encontrar em Portugal. O aglomerado vai-se desenvolvendo sobre a encosta do cabeço aproveitando pedregulhos de granito para as paredes das habitações e em alguns casos um único bloco de pedra forma o telhado, razão por

que aqui se diz que as casas são "de uma só telha".

Alguns palacetes brasonados, portais manuelinos, a casa onde viveu e exerceu clínica o médico e escritor Fernando Namora, que aqui se inspirou para o seu romance "Retalhos da Vida de um Médico", acrescentam interesse ao passeio pelas ruelas íngremes. De entre o casario destaca-se a Torre de Lucano (séc. XIV) encimada por um galo de prata, troféu atribuído a Monsanto num concurso realizado em 1938 onde foi considerada a aldeia mais portuguesa de Portugal, pela autenticidade da sua cultura.

A difícil subida até ao castelo é largamente compensada por um dos mais deslumbrantes miradouros da região.

Monte Real

Monte Real

Anteriormente denominada de Póvoa de Monte Real, esta vila desenvolveu-se muito durante o séc. XX devido à procura crescente das suas águas de reconhecidas qualidades terapêuticas.

As Termas, inseridas no Pinhal de Leiria, numa região de inúmeros atractivos como as praias, as cidades de Leiria e da Marinha Grande, os Mosteiros da Batalha e de Alcobaça (classificados como Património Mundial) são a estância indicada para quem pretende aliar a um período de cura e repouso, o lazer e o turismo cultural.

Montemor-o-Velho

Montemor-o-velho

Sobranceiras ao fértil vale do Mondego, as ruas de Montemor-o-Velho revelam a sua longa história em recantos e pormenores arquitectónicos que vale a pena descobrir.

Região povoada desde a época romana, Montemor-o-Velho assumiu grande importância estratégica até ao estabelecimento da fronteira Sul na linha do Mondego, com a conquista cristã de Lisboa e Santarém em 1147.

O seu Castelo é a maior fortificação do Mondego e uma das maiores do País: desempenhou papel importante nas lutas pela Reconquista do território aos árabes e foi foco de povoamento do Baixo Mondego nos primeiros tempos da fundação de Portugal.

Além do castelo, um dos mais imponentes monumentos da vila é o Convento de Nossa Senhora dos Anjos. Merecem visita a Igreja de São Martinho, templo gótico de uma só nave, datado do séc. XII, a Igreja da Misericórdia (séc. XVI), a Capela de S. Sebastião, de estilo renascentista e a Fonte dos Anjos (séc. XVII) de estilo manuelino. No interior das muralhas do Castelo, de onde se dominam, a perder de vista, os campos do Mondego, encontram-se vestígios da Capela de Santo António e da Igreja de Santa Maria Madalena do séc. XV. Melhor conservada está a

Igreja de Santa Maria de Alcáçova. As intervenções que sofreu deram-lhe características manuelinas e renascentistas, destacando-se os retábulos dos sécs. XII e XVII.

No final do passeio, nada melhor que provar as espigas doces, pastéis típicos de Montemor. Se tal não bastar, o restaurante mais característico da vila é o Ramalhão, conhecido pela caldeirada de peixe e pelo ensopado de enguias.

Para os amantes da natureza, o Paúl do Taipal - Zona de Protecção Especial, vizinho do Castelo de Montemor-o-Velho é um local de visita obrigatória para observação de aves. Local de Invernada de muitas espécies o Paul do Taipal é um refúgio de mais de três mil patos de oito espécies diferentes e «dormitório» de garças.

Nazaré

Nazaré

Típica vila de pescadores, a Nazaré é hoje em dia um concorrido centro de veraneio que soube manter as suas tradições ligadas ao mar. O Sítio, no ponto mais alto da vila (a que se pode aceder por um elevador) é sem dúvida o seu melhor miradouro. Está também ligado ao culto a Nossa Senhora da Nazaré que, segundo a lenda do séc. XII, foi invocada pelo alcaide D. Fuas Roupinho que perseguindo um veado, se iria precipitar no abismo, sem salvação possível. Como prova de gratidão pelo graça que recebeu, D. Fuas Roupinho mandou aqui edificar uma pequena capela - a Ermida da Memória. A pouca distância, foi construído no séc. XVIII o Santuário de onde se realizam grandiosas festas, no mês de Setembro.

A ligação do povo da Nazaré ao mar está bem patente no artesanato local, em que se destacam as redes, as bóias, as canastras e as bonecas tradicionais vestidas com os trajes típicos de sete saias, e na gastronomia, em que predominam os pratos de peixe e mariscos, como as Caldeiradas, as Sopas, a açorda e o arroz de marisco e os carapaus secos.

Nas redondezas, destaque para a Capela de São Gião (séc. VII), um dos raros templos visigóticos existentes em Portugal.

Óbidos

Óbidos

A lindíssima vila de Óbidos, de casas brancas enfeitadas com buganvílias e madressilvas foi conquistada aos mouros pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, em 1148. Mais tarde, D. Dinis doou-a a sua mulher, a rainha Santa Isabel. Desde então e até 1883, a vila de Óbidos e as terras em redor foram sempre pertença das rainhas de Portugal.

Envolvida por uma cintura de muralhas medievais e coroada pelo castelo mouro reconstruído por D. Dinis, que hoje é uma pousada, Óbidos é um dos exemplos mais perfeitos da nossa fortaleza medieval. Como nos tempos antigos, a entrada faz-se pela porta sul, de Santa Maria, embelezada com decoração de azulejos do séc. XVIII.

Dentro das muralhas, que sob o sol poente tomam uma coloração dourada, respira-se um alegre ambiente medieval feito de ruas tortuosas, de velhas casas caiadas de branco com esquinas pintadas de azul ou de amarelo, de vãos e janelas manuelinas, lembrando que D. Manuel I (séc. XVI) aqui fez grandes obras, de muitas flores e plantas coloridas.

Não deixe de visitar a Igreja Matriz de Santa Maria, a linda capela de São Martinho e, fora das muralhas, a Igreja do Senhor da Pedra.

Dos eventos que se realizam anualmente em Óbidos merecem destaque as Festas da Semana Santa (em que são recriados os passos da via Sacra), o Festival de Música Antiga, em Outubro e, para os mais gulosos, o Festival Internacional do Chocolate, em Março, de que faz parte um concurso internacional onde as receitas são avaliadas por um júri internacional de especialistas.

Oleiros

Oleiros

A vila de Oleiros, situada numa região habitualmente designada por zona do Pinhal e próximo da Barragem do Cabril, oferece excelentes condições para uns dias de repouso em contacto com a natureza.

Do seu passado distante, conservam-se os vestígios da presença de povos antigos como o castro da Cova da Moura. A própria vila merece uma visita demorada, que não deve deixar de incluir a Igreja Matriz (séc. XVI-XVIII) e a da Misericórdia (séc. XVIII), riquíssimas em talha dourada.

Nas redondezas, vale a pena passear pelas pitorescas aldeias, como Álvaro com o seu casario branco disposto ao longo da única rua, ou o Estreito, onde se mantêm as mesmas casas de xisto de há quatrocentos anos.

A gastronomia oferece tão grande variedade que o difícil é mesmo escolher. Salientam-se os maranhos e o bucho recheado, o cabrito estonado, as trutas grelhadas e os diversos pratos de caça, como a lebre, o coelho e a perdiz.

Ourém

Ourém

Situada num local privilegiado para povoamento, Ourém foi fundada com o nome de Abdegas. O actual nome remonta ao período de domínio árabe, a partir do séc. IX, e à lenda da Moura Oureana, convertida ao cristianismo.

Em 1136, a vila foi conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, que a doou a sua filha, D. Teresa, quen por sua vez ordenou a construção do Castelo em 1178 e lhe concedeu carta de foral em 1180.

O séc. XV foi o período histórico mais marcante, quando aqui se instalou o 4º Conde de Ourém, D. Afonso, neto de D. João I e de D. Nuno Álvares Pereira. Datam de então o reforço das muralhas que delimitam ainda hoje o antigo núcleo medieval, o Paço, a Igreja da Colegiada, remodelada no séc. XVIII, e o Pelourinho.

A cerca de 2 km, no vale, fica a vila nova de Ourém, estabelecida depois do terramoto de 1755, actualmente o principal núcleo residencial e comercial. Na sua visita, não deixe de provar a gastronomia local, onde se destacam os pratos confeccionados com carneiro, cabrito ou coelho e, para sobremesa, os Bolos de Arco de Ourém. Acompanhe a refeição com os vinhos regionais. A vinha é uma das culturas mais antigas, remontando a tempos anteriores à fundação da vila.

Nas proximidades, visite Fátima, o importante santuário Mariano, e conheça a Serra de Aires e dos Candeeiros, que limita o concelho a Sul.

Peniche

Berlengas

Localizado em frente a Peniche, o Arquipélago das Berlengas é constituído por 3 grupos de ilhéus: Berlenga Grande (a única habitada e visitável por barco a partir de Peniche) e os recifes adjacentes, Estelas e Farilhões-Forçadas, de natureza geológica diferente da costa portuguesa.

As Ilhas possuem fauna e flora própria, com características que a tornam um ecossistema único no mundo, cuja importância foi reconhecida pela criação da Reserva Natural da Berlenga em 1981.

Peniche

Em Peniche, a fortaleza mandada construir por D. João IV no séc. XVII formava, juntamente com o forte da praia da Consolação e de São João Baptista, nas Berlengas, um importante complexo militar para protecção contra invasões vindas do mar. O forte de Peniche, transformado em prisão política na época do Estado Novo (1933-1974) foi palco de uma das mais extraordinárias fugas do séc. XX em Portugal. Dele se evadiu em 1960 um grupo de presos políticos, entre os quais o dirigente comunista Álvaro Cunhal. Visite aqui o interessante espaço museológico, onde se reconstituiu o ambiente de prisão, de par com vários núcleos temáticos sobre a região.

A pesca ainda é uma actividade importante em Peniche e o espectáculo dos barcos carregados de peixe que chegam ao porto é muito apreciado. A abundância de peixe no mar foi muito bem aproveitada na gastronomia regional. Por isso recomendamos vivamente que procure na Avenida do Mar restaurantes que lhe servem uma caldeirada, sopa de lagosta à moda de Peniche, arroz de marisco e tantos outros pratos que

têm de comum o melhor peixe fresco que pode encontrar.

Peniche é o maior centro de rendas de bilros em Portugal, arte centenária que se perde no tempo. Talvez fosse uma forma de as mulheres se ocuparem enquanto os maridos iam para o mar. Arte delicada feita de habilidade e paciência, representada em certames internacionais, é um património artístico que interessa preservar.

Antes de entrar na vila de Peniche, faça um passeio pela costa e deixe-se envolver pelo admirável espectáculo do mar.

Colorindo-se de tons de azul intenso, ou de verde profundo, ora calmo ora quebrando-se em ondas ferozes nos rochedos, este mar moldou esculturas nas rochas que tomaram formas estranhas e dramáticas a lembrar enormes monumentos desabados.

Passeie pela praia do Baleal, estendida entre dois mares como se fosse uma ilha (e já o foi), muito procurada, juntamente com a praia da Consolação, a sul, pelas excelentes condições para surf e bodyboard. Do lado esquerdo apruma-se o promontório da Papôa que nos lembra trágicos naufrágios, como o do galeão espanhol São Pedro de Alcântara, naufragado em 1786, quando vinha do Peru.

A caminho do cabo Carvoeiro pare para visitar a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, escavada na rocha subterrânea e revestida de belos azulejos do séc. XVIII. Mais adiante ergue-se o farol construído em 1796. Do lado Oeste impõe-se a Nau dos Corvos, imponente formação rochosa onde poisam gavotas e corvos e no horizonte avistam-se as ilhas Berlengas, única reserva natural insular de Portugal continental.

Piodão

Piodão

Incrustada na Serra do Açor (área de paisagem protegida), onde abundam panoramas deslumbrantes, nascentes e campos de pasto, a aldeia histórica de Piodão lembra um presépio pela forma harmoniosa como as suas casas estão dispostas em anfiteatro e que, à noite quando se acende a iluminação, formam uma das suas melhores imagens.

A marca desta aldeia serrana de ruas estreitas e sinuosas é o xisto, material abundante na região, que é utilizado na construção das casas e no chão das ruas, formando uma mancha de cor uniforme interrompida pelo azul forte das janelas e das portas de algumas das casas. Esta nota de cor dissonante deve a sua origem a um factor prático pois conta-se que a única loja que fornecia a população só tinha tinta azul e dado o isolamento da aldeia não era fácil para as pessoas deslocarem-se a outro local. Foi na realidade o isolamento e as dificuldades de deslocação que preservaram intactas as características desta antiquíssima povoação.

Do conjunto das pequenas casas de dois pisos destaca-se a igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição, caiada de branco, com os seus singulares contrafortes cilíndricos, que a população erigiu no início do séc. XIX com os seus ouros e dinheiro.

Dada a sua localização escondida nas faldas da serra, noutros tempos Piódão foi abrigo ideal para foragidos da Justiça, pensando-se que aqui se terá escondido um dos assassinos de D. Inês de Castro, que conseguiu fugir à fúria de D. Pedro I (séc. XIV).

Aldeia histórica sem protagonismo na História de Portugal, Piódão tornou-se conhecida em tempos mais recentes pela sua posição cenográfica encastelada na serra do Açor, motivo de sobra para merecer uma visita.

Pombal

Pombal

Foi o mestre dos Templários D. Gualdim Pais que no séc. XII mandou construir o Castelo de Pombal, à volta do qual se veio a desenvolver a localidade, numa região que na época era a linha divisória entre o território já reconquistado pelos cristãos e aquele que ainda estava em posse dos Mouros.

Por ordem do Marquês de Pombal, que no séc. XVIII aqui passou os seus últimos anos de vida, foi ordenada a parte baixa da vila e construídos alguns edifícios públicos. Foi com a construção da estrada real Lisboa-Porto, que passava pelo meio da povoação, que toda a região veio a ganhar um novo impulso de desenvolvimento.

Hoje em dia a estrada já não passa pelo centro da cidade, mas a região está dotada de excelentes acessos, que facilitam a circulação nas redondezas e a visita da Serra de Sicó, com as suas grutas e as aldeias típicas onde se continua a confeccionar os queijos, os bolos tradicionais e o artesanato em que se destacam tapetes, cestas e esteiras de bracejo, cerâmica e tecelagem.

Descendo para o litoral, através da Mata Nacional do Urso, descobrem-se praias tranquilas onde se podem praticar os mais variados desportos náuticos.

Porto de Mós

Porto de Mós

Segundo se pensa o nome de Porto de Mós terá tido origem na época da ocupação romana, em que o rio Lena, que então era navegável, tinha aqui um porto, no qual se carregavam e descarregavam as pedras das Mós (moinhos) talhadas numa pedreira existente na região.

A ocupação milenar da região de Porto de Mós está bem patente no Museu Municipal, em que estão expostos diversos fósseis e ossadas de dinossauros e também testemunhos da ocupação humana em diversas épocas, como sejam vários objectos de pedra lascada e polida (do Paleolítico e Neolítico), moedas e lanças de ferro da época romana.

O castelo, erigido no ponto mais alto, foi reconstruído por ordem do rei D. Sancho I no séc. XIII e dois séculos depois foi transformado num paço fortificado com um traçado belo e pouco comum que se mantém até aos dias de hoje.

Nas redondezas, o Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, com as suas encostas em pedra calcária, cujo interior encerra belíssimas galerias visitáveis em Grutas como as de Santo António, Alvados e Mira d`Aire. À superfície, entre aldeias tradicionais e moinhos de pedra, conservam-se testemunhos da passagem dos dinossauros, no trilho recentemente descoberto da Pedreira do Galinha, e da ocupação na época romana, de que é o melhor exemplo a calçada em Alqueidão da Serra.

Proença-a-Nova

Proença-a-Nova

Rodeada por extensas áreas florestais e campos cultivados, em que destacam os olivais e as cerejeiras que florescem na Primavera cobrindo vastas áreas de um enorme manto branco, num espectáculo deslumbrante, Proença-a-Nova é uma vila a descobrir bem no centro do país.

Dos tempos antigos conserva-se a ponte romana sobre a ribeira da Pracana em São Pedro do Esteval, as aldeias típicas da Figueira e da Pedreira, e na vila merece uma visita a Igreja Matriz com belíssima talha do séc. XVIII, bem como o moinho tradicional em xisto, com as suas enormes mós.

Nas redondezas, as Praias fluviais de Aldeia Ruiva, Fróia e Malhadal, são locais de lazer muito procurados, especialmente durante a época de verão.

Na gastronomia destacam-se os maranhos e as feijoadas, os enchidos e o queijo de cabra, bem como as cavacas e os bolos de mel e azeite.

São Martinho do Porto

São Martinho do Porto

Ano após ano, a baía de São Martinho do Porto, em forma de concha abrigada, é frequentada pelas mesmas famílias que há muito tempo a seleccionaram como o local predilecto para férias e fins-de-semana.

Muito concorrida durante o verão, em que se transforma numa estância de férias verdadeiramente cosmopolita, tem vindo a ser aqui dinamizada nos últimos anos a prática de diversos desportos radicais como a escalada, windsurf e canoagem.

Sardoal

Sardoal

Povoada deste tempos pré-históricos como o testemunham diversos achados arqueológicos, o documento mais antigo que comprova a existência do Sardoal data de 1313, e é uma carta da Rainha Santa Isabel, esposa do rei D. Dinis, que está depositada na Biblioteca Municipal.

A vila, de casas brancas e floridas implantadas no topo de uma colina, com as ruas do zona mais antiga calcetadas com seixos do rio, é muito pitoresca.

De entre as diversas Igrejas e Capelas que durante as cerimónias da Semana Santa se apresentam ornamentadas com tapetes de flores destaca-se a Igreja Matriz do séc. XVI, onde estão expostas diversas obras notáveis do grande pintor renacentista aqui nascido e que por isso é conhecido como Mestre do Sardoal.

Um dos grandes eventos anuais do Sardoal tem lugar em Setembro. São as festas do concelho que animam as ruas da vila com muitas manifestações culturais, sendo também a altura ideal para adquirir produtos regionais na Feira de Artesanato.

Sertã

Sertã

Segundo a lenda, a Sertã deve o seu nome à mulher de um nobre lusitano que, após a morte do marido numa luta contra os romanos, atirou das ameias do castelo uma sertã (frigideira) cheia de azeite a ferver por cima dos romanos, forçando-os assim a retirar.

O castelo, fundado pelos romanos, pertenceu à Ordem dos Templários e posteriormente a outras Ordens religiosas e militares, que muito contribuíram para o povoamento da região como as do Hospital, de Malta e do Crato. Está hoje parcialmente em ruínas, sendo no entanto um excelente miradouro sobre a vila. A não perder, a Igreja Matriz do séc. XV, em cujo interior de poderá admirar a talha barroca, e os azulejos do séc. XVI e XVII.

A região, banhada pelas ribeiras de Amioso e da Sertã e pelas albufeiras do Rio Zêzere - Castelo de Bode, Cabril e Bouçã - está inserida na maior mancha florestal da Europa, sendo portanto uma zona em que o verde e o azul imperam e onde se poderá encontrar o cenário ideal para o repouso em contacto com a natureza ou para a prática do turismo activo, com realce para os diversos desportos náuticos.

Dos pratos típicos destacam-se os famosos maranhos, o bucho recheado e os enchidos. Na doçaria, de referir os cartuchos de amêndoa e as merendas doces.

As Festas de São João (24 de Junho) e de São Pedro (29 de Junho) animam as ruas da vila com as suas fogueiras, destacando-se no entanto outras Festividades como as de Nossa Senhora dos Remédios (14 e 15 de Agosto) e as cerimónias da Semana Santa.

Sobral de Monte Agraço

Sobral de Monte Agraço

Situada numa região onde predomina a agricultura de pequenas propriedades, em que as hortas e as vinhas compõem harmoniosamente a paisagem, a vila de Sobral de Monte Agraço, tranquila e pitoresca, possui alguns edifícios interessantes, decorados com azulejos e ferro forjado.

Em região de bons restaurantes, a gastronomia é muito variada, destacando-se os pratos de bacalhau e de cabrito, que poderão ser acompanhados pelos excelentes vinhos regionais brancos e tintos.

Sortelha

Sortelha

Coroada por um castelo assente num formidável conjunto rochoso a 760 m de altitude, Sortelha mantém intacta a sua feição medieval na arquitectura das suas casas rurais em granito.

Fazia parte da importante linha defensiva de castelos fronteiriços, edificados ou reconstruídos na sua maior parte sobre castros das antigas civilizações ibéricas e o seu nome deriva da configuração do terreno em rochedos escarpados que envolvem a aldeia em forma de um anel (sortija, em castelhano), tendo as muralhas sido erguidas também em forma circular.

A entrada faz-se por uma porta gótica sobre a qual vê-se um balcão (Varanda de Pilatos), com aberturas (mata-cães) por onde se lançavam toda a espécie de projectéis contra os atacantes.

Antes da entrada, merecem atenção um bonito pelourinho, rematado pela esfera armilar, símbolo de D. Manuel I e o edifício onde funcionaram os Paços do Concelho, ambos do tempo daquele rei. Na ombreira de uma outra porta, virada para poente, duas ranhuras na pedra representam medidas métricas

(a maior, uma "vara" e a mais pequena um "côvado"), que serviam de aferição aos comerciantes medievais, num tempo em que os sistemas métricos não eram uniformizados.

Na igreja matriz, do séc. XIV, encontra-se um interessante trabalho do tecto hispano-árabe, e a talha dourada do altar-mor, acrescentada na época barroca.

O encanto desta aldeia reside na sua atmosfera medieval, onde as casas todas construídas em pedra de granito e geralmente de um só andar, se alicerçam na rocha e acompanham a topografia do terreno. Fora das muralhas cresceu uma outra aldeia moderna, infelizmente em moldes arquitectónicos desenraizados da tradição.

Em redor de Sortelha a paisagem tem a beleza rude das grandes pedras de granito e das matas de castanheiros que as acompanham. Na localidade de Casteleiro, na estrada para Belmonte, situava-se a estância medicinal das Águas Radium, que foram consideradas entre as mais radioactivas do mundo. Poderá ainda fazer um saudável percurso a pé seguindo a antiga via romano-medieval, por onde passavam os peregrinos para Santiago de Compostela.

Duas interessantes vilas perfilam-se a cerca de 20 km de Sortelha merecendo, sem dúvida, uma visita: Belmonte, na direcção do Poente e Sabugal, a Norte. Para Sudeste, os amantes de turismo verde têm à disposição na Reserva Natural da Serra da Malcata percursos para observação de flora e de fauna numa paisagem rica em relíquias de mata mediterrânica. O lince ibérico é o símbolo da Reserva. Criatura bastante fugidia e desconfiada, prefere o esconderijo das matas, pelo que será necessária muita perseverança para o ver.

Tomar

Tomar

O desenvolvimento de Tomar está intimamente ligado à Ordem dos Templários que em 1159 recebeu estas terras como recompensa pela ajuda prestada a D. Afonso Henriques (1º rei de Portugal) na reconquista cristã do território.

Foi D. Gualdim Pais, 1º Mestre da Ordem em Portugal, que fundou o castelo e no seu interior o notável Convento de Cristo, ampliado e alterado ao longo dos séculos, conserva influências de diversos estilos arquitectónicos, e é o ex-libris da cidade, classificado como património mundial pela UNESCO.

Conhecida como a cidade dos Templários, encontram-se em Tomar outros testemunhos da sua influência, nomeadamente a Mata dos Sete Montes onde segundo a tradição decorriam rituais iniciáticos, e a Igreja de Santa Maria do Olival que fundaram no séc. XII e conserva os túmulos de diversos Mestres daquela Ordem.

A Ordem dos Templários foi extinta em França no início do séc.

XIV, mas em Portugal foi transformada na Ordem de Cristo por proposta do Rei D. Dinis, posteriormente aprovada pelo Papa, tendo sido determinado que os imensos bens que possuía, transitassem para a Ordem de Cristo que veio a ter um papel preponderante na epopeia dos Descobrimentos Portugueses.

Expulsos de Espanha, os Judeus instituíram aqui uma colónia nas ruas estreitas do centro histórico, em que se conserva uma das mais antigas sinagogas de Portugal, complementada pelo Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto.

Especial referência merecem as espetaculares Festas dos Tabuleiros que se realizam em Julho de quatro em quatro anos, e cuja origem está relacionada com o culto do Espírito Santo.

A cerca de 14 kms de Tomar, destaque para a albufeira da Barragem do Castelo de Bode onde é captada a água para abastecimento da cidade de Lisboa, e em cujas ilhotas e nas margens envolvidas por pinhais, se encontram os locais deslumbrantes ideais para umas férias em contacto com a natureza.

Tondela

Caramulo

Para lavar os pulmões em bons ares, limpos e frescos, e esquecer a palavra "stress", o melhor é mesmo passar uns dias na Serra do Caramulo. Tão saudáveis são os seus ares que a Serra era procurada para a prevenção ou cura de doenças pulmonares.

Situada na região Centro de Portugal, com acesso rápido a partir de Coimbra, Viseu ou Aveiro esta serra, que na Primavera se cobre de coloridas flores silvestres, tem o seu ponto mais alto, miradouro deslumbrante, no Caramulinho, a 1074 m de altitude.

Na pequena localidade do Caramulo, encontra um invulgar Museu onde pode apreciar nada menos do que 65 dos mais fascinantes automóveis que jamais se construíram, alguns deles centenários.

Na serra descobrirá trilhos romanos para percorrer a pé, dolmens e menires deixados pelos nossos antepassados remotos. Mas também poderá desafiar a adrenalina participando em actividades organizadas, pois aqui existe um dos maiores "slides" de Portugal e cursos de água ideais para rafting ou canoagem. E conhecer um pouco mais da nossa antiga história no imponente património da cidade de Viseu.

Torres Novas

Torres Novas

Região já habitada no tempo dos romanos, como o testemunham as ruínas da vila Cardílio, com preciosos mosaicos polícromos, Torres Novas tem no seu castelo de onze torres, antiga residência dos alcaides, o monumento de maior prestígio.

A cidade atravessada pelo Rio Almonda, envolto num gracioso jardim com esplanadas, oferece múltiplos atractivos de visita como as Igrejas de São Salvador, de Santa Maria do Castelo, de São Tiago, de São Pedro, a Ermida de Nossa Senhora do Vale e ainda o Museu Municipal de Carlos Reis.

Nas redondezas, merecem visita o Museu Agrícola de Riachos onde estão retratados diversos aspectos da vida rural, a Gruta do Almonda considerada a maior cavidade natural do nosso país e as Grutas das Lapas, com as suas curiosas formações labirínticas.

A cerca de 7 kms da cidade, a Reserva Natural do Paúl do Boquilobo, uma área protegida em que a paisagem é dominada por salgueiros e caniçais, tem grande valor ornitológico, pois é o local que diversas aves escolhem para nidificar, de que se destacam importantes colónias de garças.

As Festas da Cidade, em Julho, e a Feira dos Frutos Secos, em Outubro, são os eventos mais importantes da região, sendo ainda de referir o Festival Gastronómico do Cabrito, em Março.

Torres Vedras

Torres Vedras

Povoada na pré-história e no tempo dos romanos, Torres Vedras recebeu foral em meados do séc. XIII.

No séc. XV, um dos mais importantes monumentos religiosos da região fazia parte do seu património, o Convento do Varatojo. Fundado em 1470, foi mandado construir pelo rei D. Afonso VI em agradecimento pelas conquistas no Norte de África.

No séc. XIX, durante as Invasões Napoleónicas, Torres Vedras teve um papel importantíssimo pois foi aqui que se começou a delinear o recuo das tropas francesas e a perda de hegemonia de Napoleão na Europa. Com efeito, a construção das "Linhas de Torres", um conjunto de fortificações militares disposto em linha em redor de Lisboa, foi eficiente no objectivo de impedir os franceses de avançar sobre Lisboa e fazê-los retirar.

Nas redondezas, além das Praias de Santa Cruz e de Porto Novo com toda a animação própria de uma estância de férias, com campos de golfe, centros hípicas, hotéis e piscinas, encontram-se também as Estâncias Termas dos Cucos e do Vimeiro, muito procuradas pelas qualidades terapêuticas das suas águas.

Dos eventos da cidade, destaca-se o Carnaval que em Torres

Vedras tem grandes tradições. Identifica-se como sendo o mais português de Portugal por manter os desfiles e cortejos alegóricos de carros enfeitados, gigantones e zés-pereiras, desde a década de 1920, sem ceder a influências estrangeiras.

Trancoso

Trancoso

Com um passado a par da História de Portugal, Trancoso é uma vila protegida por muralhas onde se preserva o ambiente medieval nas ruas estreitas e nas casas de pedra. O planalto onde está situada, a 870 metros de altitude, deu-lhe a posição estratégica na defesa da fronteira com Espanha e transformou-a numa importante praça de armas durante a Idade Média.

A imponente Porta d'El Rei é a entrada principal nas muralhas e também uma homenagem a D. Dinis que aqui celebrou o seu matrimónio com Isabel de Aragão, em 1282, na Ermida de São Bartolomeu. D. Dinis ofereceu a vila à Rainha Santa em dote e instituiu a feira franca, na origem da grande Feira de Trancoso que ainda acontece a partir de 15 de Agosto, dia da padroeira Nossa Senhora da Fresta.

O labirinto de ruas de pedra conduz-nos ao centro da vila onde se encontra o Pelourinho, no cruzamento entre a Vila Velha e a Vila Nova. Na parte mais antiga, encontramos o Castelo muito disputado entre mouros e cristãos e conquistado definitivamente pela força de D. Afonso Henriques em 1160, e a Igreja de São Pedro, onde descansa para a eternidade o misterioso Bandarra (1500-45), um sapateiro poeta que profetizou a perda da independência de Portugal em 1580 e a sua restauração em 1640.

Foi na Vila Nova que a população se estabeleceu. No séc. XV existiu aqui uma importante comunidade judaica que muito contribuiu para o desenvolvimento do comércio. A memória dessa época permanece na arquitectura das casas com duas portas (uma larga, de entrada na loja, e outra estreita, com acesso à área de residência) e na Casa do Gato Negro (no Largo Luís de Albuquerque), um dos edifícios mais emblemáticos da vila identificado como sendo a antiga sinagoga e residência do rabino.

Aqui viveu o Magriço, um dos Doze de Inglaterra, protagonista de um episódio histórico entre Portugal e Inglaterra no séc. XIV. Foi ainda nesta vila que, em 1809, o General Beresford montou um quartel general quando esteve em Portugal como aliado contra as invasões napoleónicas. Cinco anos depois, Beresford seria agraciado com o título de primeiro Conde de Trancoso.

A 29 de Maio comemora-se a Batalha de São Marcos (1385), precursora da grande vitória da Batalha de Aljubarrota contra Castela, onde D. João I defendeu e consolidou a independência portuguesa. Nesse dia distribui-se pão e laranjas às crianças no planalto de São Marcos onde se travou a batalha porque segundo a tradição os portugueses terão deixado os castelhanos

a "pão e laranjas".

Vila Nova da Barquinha

Vila Nova da Barquinha

Situada mesmo à beira do Rio Tejo, numa zona extremamente verde e fértil, Vila Nova da Barquinha é uma localidade muito pitoresca.

À sua frente, numa ilhota no meio do rio, ergue-se um dos mais bonitos castelos portugueses - o castelo de Almourol - construído pelos Templários em 1171, relativamente ao qual se contam lendas de mouras encantadas e de princesas cativas salvas por cavaleiros andantes. Este castelo, que é muitas vezes cenário de espectáculos que tiram partido da sua localização, utilizando efeitos de jogos de luzes e cor, pode ser visitado, sendo o percurso do rio efectuado por um barco que parte de Tancos.

Em Vila Nova da Barquinha está situada a segunda mais antiga Praça de Touros de Portugal, o que testemunha bem a tradição da festa brava, indispensável nos mais importantes eventos do concelho, como as Festas da Vila em Junho, e a Festa do Rio e das Aldeias em 15 de Agosto, em que os festejos se dividem pelas duas margens do rio, nas aldeias de Tancos e Arripiados.

Nas redondezas, a Igreja Matriz da Atalaia do séc. XVI, cuja fachada é um dos melhores exemplares de estilo renascença no nosso país, merece uma visita demorada.

Da gastronomia local, destacam-se os pratos de peixe de rio, como as Caldeiradas, a sopa de peixe, a fataça na telha, a açorda de sável ou as enguias à pescadora.

Vila de Rei

Vila de Rei

Se se imaginar uma linha que atravessasse Portugal de Norte a Sul de Portugal, e outra entre o Leste e Oeste, Vila de Rei encontra-se situada rigorosamente no centro geodésico do país, facto que está assinalado num Picoto colocado na Serra da Melriça, num ponto que também é um excelente miradouro sobre a região.

Vila de Rei deve o seu nome ao Rei Dom Dinis que no séc. XIII lhe deu carta de foral e lhe concedeu diversos privilégios. É em honra da sua esposa D. Isabel que se realizam anualmente em Maio as Festas da Rainha Santa.

Numa região em que o pinheiro é o elemento predominante da vegetação e os ares são puros, encontram-se aldeias que parecem conservadas no tempo, como Água Formosa com as suas casas implantadas na encosta, as ruas ladrilhadas com xisto e a ponte medieval.

Um dos principais miradouros desta zona é o Penedo Furado, de onde se pode admirar um belo panorama sobre as Praias fluviais do vale da Ribeira de Codes, que antes de chegar a este local se

precipita pelas quedas de água da Bufareira entre piscinas naturais.

Viseu

Viseu

Bem no centro de Portugal, erguendo-se sobre um saudável planalto rodeado por serranias e pelos rios Vouga e Dão (em cujas encostas nasce o excelente vinho do Dão), Viseu recebeu em 1993 o prémio Quercus pela preservação ímpar dos seus espaços verdes.

Coroa o planalto a imponente Sé, mas no tempo da ocupação de Roma a população distribuía-se pela sua parte mais baixa, onde se situa a Cava de Viriato e o Parque do Fontelo. No séc. VI Viseu era cidade episcopal do reino suevo. Consta que o último dos reis godos, D. Rodrigo aqui veio morrer e que as suas cinzas estão guardadas num modesto túmulo de granito, no interior da igreja de S. Miguel de Fetal.

No conturbado período da Reconquista Viseu esteve na posse ora de Muçulmanos, ora de Cristãos, mas em 1058 Fernando Magno de Leão reconquistou-a definitivamente para a Cruz. D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques deu-lhe o primeiro foral em 1123, que seu filho confirmaria em 1187, já como primeiro rei de Portugal. Em 1383, morto o rei D. Fernando I e instalada a crise dinástica, foi Viseu saqueada pelos exércitos castelhanos.

Novos muros de defesa foram construídos por D. João I (r.1383-1433), só concluídos em 1472 por seu neto D. Afonso V. Desta cerca "afonsina" de Quatrocentos restam alguns fragmentos integrados na malha urbana e duas portas, a do Soar e a dos Cavaleiros Localizada no centro de uma região de pastagens de montanha, com intenso movimento de rebanhos transumantes, era em Viseu que se realizava a grande feira anual de gado, origem da feira de S. Mateus, um dos grandes eventos que anima a cidade todos os anos em Agosto/Setembro.

A partir do séc. XVI o morro onde se encontra a Sé tornou-se o centro de desenvolvimento do burgo. Este século testemunhou o florescimento de uma notável cultura artística que teve o seu auge na figura de Vasco Fernandes (Grão Vasco), cuja obra exemplar se encontra guardada no Museu Grão Vasco.

O encanto de Viseu reflecte-se na atmosfera medieva das suas ruas, nos palácios que foram da nobreza e dos senhores da Igreja, engrandecidos pela nobre pedra de granito, nas praças e jardins arborizados, no património de muitas épocas, testemunho da sua vitalidade.

Lisboa Região

Alcochete

Alcochete

Fundada pelos árabes com o nome de "Alcaxete" que significa fornos e cuja origem se pensa dever-se a grandes fornos para cozer barro que aqui existiram, Alcochete foi conquistada por D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal, no séc. XII.

No séc. XV, esta região onde abundavam espécies como os veados, os javalis e os lobos, era muito frequentada pela nobreza que aqui organizava grandes caçadas, e permanecia durante longas temporadas nas suas residências de verão.

As salinas são a grande riqueza natural desta zona, tendo Alcochete sido durante muito tempo considerado o mais importante centro de produção de sal do país, actividade que ainda hoje em dia continua a ser fundamental na economia local.

Como em quase todo o Ribatejo, também em Alcochete se criam cavalos e toiros, e a população cultiva o gosto pela "festa brava", que atinge o expoente máximo nas "Festas do Barrete Verde e das Salinas", que têm lugar anualmente na 2ª semana de Agosto, e em que as largadas e corridas de touros são o espectáculo mais característico.

Nas redondezas situa-se a Reserva Natural do Estuário do Tejo, onde se podem observar diversas aves que por aqui passam nas suas migrações, de que se destacam os bandos de Flamingos.

Almada

Almada

Situada na margem sul do rio Tejo, Almada é sem dúvida o melhor miradouro sobre a cidade de Lisboa, destacando-se como pontos de observação o castelo, o elevador panorâmico da Boca do Vento, e principalmente a estátua do Cristo-Rei erguida em 1959.

Em séculos passados, Almada foi um local de veraneio procurado pela corte, que aqui mandou erigir alguns edifícios e casas nobres que ainda se conservam na cidade.

Actualmente, Almada é uma cidade que mantém um crescimento, cujo ritmo se acentuou desde a inauguração da Ponte sobre o Tejo em 1966, que veio facilitar o acesso entre as duas margens do rio. No entanto, Almada não vive apenas em função da capital onde trabalham grande parte dos seus habitantes, é uma cidade com vida própria, palco de eventos concorridos como o Festival de Teatro.

Ao concelho de Almada, pertence também a Costa da Caparica, muito procurada durante a época estival pelos habitantes da grande Lisboa, que são seduzidos pelas praias do extenso areal. Destaque especial merece a gastronomia da zona, em que se salientam as saborosas caldeiradas de peixe fresco, típicas de locais como Cacilhas, Porto Brandão, Ginjal ou a Costa da

Caparica.

Amadora

Amadora

Nos arredores de Lisboa, a cidade da Amadora desenvolveu-se extraordinariamente no séc. XX, tendo sido o local de residência escolhido por milhares de pessoas que trabalhando na capital, se deslocam facilmente por comboio ou automóvel.

Da animação cultural desta Cidade moderna, destacam-se as Festas da Cidade em Setembro/Outubro (com diversa animação cultural e uma Feira do Livro), o Festival Internacional de Banda Desenhada que se realiza em Outubro/Novembro e a Corrida de São Silvestre, na noite de fim de ano, uma das provas de atletismo mais disputadas a nível nacional.

Barreiro

Barreiro

Elevada à categoria de vila no séc. XVI, o núcleo inicial da povoação do Barreiro foi formado por diversos pescadores oriundos do Algarve, que aqui se fixaram e trabalhavam na barra do Porto de Lisboa, sendo por isso conhecidos por "barreiros".

Nos sécs. XVIII-XIX, a localidade desenvolveu-se muitíssimo, por ter sido aqui estabelecido o terminal da linha de Caminhos de Ferro sul e sueste, tornando-se assim um local movimentado por onde passava muita gente e que atraía a fixação de populações e de muitas indústrias. A vila do Barreiro continuou a crescer, tendo sido elevado à categoria de cidade em 1984.

Cascais

Cascais

Situada junto ao mar e tradicionalmente uma aldeia piscatória, Cascais teve um importante desenvolvimento no séc. XIV, quando era porto de escala de grande movimento para os navios que se dirigiam a Lisboa.

Foi no entanto a partir da 2ª metade do séc. XIX, altura em que os banhos de mar começaram a ser apreciados, que Cascais sofreu um impulso que a transformou numa estância de veraneio muito em moda. O principal impulsionador da transformação foi o Rei de Portugal D. Luís I, que em 1870 converteu a fortaleza da cidadela na residência de verão da monarquia portuguesa. Este exemplo foi seguido pela nobreza que aqui construiu palacetes e belíssimas vivendas onde passavam a época mais quente do ano, transformando por completo a antiga vila de pescadores.

Cascais passou a atrair também os passeios dos curiosos, cujo acesso ficou mais facilitado pela inauguração da linha de Caminho de Ferro entre Pedrouços e Cascais em 1889. Hoje em

Guincho

Nas redondezas de Cascais, o extenso areal da Praia do Guincho é muito procurado por banhistas durante a época de verão e durante todo o ano pelos praticantes de surf e windsurf, desportos para os quais esta Praia oferece excelentes condições.

Ao longo da estrada junto ao mar, inúmeros restaurantes de óptima qualidade oferecem excelentes pratos de peixe fresco e de mariscos.

dia, Cascais é uma localidade muito animada e cosmopolita, que conserva ainda o seu ar aristocrático.

Recomenda-se um passeio pelas suas ruas que possuem lojas de excelente qualidade ou uns momentos de repouso numa das muitas esplanadas que aqui existem. As praias continuam a ser um dos maiores motivos de atracção, sendo possível escolher entre as que se situam na baía abrigada da vila, ou as que ficam um pouco mais afastadas na zona do Guincho (integradas já no Parque Natural Sintra-Cascais) que oferecem condições excelentes para a prática de surf e windsurf. A Boca do Inferno, uma reentrância da costa cercada de rochedos escarpados e de cavernas, continua a ser uma curiosidade natural que atrai muitos visitantes para ver a força do mar.

Destaque para a gastronomia, especialmente os peixes frescos e mariscos, que se poderão saborear nos muitos restaurantes existentes na região.

Costa de Caparica

Costa de Caparica

Tradicional vila piscatória, a Costa da Caparica transformou-se durante o séc. XX na mais concorrida praia da região de Lisboa, cuja localização e facilidade de acessos atrai multidões nos fins de semana de verão.

O areal que se estende por cerca de 25 kms possibilita a escolha entre as praias mais frequentadas junto à vila e zonas praticamente desertas. Um pitoresco comboio, o "Transpraia", faz a ligação entre as praias da vila e a Fonte da Telha no terminus da linha, com diversas paragens no seu percurso.

Nas diversas praias encontram-se excelentes condições para a prática de diversos desportos, como o surf, o voleibol de praia (em locais adaptados para o efeito) e também muitos bares que além de infraestruturas de apoio são animados pólos de divertimento nocturno.

Como localidade piscatória, a grande especialidade da gastronomia da região são os pratos de peixe, nomeadamente as Caldeiradas, a que é dedicado um festival gastronómico que aqui se realiza anualmente.

Ericeira

Ericeira

Tradicional vila piscatória, a Ericeira desenvolveu-se muitíssimo durante o séc. XX pela crescente procura como zona de veraneio, mantendo todavia as suas características originais e uma atmosfera muito própria.

Situada a cerca de 50 kms de Lisboa, numa zona de fácil acesso, as suas Praias são muito concorridas durante o verão, sendo consideradas das melhores a nível europeu para a prática de surf. Um destaque especial merece a Praia de Ribeira d`Ilhas, onde se realiza anualmente uma das provas do Campeonato Mundial de Surf.

Um passeio pela Ericeira é também uma excelente oportunidade para saborear os variados pratos de marisco e peixe fresco, especialidade gastronómica da região.

Estoril

Estoril

Estância de renome mundial, o Estoril é um verdadeiro centro cosmopolita de grande animação nocturna e que possui todas as infraestruturas necessárias a um grande centro de veraneio - praias, excelentes hotéis, campos de golfe, um Casino e mesmo um autódromo.

Foi no início do séc. XX, que se iniciou a transformação planeada desta localidade, devido não só à proximidade do mar que começava a ser um pólo de atracção, mas também pela existência de nascentes termais então muito em moda.

O centro desta nova estância de luxo era o Parque e o Casino (ex-libris do Estoril), rodeados de edifícios de arcadas e de excelentes hotéis.

Anteriormente, o Estoril era conhecido pelos vários Fortes na linha da costa que asseguravam a defesa de uma das possíveis entradas para Lisboa e pelo Recolhimento construído pela Ordem Mendicante dos Frades Franciscanos no séc. XVI transformado no Colégio dos Salesianos.

A partir de 1930, o Estoril tornou-se um dos principais expoentes do turismo em Portugal, tendo sido o local escolhido para o exílio de muitos monarcas europeus depostos, entre os quais se poderá referir o Rei de Espanha D. Juan Carlos.

Durante a II Grande Guerra Mundial foi o refúgio de escritores, políticos, artistas, negociantes e muitos judeus perseguidos pelo III Reich.

Lisboa

Lisboa

Sobre a margem direita do amplo estuário do rio Tejo, a capital de Portugal assente sobre encantadoras colinas, desfruta de uma situação geográfica ímpar, a que deve o seu destino de cidade cosmopolita. A sua luz excepcional, encantamento de escritores, fotógrafos e cineastas, o casario claro que trepa sobre as colinas, onde sobressai a cor ocre dos telhados, a policromia dos azulejos das fachadas e as ruelas tortuosas dos bairros antigos dão-lhe a atmosfera peculiar de cidade de transição entre o Norte europeu e o sul mediterrânico.

Local de eleição para as trocas comerciais com antigos povos mercadores e navegadores, a longa história de Lisboa começa na Alis-Ubbo fenícia, para se transformar, no séc. II, na romana Felicita Julia Olisipo, na Aschbouna árabe a partir do séc. VIII, em cidade portuguesa no ano de 1147, quando foi conquistada por D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, e finalmente na capital do país, em 1255.

A pé pelos bairros típicos, de eléctrico pelas zonas antigas, subindo ou descendo as colinas em elevadores seculares, de barco num passeio pelo Tejo, ou mesmo de metropolitano, verdadeiro museu subterrâneo de arte contemporânea portuguesa, todos os meios são bons para descobrir a diversidade cultural de grande interesse que Lisboa oferece.

Para ocidente, já a caminho da foz do Tejo, visite a zona de Belém, com os seus jardins e os seus monumentos que são Património Mundial da UNESCO, a Lisboa dos Descobrimentos.

Da reconstrução logo após o terramoto de 1755, nasceu o traçado regular e simétrico de cidade iluminista, aberta para o rio. É a "Baixa de Lisboa", zona de lojas tradicionais. No Chiado, um bairro de sedução, evoca-se o charme burguês da Lisboa do séc. XIX e, para oriente, o Parque das Nações concentra uma vasta oferta de lazer em que se destaca o Oceanário.

À noite, soam nos bairros tradicionais de Lisboa as vozes do Fado e os mais jovens reúnem-se nos animados bares das Docas, à beira do rio, ou no Bairro Alto, ao lado do Chiado.

Loures

Loures

Nos arredores de Lisboa, a região de Loures é tradicionalmente conhecida como a zona saloia, por aqui se situarem as hortas que antigamente abasteciam a cidade de Lisboa de vegetais e produtos frescos.

De tempos passados em que era procurada como zona de lazer e os nobres aqui edificavam as suas Quintas, conservam-se o Palácio e Quinta do Correio-Mor do séc. XVIII e a Quinta do Conventinho, onde actualmente está instalado o Museu Municipal.

Nas redondezas, são inúmeros os edifícios arquitectónicos importantes, sendo de referir a Igreja Matriz de Odivelas construída no séc. XIII e reedificada no séc. XVII, e em Santo Antão do Tojal, o Palácio dos Arcebispos do séc. XVIII, que insere na sua fachada um chafariz monumental, em frente ao qual no final de Setembro se realiza uma animada feira setecentista.

Ainda no concelho de Loures, na Região Vinícola Demarcada de Bucelas, produzem-se vinhos brancos de excelente qualidade, que tiveram divulgação internacional após as Invasões Napoleónicas no séc. XIX, embora já fossem referidos em obras de Shakespeare no séc. XVI-XVII. Toda a tradição etnográfica que lhe está associada é celebrada anualmente em Outubro na Festa do Vinho e das Vindimas.

Mafra

Mafra

Esta localidade nos arredores de Lisboa, na chamada Região "saloia", que abastecia a capital de produtos hortícolas, é conhecida pelo imponente Palácio-convento, o maior edifício português, construído no séc. XVIII por ordem de D. João V.

O Rei que ainda não tinha filhos, três anos após o seu casamento com D. Maria Ana de Áustria, prometeu aos frades franciscanos que lhes construiria um convento na localidade de Mafra, caso as suas preces para que um herdeiro nascesse, fossem atendidas.

Por ocasião do nascimento de D. Maria Pia (sua filha), iniciou-se a construção do edifício, cujo projeto inicial era bastante modesto. No entanto, e após a contratação do arquiteto alemão Ludovice o projeto sofreu alterações profundas possíveis de concretizar dado o fausto que se vivia em Portugal nessa altura, devido às riquezas provenientes do Brasil. Assim foi construído este monumento grandioso, (que além do convento para 300 frades, inclui uma basílica e um palácio real com 666 divisões), num tempo record de 1717 a 1730 para ser inaugurado na data do 41º aniversário do Rei.

Anexa ao Convento, a Tapada de Mafra, adquirida por D. João V em meados do séc. XVIII, para valorizar o enquadramento do edifício, foi usada como reserva de caça, estando atualmente aberta ao público.

Nos arredores merece visita na aldeia do Sobreiro, a Oficina de Cerâmica de José Franco, onde se poderá apreciar a recriação dos aspectos mais tradicionais da vida das aldeias da região, em tamanho real ou através de miniaturas animadas.

Próximo de Mafra, junto ao mar, a tradicional vila piscatória da Ericeira é muito procurada como estância balnear, e por surfistas atraídos pelas excelentes condições que esta praia e as que lhe são vizinhas (Ribeira de Ilhas, Lizandro) oferecem para a prática deste desporto.

Moita

Moita

Originariamente uma aldeia piscatória, a localidade da Moita, situada nas margens do Rio Tejo próximo de Lisboa e de Setúbal, começou no séc. XIV a ser procurada pela nobreza como local de lazer e mais tarde no séc. XVI, como refúgio, em virtude da peste que grassava em Lisboa.

As travessias do rio Tejo faziam-se em barcos típicos, como as faluas e os varinos, que actualmente são utilizados para passeios turísticos.

Na história da Moita a tauromaquia tem grande tradição. Entre os eventos mais importantes desta localidade destacam-se as Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem e a Festa da Senhora do Rosário.

Montijo

Montijo

Situada junto ao Rio Tejo, esta localidade foi doada no séc. XII pelo Rei de Portugal à Ordem de Santiago de Espada, que dominava um vasto território encabeçado pelo Castelo de Palmela. Durante séculos manteve o nome de Aldeia Galega, designação que apenas em 1930 foi substituída por Montijo.

No séc. XVI, a população cresceu imenso devido à vinda de trabalhadores oriundos de diversas regiões, para participar nas obras que visavam tornar o rio navegável, contrariando a sua tendência de assoreamento. Esta obra marcou definitivamente a povoação e possibilitou a diversificação da economia local, que até então dependia exclusivamente da actividade piscatória.

Como quase todas as localidades do Ribatejo, o Montijo tem grandes tradições de festa brava, sendo as touradas e as largadas de touros imprescindíveis nas Festas mais características da cidade, como as Festas de São Pedro que se realizam anualmente no final de Junho

Oeiras

Oeiras

Situada à beira-mar e a cerca de 10 kms de Lisboa, a vila de Oeiras foi ao longo dos séculos, o local escolhido por muitas famílias nobres ou endinheiradas para estabelecer as suas residências de verão. Destes edifícios, salientam-se o Palácio do Marquês de Pombal (séc. XVIII), ministro do Rei D. José que muito contribuiu para o desenvolvimento de Oeiras e a sua elevação à categoria de vila, e a Real Quinta em Caxias.

No séc. XVII, foi edificada junto à costa uma série de fortificações que defendiam a barra do Tejo, e portanto a entrada de Lisboa. De entre estas, destacam-se o Forte do Areeiro, o Forte das Maias, o Forte de Catalazete, o Forte de São Bruno em Paço de Arcos, e o mais característico situado no meio do rio Tejo - o Forte do Bugio.

Nas redondezas, vale a pena visitar o Museu da Pólvora Negra, nas instalações da Antiga Fábrica da Pólvora em Barcarena, que foi desactivada e transformada em área de lazer, o Museu do Automóvel Antigo em Paço de Arcos e o Aquário Vasco da Gama no Dafundo.

Aos domingos, as Feiras de Velharias animam os jardins do concelho, tendo lugar no 1º domingo de cada mês a de Santo Amaro de Oeiras, seguindo-se a de Paço d`Arcos e no último domingo a de Algés.

Palmela

Palmela

Esta povoação localizada num dos contrafortes da Serra da Arrábida, atraiu ao longo dos séculos os vários povos que passaram pela Península Ibérica.

Segundo se crê deve o seu nome aos Romanos, mais concretamente a um pretor de apelido Palma, e aos Árabes deve a construção do castelo no seu ponto mais alto, de onde se domina toda a região que se estende entre os Rios Sado e Tejo, avistando-se ainda a Serra de Sintra.

Por este aspecto compreende-se a sua importância naquela época, por razões de estratégia militar, bem como nos dias de hoje em que é um dos melhores miradouros de toda a região.

Palmela foi reconquistada aos Mouros pelo 1º Rei de Portugal, D. Afonso Henriques (séc. XII) com a ajuda dos Cavaleiros da Ordem de Santiago de Espada, que recompensou doando-lhe estas terras para povoamento e defesa. No séc. XV foi fundado um Convento no interior do Castelo, que serviu de Sede a esta Ordem Religiosa e Militar, e que actualmente alberga uma Pousada.

Palmela é também uma importante região vitivinícola, onde se produzem vinhos de mesa de excelente qualidade, bem como

um vinho generoso conhecido como Moscatel de Setúbal. É esta actividade que dá origem às mais importantes festividades da vila, as Festas das Vindimas que se realizam no início de Setembro, e incluem no seu programa cortejos, espectáculos e largadas de touros.

Seixal

Seixal

Nas margens do Rio Tejo, a extremamente fértil região do Seixal foi aproveitada durante a ocupação árabe para a introdução de diversas culturas mediterrânicas, como as vinhas, oliveiras e figueiras.

Devido às características da sua baía abrigada, nos sécs. XIV-XV o Seixal foi escolhido para a instalação de estaleiros navais, indústria que na época dos Descobrimentos se desenvolveu muitíssimo, e aqui se manteve durante séculos. Todavia, a actividade tradicional da população foi durante muito tempo a pesca, facto que estará na origem da escolha de São Pedro para padroeiro, e em honra de quem se realizam em Junho as principais Festas do concelho.

Uma visita ao Eco-Museu Municipal do Seixal é imprescindível para conhecer melhor a história e tradições da região. Como complemento sugere-se um passeio num barco típico e uma ida ao Moinho de Maré de Corroios que se mantém em funcionamento, mostrando aos visitantes como se processava uma actividade que nos sécs XV-XVI era muito comum na região. Existiam nesta zona cerca de 60 Moinhos de Maré, responsáveis pelo abastecimento de farinha à cidade de Lisboa.

Sesimbra

Sesimbra

Pitoresca vila piscatória situada junto a uma baía abrigada, Sesimbra foi fundada no topo da colina, em redor do castelo dos Mouros que o 1º rei de Portugal, D. Afonso Henriques conquistou em 1165. Este castelo caiu de novo na posse dos mouros em 1191, tendo sido reconquistado no reinado de D. Sancho I (séc. XIII) que o doou à Ordem de Santiago para defesa e povoamento. Mais tarde, no séc. XVIII foi restaurado, sendo actualmente um ponto de visita obrigatória de onde se pode admirar uma paisagem verdadeiramente deslumbrante sobre a vila e o mar.

Foi a riqueza piscícola do mar de Sesimbra que fez com que o núcleo populacional descesse do alto da colina e se deslocasse para as suas proximidades, transformando-se esta vila num dos principais portos de pesca da região.

Foi também o mar que durante o séc. XX atraiu forasteiros que procuravam as excelentes praias abrigadas com óptimas condições para a prática de desportos náuticos, que tornaram

esta pacata localidade numa concorrida estância de veraneio.

Nas redondezas, merece uma visita o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, junto ao qual na falésia são visíveis algumas pegadas de dinossauros.

Destaque especial merece também a excelente gastronomia regional em que os mariscos e peixes frescos são o elemento principal, e que se podem apreciar nos muitos restaurantes aqui existentes.

Setúbal

Azeitão

Situada no Parque Natural da Serra da Arrábida, a zona de Azeitão, compreende diversas povoações características, de que se salientam as de Vila Fresca e de Vila Nogueira, que adoptaram os nomes das quintas à volta das quais se desenvolveram.

Vila Fresca de Azeitão cresceu em redor da Quinta Fresca, onde no séc. XV o Rei D. João I fundou um palácio, que mais tarde se passou a denominar de Palácio da Quinta da Bacalhoa, devido à alcunha dada a uma das suas proprietárias, tendo esse nome permanecido até aos dias de hoje.

Vila Nogueira de Azeitão, por sua vez, formou-se em redor da Quinta da Nogueira, propriedade de D. Constança, esposa do rei D. Pedro (séc. XIV). A povoação desenvolveu-se e foi elevada à categoria de vila e sede de concelho em 1786, categoria que perdeu em 1855.

Nesta região aprazível e de grande beleza natural fixaram residência de verão diversas famílias nobres que aqui fundaram Quintas e palacetes dignos de nota como a Quinta das Torres (hoje transformada em Estalagem) e o Palácio dos Duques de Aveiro, edificado em estilo renascença puro.

Uma visita a Azeitão deverá ser também a oportunidade para degustar os excelentes produtos da região como os queijos, as famosas tortas e os vinhos, em que se destacam os vinhos de mesa da casta Piriquita e o Moscatel de Setúbal.

Setúbal

Habitada desde tempos longínquos pelos Fenícios e pelos romanos, que se fixaram na margem sul do Rio Sado (em Troia - frente à atual cidade) e denominaram a povoação de Cetóbriga que veio mais tarde a derivar para Setúbal.

Foram os romanos que deram início a uma das mais tradicionais atividades da região - a recolha de sal e a conservação de alimentos em tanques de salga cujos vestígios se conservam na Península de Troia.

O desenvolvimento de Setúbal esteve desde sempre ligado às atividades marítimas propiciadas pela sua localização na foz do Rio Sado, sendo já no séc. XIV um dos principais Portos do país.

Os produtos agrícolas também merecem especial destaque sendo alguns deles já referenciados em documentos oficiais do final do séc. XIV nomeadamente as uvas, vinhos, laranjas e peixe. Ainda hoje, os vinhos produzidos na região envolvente têm fama, nomeadamente vinhos de mesa e o moscatel conhecido como de Setúbal. Poderão ser provados nas caves situadas na localidade próxima de Azeitão, onde também se produzem excelentes queijos e umas tortas deliciosas.

Na cidade em que nasceram vultos da cultura portuguesa, nomeadamente Bocage (poeta do séc. XIX, conhecido pelo tom irónico e a crítica social que inseria em tudo o que escrevia) e Luísa Todi (importante cantora lírica) merecem especial referência o Convento de Jesus em estilo gótico-manuelino que alberga o Museu da Cidade e o Forte de São Filipe. Atualmente convertido numa Pousada, é um ótimo miradouro sobre a cidade, o Rio Sado, Troia e a Serra da Arrábida.

Em redor de Setúbal encontram-se áreas de natureza preservada, nomeadamente a Reserva Natural do Estuário do Sado, onde se podem observar golfinhos em liberdade, e o Parque Natural da Arrábida, de características únicas, com espécies que só se poderão encontrar em áreas próximas do Mediterrâneo.

De destacar são também as excelentes praias nomeadamente a Figueirinha, Galapos e o Portinho da Arrábida (uma lindíssima baía abrigada) e, na margem oposta do Rio Sado à qual se chega

facilmente por ferry-boat, a península de Troia com cerca de 18 kms de praias e um campo de golfe.

Sintra

Colares

Situada no sopé da Serra de Sintra e muito próximo do mar, a vila de Colares é extremamente aprazível e desde há muito procurada como local de veraneio.

Colares é também uma região vinícola demarcada, onde se produz o muito apreciado e hoje em dia cada vez mais raro Vinho de Colares, que poderá ser provado na Adega Regional, instalada num belíssimo edifício no centro da vila.

Mesmo ao lado, situa-se a estação do eléctrico que nos meses de verão faz a ligação entre Sintra e a Praia das Maçãs.

Nas redondezas, destacam-se as Praias das Maçãs, a Praia Grande, a Praia da Adraga e a típica localidade das Azenhas do Mar, com as suas casas brancas incrustadas numa falésia.

Sintra

Lindíssima vila no sopé da Serra do mesmo nome, as suas características únicas fizeram com que a UNESCO ao classificá-la como património mundial fosse obrigada a criar uma categoria específica para o efeito - a de "paisagem cultural" - que desta forma considera tanto a riqueza natural como o património construído na vila e na serra. A Serra de vegetação luxuriante, está inserida no Parque Natural Sintra-Cascais.

Sintra foi desde tempos muito remotos o local escolhido para a fixação de diversos povos que passaram pela Península Ibérica e aqui deixaram marcas da sua presença, muitas das quais estão expostas no Museu Arqueológico de Odrinhas, nas redondezas.

No séc. XII, o 1º Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, conquistou o Castelo dos Mouros e mais tarde os seus sucessores, sobre os restos de um palácio árabe, construíram aqui a sua residência de repouso, o Palácio da Vila. Aqui conservam-se ainda muitas reminiscências árabes, nomeadamente os azulejos, os pátios e as fontes. A sua fisionomia é no entanto marcada pelas duas enormes chaminés cónicas construídas na Idade Média, hoje o ex-libris da Sintra.

Sempre foi muito apreciada por reis e nobres, exaltada por escritores e poetas de que é exemplo incontornável Lord Byron que lhe chamou Eden glorioso. Sintra possui um rico acervo de chalets e quintas, alguns dos quais oferecem actualmente alojamento nas modalidades de Turismo Rural ou de Habitação.

Destaque também para os palácios como o da Pena, edificado na época do romantismo num dos picos da Serra, o de Seteais, do séc. XVIII, hoje convertido num elegante Hotel, e o de Monserrate, célebre pelos seus belíssimos jardins que possuem espécies exóticas únicas no país.

Queluz

Cidade populosa inserida no concelho de Sintra e situada a cerca de 12 kms de Lisboa, era no início do séc. XVIII o cenário idílico campestre, onde se situava a Quinta e o Pavilhão de Caça família real, que o Infante D. Pedro, filho do Rei D. João V, mandou transformar no Palácio de verão.

As obras de transformação que decorreram entre 1747 e 1760, foram orientadas pelos arquitectos Mateus Vicente de Oliveira e pelo francês Robillion, que acrescentou ao projecto inicial uma nova ala, localizada a poente, precisamente conhecida como Pavilhão Robillion, se ocupou da decoração dos mais belos espaços como a Sala do Trono, a Sala da Música e a Sala dos Embaixadores.

O palácio em que predomina o estilo rocaille e rococó possui uma importante colecção de artes decorativas - mobiliário português, pintura, tapetes, porcelana e azulejos. Belíssimos são também os jardins de traçado geométrico que rodeiam o palácio, e escondem lagos e esculturas, e no Parque merece destaque o canal revestido a azulejos por onde passava uma ribeira e que era utilizado pela família real para passeios de barco. Os anexos fronteiros ao edifício principal foram transformados em Pousada.

Nos salões do Palácio, o público poderá assistir a concertos de música erudita e semanalmente às quartas-feiras recomendam-se os espectáculos de Alta Escola Equestre Portuguesa que têm lugar no Picadeiro ao ar livre.

Uma especial referência merece a doçaria de Sintra, nomeadamente os travesseiros e as famosas queijadas que, segundo referências em documentos antigos, já se confeccionavam no séc. XII e faziam parte do rol de pagamentos de foros.

Nas redondezas, merecem referência especial as Praias (Maçãs, Praia Grande, Adraga), o Cabo da Roca, o ponto mais ocidental do continente Europeu, Colares, que dá nome a uma região vinícola demarcada, e a pitoresca aldeia das Azenhas do Mar, incrustada numa falésia.

Vila Franca de Xira

Vila Franca de Xira

Situada à beira do Rio Tejo, Vila Franca de Xira está cercada de planícies férteis - as lezírias - onde são criados os cavalos e touros sempre vigiados pelos campinos. Vila Franca de Xira, é conhecida pelo rigor dos aficionados da Tourada, o espectáculo mais apreciado na região, e que entre Abril e Outubro, tem lugar quase todas as semanas na Praça de Touros Palha Blanco. Para os interessados no espectáculo, é absolutamente indispensável visitar o Museu Etnográfico instalado na Praça de Touros, as ganadarias e os Centros Equestres da Lezíria Grande e do Morgado Lusitano.

As touradas e as largadas de touros nas ruas são também obrigatórias nas principais festas da região, como a Feira de Outubro e a Festa do Colete Encarnado que se realiza anualmente em Julho, devendo o seu nome a um dos elementos que compõem o traje do campino.

Na gastronomia variada destacam-se os diversos pratos típicos da beira-rio como as enguias, os linguadinhos, a açorda de sável e também a galinha de cabidela, o ensopado de borrego e a dobrada à Vila Franca.

Em Alverca, o Museu do Ar, único do género no país, possui um espólio que ilustra a história da aeronáutica em Portugal.

Nas redondezas, a Reserva Natural do Estuário do Tejo é, entre Outubro e Março, o local de passagem de aves migradoras como os flamingos, garças, pilritos, alfaiates patos, milhafres e peneireiros. Na zona rural do interior, a vivência é tranquila e o ambiente despoluído, predominando ainda a agricultura de pequena propriedade.

Madeira

Funchal

Funchal

Capital da Região Autónoma da Madeira e situada na costa sul da ilha, numa bela baía com o mesmo nome, o **Funchal** teve o seu primeiro foral em meados do século XV, tendo o seu nome origem no funcho, erva aromática muito comum nesta região.

Primeiro com o comércio de cana do açúcar e da banana e depois com o **Vinho da Madeira**, o Funchal tornou-se num importante porto comercial e ponto obrigatório de paragem nas viagens da expansão marítima. Também devido ao seu clima ameno todo o ano, desde cedo se tornou num dos destinos preferidos da elite europeia.

Plena de história, cosmopolita, e com uma fantástica vida própria, o Funchal nos dias de hoje tem muito para ver e admirar, começando pelos núcleos históricos das suas freguesias, como os de **São Pedro**, de **Santa Maria** ou da **Sé**, que convidam a agradáveis passeios. O Funchal apresenta também uma forte componente cultural, abrangendo espaços museológicos e culturais de igual interesse.

A não perder o **Mercado dos Lavradores**, onde os sabores e aromas das frutas e flores se misturam com a agitação habitual de um mercado.

Sendo o Funchal conhecido como um “jardim à beira-mar”, não podemos deixar de referir os seus espaços verdes, como o Jardim Botânico ou o **Jardim da Quinta do Palheiro Ferreiro**, ambos com plantas provenientes dos quatro cantos do mundo.

Nada melhor que uma **viagem de teleférico** para melhor observar a beleza da cidade e sua envolvente, podendo optar pelo teleférico que liga o **Monte** ao Jardim Botânico ou ao centro da cidade. Uma vez no Monte, uma volta no “**carro de cesto**” é obrigatória.

De volta ao centro da cidade, podemos passear pela **Marina do Funchal** e aproveitar para observar os veleiros e, mais à frente, os navios de cruzeiro, provenientes das mais diversas paragens.

A oferta de **eventos** e atividades turísticas é constante ao longo do ano, das quais se destacam o **Carnaval**, a **Festa das Flores** e as **festividades de fim de ano**. Mas existem muitas outras **atividades**: golfe, ténis, mergulho, pesca desportiva e passeios a cavalo ou de barco são sempre boas sugestões. São ainda de referir o grande número de esplanadas e restaurantes nos locais históricos, onde podemos refrescar-nos com uma bebida ou simplesmente deliciarmo-nos com os **sabores típicos da região**.

Seja qual for a opção, podemos relaxar e aproveitar os encantos e condições magníficas que esta cidade tem para oferecer. E descobrir a hospitalidade do povo madeirense na variada oferta de qualidade das unidades hoteleiras que nos faz sentir em casa.

Ilha de Porto Santo

Ilha de Porto Santo

Conhecer o Porto Santo é também conhecer a primeira porta de acesso à epopeia marítima dos portugueses.

Foi a primeira de todas as ilhas descobertas pelos navegadores portugueses e encerra em si, um importante legado histórico.

Aqui aportaram, em 1418, Gonçalves Zarco, Bartolomeu Perestrelo e Tristão Vaz.

A História diz que o nome tem origem no facto dos navegadores terem encontrado porto seguro na ilha, após violenta tempestade que os afastara do rumo pretendido. Com este descobrimento, os marinheiros portugueses rasgaram horizontes novos para a náutica e para a cosmografia, tornando-se mestres das nações na arte de navegar.

Em tempos idos, esta ilha funcionou como plataforma avançada de estudo e observação para grandes navegadores com particular destaque para o descobridor da América, Cristóvão Colombo, que aqui passou alguns anos. A casa onde residiu este navegador, agora transformada em museu, fica no centro histórico da cidade.

O Pico Castelo, pequena fortaleza construída no alto deste pico, encerra em si mistérios carregados de história.

A história e cultura da Ilha de Porto Santo estão à sua espera!

Porto e Norte

Alfândega da Fé

Alfândega da Fé

Povoada desde tempos pré-históricos como o testemunham os numerosos achados arqueológicos, foram os árabes que lhe deram o nome de "alfândega" (estalagem), ao qual após a Reconquista Cristã foi acrescentado "da fé".

Situada na chamada "terra quente" do interior norte, chamada assim por ser muito fria no Inverno e atingir temperaturas muito elevadas no Verão, esta região é conhecida pelas amendoeiras em flor que em Fevereiro/Março constituem o maior cartaz turístico da região.

Alijó

Alijó

Situada em plena Região Demarcada do Douro, a sua importância está intimamente relacionada com a vitivinicultura, estando localizadas neste concelho muitas das quintas produtoras do famoso Vinho do Porto.

O seu primeiro foral data de 1226, mas encontraram-se vestígios que provam que era habitada desde tempos pré-históricos.

Amarante

Amarante

A presença da grande Serra do Marão que a partir de Amarante começa a elevar-se em paisagens majestosas e o rio Tâmega, o mais extenso afluente do Douro nascido na Galiza, que corre no coração da cidade realçando o pitoresco casario que se ergue sobre ambas as margens, são dois factores da natureza que impressionam quem visita Amarante.

Alguns historiadores atribuem a fundação desta cidade de transição entre o Minho e Trás-os-Montes a um centurião romano de nome Amarantus. No séc. XIII chegou ao local São Gonçalo, monge beneditino que aqui se fixou depois de peregrinar por Itália e Jerusalém e que ficaria o seu santo padroeiro. A ele é atribuída a construção de uma robusta ponte sobre o Tâmega no mesmo sítio onde se encontra a actual.

A ponte de Amarante perpetua a memória da heróica resistência da população às forças de Napoleão que, em inícios do séc. XIX, invadiram Portugal. A cidade, importante ponto de passagem para a região de Trás-os-Montes, foi sediada pelo exército do marechal Soult mas encontrou feroz oposição dos amarantinos que resistiram ao cerco durante 14 dias, até finalmente se renderem quando os franceses lhes lançaram barris de pólvora.

Os famosos doces de Amarante são fáceis de encontrar nas muitas pastelarias da terra. Fixe alguns nomes: Papos de Anjo, Brisas do Tâmega, Toucinho do Céu, bolos de S. Gonçalo, galhofas. No 1º Sábado de Junho realiza-se uma festa em honra de São Gonçalo, a quem as mulheres solteiras recorrem para encontrar marido.

É imprescindível dar um passeio pela Serra do Marão para contemplar a paisagem. Perto, no formoso vale de Ansiães, a visita aos viveiros de trutas, na margem direita do rio Ovelha, é um bom pretexto para passear por entre os densos bosques que os rodeiam.

A aldeia de Travanca da Monte, acessível pela estrada que conduz a Peso da Régua, é um local extremamente pitoresco com uma vista magnífica num raio de 360º. Em dias limpos, é possível ver as serras do Marão, do Gerês e da Cabreira. Na aldeia destaca-se a Casa da Levada, pertença da família do

escritor Teixeira de Pascoaes. No pátio, chamam a atenção dois enormes espigueiros em granito, usados para secar o milho. Em Chão de Parada situa-se um dólmen muito completo.

Amares

Amares

Situada entre o Vale do Rio Cávado e a Serra do Gerês, a região de Amares é muito fértil, sendo conhecida pela produção de laranjas e de Vinho Verde.

O seu desenvolvimento foi marcado desde a fundação da nacionalidade pelas Ordens Religiosas que aqui se instalaram, como a Ordem Beneditina que fundou o Mosteiro de Rendufe no séc. XI e a Ordem de Cister que instituiu o Mosteiro de Santa Maria do Bouro no séc. XII.

Nas redondezas, a estância termal de Caldelas é muito procurada pelas propriedades terapêuticas das suas águas.

Arcos de Valdevez

Arcos de Valdevez

Habitada desde a pré-história, como o testemunham os diversos achados arqueológicos de que se destaca o Núcleo Megalítico do Mezio, a vila situada num vale atravessado pelo Rio Vez conserva todo o encanto que caracteriza o Alto Minho - paisagens verdejantes e uma arquitectura tradicional em que sobressaem as casas solarengas.

Parte do concelho de Arcos de Valdevez está inserido no Parque Nacional da Peneda-Gerês, onde a natureza conserva todo o seu encanto original e esconde aldeias comunitárias como o Soajo, em que as populações mantêm os seus usos e costumes ancestrais.

Arcos de Valdevez é um dos quatro municípios que integram o Vale do Lima. Nesta região, percorrer a **Rota dos Gigantes** é uma forma de conhecer os locais onde nasceram quatro grandes figuras históricas que levaram Portugal aos quatro cantos do mundo.

Fernão de Magalhães, o Navegador, de Ponte da Barca, comandou a primeira viagem de circum-navegação provando que a Terra é redonda. Em Ponte de Lima nasceu o Beato Francisco Pacheco (O Santo), Mensageiro da Companhia de Jesus e um dos primeiros missionários jesuítas no Japão. João Alvares Fagundes (o Descobridor), de Viana do Castelo, explorou e descobriu Terra Nova no Atlântico Norte, importante zona de pesca do bacalhau. Originário de Arcos de Valdevez era o Padre Himalaya, o inventor, estudioso científico das energias renováveis que representou Portugal na Exposição Universal de St. Louis, nos Estados Unidos. Mais informação em <http://www.valedolima.com>

Armamar

Armamar

Junto ao Rio Douro que marca a paisagem da região, a vila de Armamar mantém uma vivência tranquila.

Numa zona em que a actividade agrícola é dominante, produzem-se aqui vinhos de muito boa qualidade e excelentes maçãs.

Merece especial destaque a Igreja Matriz de Armamar construída no séc. XIII em estilo românico.

Baião

Baião

Baião é uma terra muito antiga que deve o seu nome ao guerreiro cristão D. Arnaldo de Bayan ou Bayão que conquistou esta região aos mouros no séc. X.

A paisagem influenciada pelo Rio Douro e pontuada por pequenas capelas, solares e quintas poderá ser apreciada em toda a sua grandeza do Alto do Baião.

Barcelos

Barcelos

Atravessando a antiga ponte sobre o Rio Cávado, entramos numa das localidades mais emblemáticas da arte popular minhota, Barcelos.

É uma cidade antiga, situada num local com vestígios arqueológicos desde a Pré-História, mas foi no séc. XII que sua história começou, primeiro quando D. Afonso Henriques lhe concedeu foral e a tornou vila e depois quando D. Dinis, em 1298, quis compensar o seu mordomo-mor João Afonso e o tornou conde, doando-lhe a povoação em título.

Em 1385, o Condestável Nuno Álvares Pereira tornou-se o 7º Conde de Barcelos. Entregaria a vila como dote no casamento da filha D. Beatriz com D. Afonso, bastardo do rei D. João I. Começou então uma época de grande desenvolvimento e dinâmica para Barcelos, revelado com a construção da ponte, a muralha (de que resta a Torre da Porta Nova), do Paço dos Duques e da Igreja Matriz. São estes monumentos que constituem hoje o centro histórico da cidade que mantém um agradável ambiente medieval pontuado por solares e casas históricas como o Solar dos Pinheiros ou a Casa do Condestável.

Um passeio a Barcelos não pode dispensar o antigo Largo da Feira, hoje Campo da República, onde se encontram as setecentistas Igrejas do Bom Jesus da Cruz, e da Nossa Senhora do Terço e onde se realiza a maior feira de artesanato do país, todas as quintas-feiras. Se perder a feira semanal, visite o Museu da Olaria e o Centro de Artesanato de Barcelos, onde tem uma boa perspectiva sobre a expressão artística minhota. De todas as

peças aqui produzidas, o colorido Galo de Barcelos é o mais representativo, não esquecendo as bandas de música e as figuras retratando hábitos e costumes da região.

Boticas

Boticas

Boticas está situada no Barroso, uma região de terras montanhosas e agrestes, onde se criam os bovinos cuja raça é precisamente chamada de barrosã. Conhecida por possuir uma carne muito apreciada desde há séculos como manjar de reis, foi recentemente certificada tendo denominação de origem protegida.

De Boticas é também originário o "Vinho dos Mortos", assim designado porque depois de engarrado é enterrado no solo e aí fica a fermentar no escuro durante cerca de um ano. Esta técnica foi descoberta por puro acaso no séc. XIX, durante as invasões napoleónicas, quando a população local escondeu os seus bens e colheitas nos sítios menos esperados, para evitar as pilhagens. Depois de o perigo passar, o vinho foi desenterrado e descoberto que afinal tinha adquirido uma excelente qualidade.

Também as águas da região são de excelente qualidade, merecendo especial destaque as "águas santas" das Termas de Carvalhelhos.

Braga

Braga

A construção da "Bracara Augusta", sede jurídica romana, iniciou-se em 27 a. C. no Império de Augusto. Integrou então as vias do Império que atravessavam a Península Ibérica, comunicando com Roma, o que comprova a importância da cidade no território. Em 216, o Imperador Caracala elevou-a a capital da província da Galécia e, no mesmo século, a Diocese de Braga foi criada, sob jurisdição do Bispo Paterno.

Ao domínio romano sucedeu-se a ocupação da cidade pelos Suevos, que a elegeram capital política e intelectual, pelos Visigodos e pelos Muçulmanos, até que, em meados do séc. XI, foi reconquistada pelos cristãos e a arquidiocese restaurada pelo Bispo D. Pedro. Durante o período muçulmano, os bispos mudaram a sua residência para Lugo (Espanha). Em 1112, com o arcebispo D. Maurício Burbino, a história eclesiástica de Braga ganhou relevo. Depois da disputa com a Sé de Compostela, o Papa Inocêncio III autorizou em 1199 a jurisdição de Braga sobre o Porto, Coimbra e Viseu, assim como sobre cinco dioceses em Espanha.

A Sé de Braga, a mais antiga do país, foi a maior referência religiosa em Portugal ao longo dos séculos e o dito popular "mais velho do que a Sé de Braga", para referir alguma coisa com muito tempo, é elucidativo do seu valor. Sempre marcada pela

acção eclesiástica, que se reflectiu no enriquecimento da cidade, podemos dizer que o séc. XVI e o séc. XVIII foram as épocas de ouro da sua história e do seu desenvolvimento. Primeiro com a acção do arcebispo D. Diogo de Sousa, o reedificador de Braga, que a partir de 1505 assumiu o governo temporal e espiritual transformando "a aldeia numa cidade" (nas suas próprias palavras) e depois com as iniciativas dos arcebispos D. Rodrigo de Moura Teles e D. José de Bragança impondo o exuberante estilo barroco.

A industrialização e a fixação da Universidade contribuíram muito para o desenvolvimento actual da cidade que se manteve fiel à tradição religiosa secular, revivida intensamente todos os anos durante as Solenidades da Semana Santa e na Festa de São João Baptista, em Junho. São boas oportunidades para conhecer Braga, passeando-se pelo Centro Histórico ou relembrando um dos Caminhos de Santiago que por aqui passava.

Nos arredores, sugere-se ainda o Percurso dos Santuários Marianos e uma visita ao singular Museu dos Cordofones.

Bragança

Bragança

Um passeio pelo centro histórico conduz inevitavelmente à tranquila cidadela medieval do Ducado de Bragança.

A localidade nasceu no séc. XII, quando se estabeleceu aqui Fernão Mendes, da família dos Braganções, cunhado do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques (1139-85). Em 1187, D. Sancho reconheceu a importância da vila no desenvolvimento da região concedendo-lhe a autonomia jurídica simbolizada pelo foral. O núcleo urbano medieval mantém-se na cidadela dignamente representada pela imponente Torre de Menagem do Castelo, pelo Pelourinho assente num curioso berrão lusitano, pela Igreja de Santa Maria e pela Domus Municipalis, exemplar único da arquitectura civil.

Em 1442, a união do filho bastardo de D. João I, D. Afonso, com a filha do Condestável Nuno Álvares Pereira, D. Beatriz de Alvim, dá origem ao Ducado de Bragança. A importância dos seus titulares comprova-se pelo facto de serem também duques de Barcelos e de Guimarães, marqueses de Valença e de Vila Viçosa, condes de Ourém, Arraiolos, Neiva, Faro, Faria e Penafiel, e senhores de Monforte, Alegrete e Vila do Conde, entre outros lugares. Em 1640, o 8º Duque de Bragança, D. João IV, foi aclamado rei iniciando a última dinastia portuguesa, terminada em 1910 para dar lugar à República.

Fora das muralhas, a cidade expandiu-se para Oeste, o que é visível num pequeno percurso até ao seu centro administrativo e comercial onde casas nobres e monumentos contam a evolução de Bragança. Depois de D. Manuel ter dado Foral Novo em 1514, o desenvolvimento da cidade deveu-se à presença dos bispos que aqui residiam durante metade do ano, gerindo um

episcopado dividido entre Miranda do Douro e Bragança, e aqui estabelecido definitivamente a partir de 1764.

A acção real e episcopal memorizou esses tempos na Igreja de São Vicente, no Museu do Abade Baçal, na Capela da Misericórdia, na Igreja de Santa Clara e por fim na Sé Catedral.

A história da cidade não fica completa sem a visita da secular Igreja de Castro de Avelãs, nas proximidades, ou com um passeio ao Parque Natural de Montesinho, onde ainda se encontram pequenas aldeias de regime comunitário que fazem parte do património regional.

Cabeceiras de Basto

Cabeceiras de Basto

Situada numa região conhecida por terras de "Basto", nome associado ao Guerreiro Lusitano, o "Basto", figura lendária que ficou célebre nas lutas de resistência às invasões dos Mouros. Este guerreiro está representado em estátuas de granito cuja origem data da época anterior aos romanos (séc. I a.C.). Inicialmente teriam servido de monumentos funerários para identificar as sepulturas dos guerreiros, estando uma delas colocada num pedestal à entrada de Cabeceiras de Basto.

Grande influência no desenvolvimento da região teve o Mosteiro de São Miguel de Refojos, cuja fundação é anterior ao séc. XII, tendo a vila também sido conhecida por Refojos do Basto.

Em terras de grande beleza, de rios límpidos e montanhas luxuriantes, merece especial destaque o Parque de Moinhos do Rei, que concentra o conjunto de moinhos comunitários de Abadim, mandados construir por D. Dinis, rei de Portugal no séc. XIV.

Caminha

Caminha

Povoação fronteiriça fortificada na foz do Rio Minho, foi palco de diversas lutas entre Portugal e Espanha, mas hoje em dia em que as relações entre os dois países são mais amistosas, um ferry-boat diário une as duas margens do rio.

No meio do estuário, numa ilha, permanecem as ruínas do Forte da Ínsua, edificado no séc. XV para defesa da entrada da barra.

Mas nem só do passado vive esta região. Em Vilar de Mouros, lugar pitoresco de beleza rústica, situado a cerca de 6 kms a norte, realiza-se em Agosto um concorrido Festival de Música moderna, que foi o primeiro do género a ter lugar em Portugal.

Carrazeda de Ansiães

Carrazeda de Ansiães

Numa região que o granito domina a paisagem, merecem especial visita o castelo medieval, as igrejas românicas e os vestígios da ocupação pré-histórica da região, de que são exemplos algumas pinturas rupestres e antas bem conservadas.

Uma curiosidade natural desta zona é a "pedra bulideira" em Ribalonga, um gigantesco pedregulho de formas arredondadas mal assente no cimo de um monte, que mexe quando se lhe toca, mas permanece sempre no seu local.

Celorico de Basto

Celorico de Basto

Junto ao Rio Tâmega, esta localidade teve importância na época medieval por aqui se situarem pontos estratégicos de defesa da região - os castelos de Celorico de Basto e de Arnóias.

Em épocas mais recentes (sécs. XVII-XIX), Celorico de Basto foi procurada por famílias nobres que aqui construíram os seus solares e marcam a paisagem da região.

Chaves

Chaves

Na época da ocupação romana Chaves era conhecida por "Aquae Flaviae", nome que lhe foi dado pelo Imperador Flávio Vespasiano, que reconheceu a qualidade das nascentes termais aqui situadas. As propriedades curativas destas águas, as mais quentes da Europa, e que nascem com uma temperatura de cerca de 73º C, continuam a ser apreciadas sendo o Parque Termal muito procurado.

Situada junto ao Rio Tâmega e próximo da fronteira, Chaves teve sempre importância do ponto de vista estratégico-militar, tendo resistido heroicamente à anexação a Castela no séc. XVI. Mais tarde, no séc. XIX, foi aqui que as tropas invasoras de Napoleão sofreram a sua primeira derrota em solo português. Deste passado de praça forte são exemplos o castelo e a respectiva torre de menagem, bem como o bairro medieval no interior das muralhas.

Chaves é também conhecida pela riqueza gastronómica, de que se destacam os enchidos e o presunto.

Cinfães

Cinfães

Situada entre as margens do Rio Douro e a Serra de Montemuro, foi aqui que foi criado o primeiro Rei de Portugal D. Afonso Henriques (1139-85), pelo seu aio D. Egas Moniz, senhor destas terras.

É uma região muito fresca e verdejante, com praias fluviais junto à Barragem do Carrapatelo, ideais para a prática de desportos aquáticos.

Um pouco por todo o lado existem vestígios da ocupação pré-histórica do concelho e do período românico conservam-se as Igrejas de Escamarão e de Santa Maria Maior em Tarouquela.

Espinho

Espinho

Inicialmente uma aldeia de pescadores que aqui viviam em casas de madeira ("palheiros"), transformou-se no séc. XIX numa estância balnear, muito procurada numa época em que os banhos de mar eram aconselhados pelas suas virtudes terapêuticas.

Hoje é uma cidade animada, que além do extenso areal possui um Balneário marinho com talassoterapia, o mais antigo Campo de Golfe da Península Ibérica fundado por cidadãos britânicos no final do séc. XIX, um Casino e uma vasta oferta hoteleira.

Do seu cartaz de eventos, destacam-se os Festivais de Música, em Junho, e de Cinema de Animação, em Novembro.

Esposende

Esposende

Na época dos Descobrimentos, Esposende foi um importante porto de pesca e marítimo, actividades que hoje em dia ainda se conservam, apesar de ser também muito procurada como estância de veraneio. Além da pesca, uma actividade característica na povoação da Apúlia é a apanha do sargaço (algas) durante a maré vazia.

Área de Paisagem Protegida, a faixa costeira que se estende desde Esposende a Ofir e Fão, é considerada uma das mais belas zonas da orla marítima do norte de Portugal.

A cerca de 6 km a norte, São Bartolomeu do Mar é muito conhecida pela Romaria de 24 de Agosto, que inclui o "Banho Santo", um banho de mar que segundo a tradição cura as doenças e torna as crianças mais saudáveis e resistentes.

Fafe

Fafe

Centro administrativo recente (séc. XIX), em Fafe notam-se as influências da emigração de muitos dos seus habitantes para o Brasil nos sécs. XVIII e XIX. No regresso à terra natal, mandaram construir casas apalaçadas de uma arquitectura imponente conhecida por "brasileira" e que muito contribuíram para o desenvolvimento da localidade investindo na indústria têxtil e na actividade comercial.

Felgueiras

Felgueiras

Numa zona de verdura luxuriante, merecem especial destaque as pequenas igrejas em estilo românico nas povoações em redor de Felgueiras.

Esta localidade é ainda conhecida pelos bordados e rendas, pela produção de vinho verde e pelo famoso pão de ló de Margaride.

Freixo de Espada à Cinta

Freixo de Espada à Cinta

Há diversas explicações para o curioso nome desta vila. Uns dizem que teve origem no nome de um fidalgo godo "Espadacinta", outros no brasão de um fidalgo leonês que tinha um freixo e uma espada ou, ainda, na lenda que diz que D. Dinis rei de Portugal, quando fundou a localidade no séc. XIV, amarrou a sua espada a um freixo, antes de se encostar à árvore a descansar.

Situada na região demarcada do Douro, esta zona adquire uma beleza especial na Primavera quando as amendoeiras estão em flor, podendo a paisagem ser admirada em toda o seu esplendor do alto do Penedo Durão, o mais belo e imponente miradouro do concelho, de onde se vislumbra uma área que se estende para lá da fronteira espanhola.

Gondomar

Gondomar

Situada em vales amenos e férteis, Gondomar é famosa pelos trabalhos em ourivesaria, actividade com séculos de existência e que segundo se crê remonta ao tempo dos vigodos e celtas. A origem desta actividade está directamente relacionada com as minas de ouro existentes na região, encerradas há mais de dois séculos.

Dos trabalhos executados, destaca-se naturalmente a filigrana em ouro e prata, cujo complexo rendilhado se pensa dever-se à influência estética e artística dos Mouros na Península Ibérica. A

riqueza e originalidade destes trabalhos executados manualmente são indispensáveis para completar o riquíssimo traje típico das minhotas.

Guimarães

Guimarães

No dia 13 de Dezembro de 2001 a UNESCO inscreveu o centro histórico da cidade de Guimarães na lista de Património Mundial. Distinção merecida para uma cidade, plena de reminiscências históricas, que soube preservar o seu património e espaços públicos para o prazer de quem a visita.

Para os portugueses, Guimarães tem um valor simbólico muito especial pois foi num campo próximo dos muros do seu castelo que D. Afonso Henriques vencendo as hostes de D. Teresa (sua mãe e filha de Afonso VI de Leão e Castela) na batalha de São Mamede, em 24 de Junho de 1128, iniciaria o percurso que levaria à construção do reino de Portugal, do qual viria a ser o primeiro rei.

Comece por visitar o local conhecido por Colina Sagrada coroado pelo castelo de Guimarães, de tantas evocações, e a pequena igreja românica de São Miguel. De acordo com a tradição, foi neste modesto templo que Afonso Henriques recebeu baptismo na pia baptismal que ainda se pode ver no interior. Numa interpretação do escultor Soares dos Reis (1834), uma imponente estátua colocada mais abaixo permite imaginar a figura e as feições do primeiro rei português.

Nas imediações destaca-se o Palácio Ducal, hoje um palácio-museu, cuja edificação original remonta ao séc. XV.

Depois de visitar estes pontos de referência da fundação de Portugal, desça até Guimarães, onde sugerimos que escolha o Largo da Oliveira, coração do centro histórico, como ponto de partida para o seu passeio.

Se quiser ter uma magnífica visão da cidade, poderá subir de carro os 7 km necessários para chegar ao Monte da Penha, um dos mais impressionantes panoramas do norte de Portugal. Esta estrada passa ao lado da Pousada de Santa Marinha da Costa. Antigo convento fundado por D. Mafalda de Sabóia, mulher de D. Afonso Henriques, entrecruzam-se neste edifício vários estilos e épocas que a hábil intervenção do arquitecto Fernando Távora transformou em pousada. A igreja, reconstruída no séc. XVIII, o claustro, as celas adaptadas a quartos e a belíssima varanda de S. Jerónimo com vista sobre o jardim constituem motivos bastantes para fazer aqui uma paragem.

Poderá optar também por subir no teleférico, uma viagem de poucos minutos que liga o centro da cidade a este local suspenso nas alturas onde se ergue o santuário de Nossa Senhora da Penha.

Lamego

Lamego

Situada a cerca de 12 km das margens do Douro, Lamego conheceu, no séc. XVIII, um tempo de grande prosperidade quando aqui se produzia um "vinho fino", que esteve na origem do afamado vinho do Porto. Cidade muito antiga, já os Visigodos no séc. VII haviam elevado Lamecum a sede de bispado.

Depois, teve sorte igual a tantas outras localidades que mais tarde viriam a ser portuguesas: foi tomada pelos Mouros, reconquistada para os Cristãos, voltou à posse dos Mouros, até que em 1057, Fernando Magno de Castela, bisavô de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, a reconquistou definitivamente. Dos tempos medievais dão testemunho o castelo, no alto da cidade, a Sé e a pequena igreja de Santa Maria de Almacave.

A predominância da influência da Igreja ao longo de muitos séculos, que a extinção das Ordens Religiosas em 1834 viria a restringir, dotou Lamego de numerosos templos que revelam a influência clássica do tempo da sua construção nos sécs. XVI e XVII. Histórias contadas nos azulejos que revestem as paredes, pintura sacra e belas decorações em talha de ouro acrescentadas na época barroca são motivos para entrar quando passar por elas. Especial relevo para a Igreja do Convento de Santa Cruz, com vista para a cidade, e para o sumptuoso e monumental santuário barroco dedicado a Nossa Senhora dos Remédios, que no alto dos seus 600 metros responde ao apelo dos crentes aflitos, concedendo remédio para os seus males. A cidade presta à Senhora os merecidos agradecimentos dedicando-lhe todos os anos (entre os dias 6 e 8 de Setembro) a grande Romaria de Nossa Senhora dos Remédios.

No extremo oposto e no mesmo enfiamento do escadório do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios ergue-se um belo palácio do séc. XVIII, de um elegante e sóbrio Barroco que foi o paço dos bispos de Lamego. Sobre a porta principal estão esculpidas as armas do bispo D. Manuel Vasconcelos Pereira, a quem se devem as obras de reconstrução e ampliação do velho paço episcopal. Cerca de 1940 este espaço foi arranjado para guardar condignamente o riquíssimo recheio do Museu de Lamego, cuja visita é indispensável.

A localização de Lamego tão perto das margens do rio Douro proporciona passeios onde se podem admirar admiráveis panoramas dos extensos vales onde nasce o vinho do Porto.

Lousada

Lousada

Numa zona economicamente muito desenvolvida mas que conserva uma forte tradição agrícola, Lousada conserva um património monumental digno de visita.

Mais recentemente, Lousada tem vindo a ser conhecida pela realização de provas automobilísticas na pista com excelentes condições situada nas redondezas.

Macedo de Cavaleiros

Macedo de Cavaleiros

No nordeste transmontano, Macedo de Cavaleiros é terra de solares situada num vale fértil, junto à Serra de Bornes, muito procurada para a prática de desportos radicais, como por exemplo o parapente.

No séc. XVIII, uma das principais actividades da região era a criação de bicho-da-seda, de que são testemunhos as ruínas do Real Filatório de Chacim, que se prevê serem reaproveitadas no âmbito da "Rota Europeia da Seda", da qual Macedo de Cavaleiros é sede em Portugal.

Maia

Maia

O concelho da Maia, fortemente desenvolvido economicamente, é hoje em dia um importante centro industrial, mas mantém todavia tradições e costumes muito antigos.

Perto, no Convento de Moreira da Maia está guardada uma relíquia do Santo Lenho, ao qual as gentes das redondezas atribuíam poderes milagrosos, pedindo-lhe graças em momentos de aflição.

Marco de Canaveses

Marco de Canaveses

Marco de Canaveses é um destino marcado pela presença dos **rios Douro e Tâmega**, com uma forte presença na identidade dos costumes e das tradições locais. Para além dos rios, destacam-se ainda as **albufeiras artificiais do Carrapatelo e do Torrão**, excelentes espelhos de água para a prática de desportos náuticos. O **Parque Fluvial do Tâmega**, o cais e a **praia fluvial de Bitetos**, assim como parques de lazer da Cidade e de Alpendorada são também encantadores locais de encontro, lazer e prática desportiva.

Descubra o vasto património arquitetónico do concelho e visite a **cidade romana de Tongobriga**, com mais de dois mil anos, bem como um interessante circuito românico que inclui 8 igrejas e 2 monumentos civis. Deslumbre-se com a arquitetura barroca das igrejas dos **mosteiros de Vila Boa do Bispo e de Alpendorada** e no palacete inacabado conhecido como **Obras**

do Fidalgo. Na arquitetura contemporânea, merece referência a **Igreja de Santa Maria**, da autoria do reconhecido arquiteto Álvaro Siza Vieira.

Os amantes da natureza vão encantar-se com as **serras da Aboboreira e de Montedeiras**, onde podem fazer longas e refrescantes caminhadas e encontrar importantes vestígios pré-históricos, nomeadamente antas e mamoaas. Para melhor usufruir da cidade e da região, recomendam-se as **7 Pequenas Rotas (PR)** que incluem natureza e património arquitetónico.

Uma visita ao Marco de Canaveses não ficará completa sem uma passagem pelos seus **museus e mostras de artesanato**, designadamente o Museu Municipal Carmen Miranda, o Museu da Pedra, o Museu do Linho e do Vinho, o Centro de Promoção de Produtos Locais e a Casa de Produtos Tradicionais de Bitetos.

Aproveite para descansar, alojando-se numa das casas de **Turismo em Espaço Rural** e deixe-se levar pelos sabores e aromas tradicionais da gastronomia regional de que são exemplo o Anho Assado com Arroz de Forno, o Verde e a Lampreia, pão podre, pão-de-ló, cavacas e fatias do Freixo e os biscoitos de Soalhões.

Para terminar a visita, siga a Rota dos Vinhos do Marco de Canaveses. Pertencendo à **Região Demarcada dos Vinhos Verdes**, aqui vai encontrar néctares únicos, frescos e aromáticos, reconhecidos a nível nacional e internacional.

Matosinhos

Matosinhos

Tradição e progresso caracterizam esta cidade virada para o Atlântico...

Situada na foz do rio Leça e privilegiada pela proximidade do mar, as primeiras referências a Matosinhos remontam ao séc. XI, sendo então conhecida pelo nome de Matesinus. Em 1514, a localidade recebeu foral de D. Manuel I, mas só foi reconhecida como vila no séc. XIX (1853). Elevada a sede de concelho em 1909, tornou-se cidade em 1984.

Na origem era uma tradicional localidade piscatória onde se produzia sal. Actualmente é o principal porto de pesca do país beneficiando de uma indústria desenvolvida (conservas, metalomecânica e transformação de madeira), onde se destacam três dos principais factores de desenvolvimento económico da região: o Porto comercial de Leixões, a refinaria da Petrogal e a Exponor, onde se realizam grandes eventos internacionais.

O Santuário do Senhor Bom Jesus é o principal monumento da cidade mas vale a pena referir o património de Leça da Palmeira. É a freguesia mais antiga de Matosinhos e motivo de visita pelas suas praias e pelo seus edifícios de valor artístico como as obras do arquitecto Siza Vieira (o Salão de Chá e a Piscina das Marés), o Farol da Boa-Nova, a Quinta da Conceição, a Quinta de Santiago e o Forte de Nossa Senhora das Neves.

Melgaço

Melgaço

Junto à Galiza, a povoação de Melgaço desenvolveu-se à volta do castelo mandado construir pelo primeiro rei de Portugal D. Afonso Henriques no séc. XII.

Situada numa região extremamente fresca e verdejante, onde se produzem os famosos Vinhos Verdes, em Melgaço não deve deixar de ser visitado o Solar do Alvarinho, onde se poderão experimentar as diversas variedades deste vinho único no mundo.

Nas redondezas, conservam-se belos monumentos em estilo românico como o Mosteiro de Fiães e as Igrejas da Senhora da Orada e de Paderne. Destaque ainda para a aldeia tradicional de Castro Laboreiro, cuja fundação remonta à Idade do Ferro e dá o nome a uma raça canina que é daqui originária.

A cerca de 4 kms de Melgaço, as Termas do Peso são muito procuradas pelas qualidades terapêuticas das suas águas.

Mesão Frio

Mesão Frio

Vila tranquila situada na região demarcada do Douro, esteve desde sempre ligada à produção vinícola.

Nas margens do rio, as vinhas cultivadas em socalcos oferecem uma belíssima paisagem, avistando-se aqui e ali quintas e casas solarengas, de que se destaca o Solar da Rede adaptado a Pousada.

Miranda do Douro

Miranda do Douro

De origem muito antiga foi ocupada pelos romanos e mais tarde no séc. VIII pelos árabes que lhe deram o nome de "Mir Andul", que posteriormente derivou para Miranda.

A sua localização junto à fronteira conferiu-lhe o estatuto de importante ponto estratégico de defesa, tendo o primeiro rei de Portugal D. Afonso Henriques no séc. XII mandado construir o castelo e a cerca de muralhas, que a transformou numa verdadeira Praça de Armas.

No séc. XVI foi elevada à categoria de cidade e de sede do Bispado de Trás-os-Montes, entrando numa fase de prosperidade em que se construíram grandiosos edifícios, como a Igreja de Santa Maria Maior que durante cerca de dois séculos teve a categoria de Sé.

No séc XVII com as Guerras de Restauração da independência com Espanha, e mais tarde durante as invasões francesas, a cidade sofreu muitos revezes e perdeu grande parte da sua

importância.

Miranda do Douro é célebre pelo seu folclore colorido e animado - os Pauliteiros de Miranda com o seu traje típico de saias, executam a dança do pau acompanhada pelo toque da gaita foles cuja origem remonta à ocupação celta da região, na Idade do Ferro. Destaque ainda para o "mirandês", língua oficial portuguesa que se fala nesta região e, na gastronomia, para a "Posta mirandesa", confeccionada com a excelente carne dos bovinos criados nesta zona.

Mirandela

Mirandela

Bela cidade nas margens do rio Tua, conhecida como cidade jardim, dela costumam dizer "Quem Mirandela mirou, em Mirandela ficou".

Das Festas em honra de Nossa Senhora do Amparo, que se realizam em final de Julho, são característicos a majestosa procissão, a marcha luminosa e o fogo de artifício considerado o mais deslumbrante da região.

Mirandela é também famosa pela sua gastronomia, destacando-se a produção de um enchido tradicional muito apreciado - as "alheiras".

Nas redondezas, a aldeia típica de Romeu merece uma visita .

Mogadouro

Mogadouro

Mogadouro foi conquistada aos mouros para o Reino de Portugal no séc. XIII, tendo o seu território sido doado à Ordem dos Templários, que aqui fundou um castelo, hoje em ruínas.

A ocasião ideal para visitar esta região é Fevereiro/Março, quando as amendoeiras estão em flor cobrindo os campos com um manto branco, podendo-se admirar as belíssimas paisagens a partir da Serra da Castanheira ou do castelo de Penas Róias, nas redondezas.

Moimenta da Beira

Moimenta da Beira

O nome de "Moimenta" significa edificação funerária, pensando-se que deriva do facto de aqui ter existido uma necrópole na Pré-História.

Aquilino Ribeiro, escritor português (séc. XIX-XX) apelidou esta região de "Terras do Demo", mas no entanto esta é uma zona muito aprazível em que se produzem bons vinhos e fruta de excelente qualidade.

Moimenta da Beira, circundada de povoações pitorescas, como Alvite e Leomil, está situada perto do Rio Távora, que na Albufeira da Barragem do Vilar oferece excelentes condições para a prática de desportos aquáticos.

Monção

Monção

Cidade fortificada na margem do Rio Minho, o seu nome suevo Orosion foi traduzido para latim como Mons Sanctus que evoluiu para o português Monção. Em 1291, o rei português D. Afonso III deu-lhe carta de foral e, em 1306, D. Dinis mandou construir o velho castelo defensivo, cujas muralhas ainda acolhem os visitantes.

Debruçada sobre o rio Minho, com os seus aprazíveis terraços e miradouros, como a esplanada dos Neris, ninguém diria que foi palco de ferozes combates travados noutros tempos entre os reinos de Portugal e Castela. E ainda menos que neles se distinguiram com bravura três mulheres: Deuladeu Martins, Mariana de Lencastre e Helena Peres. Hoje, a lembrança das antigas guerras é revivida na encantadora tradição popular da Festa da Coca, celebrada todos os anos na Quinta-feira, dia de Corpo de Deus.

As muralhas seiscentistas guardam o centro histórico, onde os monumentos da Igreja Matriz, da Igreja da Misericórdia e da Igreja de Santo António dos Capuchos têm lugar de destaque. No seu exterior, as Caldas de Monção complementam uma visita de cidade, com as suas águas terapêuticas.

Nos arredores, a Igreja de Longos Vales, exemplo precioso da arquitectura românica, e o nobre Palácio da Brejoeira, onde se produz o famoso vinho verde Alvarinho, completam o património de Monção.

Mondim de Basto

Mondim de Basto

Próximo do Rio Tâmega, Mondim de Basto foi fundada no reinado de D. Sancho I (séc. XII) mas conserva vestígios da ocupação dos muitos povos que por aqui passaram.

Junto à vila, o monte Farinha, que na sua forma piramidal faz lembrar um vulcão, eleva-se a pique a uma altitude de 990m. No seu topo, a Ermida da Senhora da Graça é palco em Julho de concorridas romarias.

Nas redondezas, próximo da aldeia de Ermelo, merecem especial destaque as quedas de água do Rio Olo, conhecidas por "Fisgas de Ermelo".

Montalegre

Montalegre

Em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês, esta região oferece deslumbrantes paisagens, em que a Natureza ainda conserva todo o seu encanto.

A vila de Montalegre é dominada pelo castelo construído no séc. XIII sobre restos de uma fortificação mais antiga, o que demonstra a importância deste local como ponto estratégico de defesa do território.

Nas redondezas, junto à típica aldeia comunitária de Pitões das Júnias, o pequeno e curioso Mosteiro de Santa Maria das Júnias, hoje em ruínas pertenceu à Ordem de Cister (sécs. XIII-XIV).

Sob o ponto de vista gastronómico, Montalegre é famosa pela produção de enchidos e presunto, sendo a Feira do Fumeiro que se realiza anualmente em Janeiro, a oportunidade ideal para adquirir estas iguarias.

Murça

Murça

O símbolo desta vila é a conhecida "Porca de Murça", grande estátua em pedra em forma de berrão, originária da Idade do Ferro e à qual se pensa estarem associados cultos de fertilidade dos povos celtas. Também se diz que esta figura representa uma grande urso muito feroz, que aterrorizava as populações da região. O senhor de Murça, numa montaria então organizada, abateu o animal e em memória desta proeza foi construída a estátua.

Inserido na Região demarcada do Douro, a agricultura tem grande importância na economia do concelho, devido não só à produção vinícola, como também à de azeite e mel.

Paços de Ferreira

Paços de Ferreira

Região ocupada desde a antiguidade, conserva vestígios muito antigos de que são exemplos o Dólmen de Lamoso e a Citânia de Sanfins, uma das estações arqueológicas mais importantes do norte da Península Ibérica. Do séc. XII, destaque para a Igreja do Mosteiro de Ferreira, edificada em estilo românico.

Paços de Ferreira é hoje uma cidade desenvolvida economicamente devido às indústrias de mobiliário que aqui se instalaram, sendo por esse motivo conhecida por "Capital do móvel".

Paredes

Paredes

Devido às características geográficas desta região, encontram-se aqui as condições ideais para a prática de desportos como a canoagem e a escalada e alpinismo.

Destaque especial merecem os monumentos em estilo românico das redondezas, sendo a Igreja e Mosteiro de Cete um dos templos mais antigos do país, cuja fundação deverá remontar ao séc. XII.

Situada junto ao Rio Sousa, que percorre a região entre desfiladeiros, é célebre o lugar conhecido como "Senhora do Salto". Segundo a lenda, um cavaleiro atraído pelo Diabo, precipitou-se no abismo, indo pousar suavemente na outra margem, após ter invocado a ajuda de Nossa Senhora. Em sinal de agradecimento mandou construir a pequena capela, de grande devoção na zona.

Paredes de Coura

Paredes de Coura

Numa região rica em valores arqueológicos, Paredes de Coura teve muita importância durante as Guerras da Restauração entre Portugal e Espanha (séc. XVII).

A vila atrai multidões de jovens em Agosto, pela realização do Festival de Música nas margens do Rio Coura.

Penafiel

Penafiel

De origem muito antiga, diz-se que na região existiam dois castelos, um de nome Aguiar de Sousa e outro conhecido como Castelo da Pena. Os Mouros quando ocuparam a região tentaram invadir este último, mas não conseguiram porque o castelo foi defendido heroicamente. Por esse facto foi considerado "fiel", passando a ser conhecido como castelo de Penafiel, nome que se estendeu ao resto da área.

Região de granito e de produção dos Vinhos Verdes, Penafiel é palco de concorridas Festas por altura do Corpo de Deus.

Nas redondezas, destacam-se os templos em estilo românico como o Mosteiro de São Salvador de Paço de Sousa e as Igrejas de São Miguel de Eja e de São Salvador da Gandra.

Penedono

Penedono

O seu castelo de origem medieval assente num grande rochedo é um exemplar único de arquitectura militar e domina a paisagem da região.

São abundantes aqui os vestígios da ocupação pré-histórica, destacando-se nas redondezas, na aldeia de Penela da Beira, o dólmen que serviu de capela-mor na Ermida de nossa Senhora do Monte.

No séc. XX, Penedono registou grande desenvolvimento quando se começou a explorar o seu solo rico em minério (ouro e volfrâmio), minas que emboar abandonadas são um exemplar de arqueologia industrial.

Peso da Régua

Peso da Régua

Pensa-se que Peso da Régua teve origem numa casa romana que aqui existiu, a "Villa Reguela", mas o seu grande desenvolvimento registou-se após 1756 com a criação da Real Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que instituiu a 1ª região demarcada de produção vitivinícola a nível mundial.

Situada junto ao Rio Douro, esta localidade teve um papel preponderante na produção e na comercialização do Vinho do Porto, pois era a partir daqui que as pipas de vinho eram transportadas em barcos rabelos até Vila Nova de Gaia, onde o vinho envelhecia nas caves.

Nesta região, as vinhas cultivadas em socalcos nas encostas junto ao rio oferecem belíssimos panoramas que podem ser admirados dos muitos miradouros da zona de que se destacam

os de São Leonardo em Galafura e de Santo António do Loureiro.

Nas redondezas, a estância termal das Caldas de Moledo, situada na margem direita do Douro, possui um ancoradouro próprio e é um local aprazível para umas férias de repouso.

Pinhão

Pinhão

Pinhão é considerado o centro geográfico da Região Demarcada do Douro e é aqui que se situam muitas das quintas produtoras do vinho do Porto, algumas oferecendo alojamento na modalidade de turismo no espaço rural.

Digno de nota é o edifício da Estação de Caminhos de Ferro, construída no final do séc. XIX, cujo interior é inteiramente revestido de painéis de azulejos.

Ponte da Barca

Ponte da Barca

Situada numa região verdejante à beira do Rio Lima, pensa-se que Ponte da Barca foi buscar o seu nome à barca que fazia a ligação entre as duas margens, antes da ponte ser construída no séc. XV. Esta região era anteriormente conhecida por Terra da Nóbrega ou Anóbrega que se pensa derivar do nome romano "Elaneobriga".

O centro histórico da vila com casas solarengas (algumas adaptadas a Turismo de habitação) e belos monumentos dos sécs. XVI-XVIII merece uma visita cuidada, bem como os seus arredores, em que se destacam a Igreja românica de Bravães do séc. XIII e o Castelo do Lindoso (séc. XIII) que teve um papel importante na defesa da região.

Na região Demarcada dos Vinhos Verdes, parte deste do concelho está inserido no Parque Nacional da Peneda Gerês, que oferece excelentes para actividades desportivas e de lazer.

Ponte da Barca é um dos quatro municípios que integram o Vale do Lima. Nesta região, percorrer a Rota dos Gigantes é uma forma de conhecer os locais onde nasceram quatro grandes figuras históricas que levaram Portugal aos quatro cantos do mundo.

Fernão de Magalhães, o Navegador, de Ponte da Barca, comandou a primeira viagem de circum-navegação provando que a Terra é redonda. Em Ponte de Lima nasceu o Beato Francisco Pacheco (O Santo), Mensageiro da Companhia de Jesus e um dos primeiros missionários jesuítas no Japão. João Alvares Fagundes (o Descobridor), de Viana do Castelo, explorou e descobriu Terra Nova no Atlântico Norte, importante zona de pesca do bacalhau. Originário de Arcos de Valdevez era o Padre Himalaya, o inventor, estudioso científico das energias renováveis que representou Portugal na Exposição Universal de

St. Louis, nos Estados Unidos. Mais informação em <http://www.valedolima.com>

Ponte de Lima

Ponte de Lima

A ponte romana que atravessa o Rio Lima neste local deu origem ao nome desta antiga vila. O primeiro foral foi-lhe concedido em 1125 por D. Teresa, a mãe do primeiro Rei de Portugal, antes ainda da fundação do reino.

No centro de uma região agrícola rica, onde é produzido o famoso Vinho Verde, o seu património integra um grande número de solares e casas apalaçadas, muitos das quais oferecem actualmente alojamento na modalidade de Turismo de Habitação.

Esta vila tradicional regista quinzenalmente grande animação no areal das margens do rio quando se realiza a feira originária da Idade Média, onde também se realiza em Junho outro evento tradicional "A Vaca das Cordas". Em Setembro a vila volta a registar grande animação com a realização das Feiras Novas, as festas do concelho.

Ponte de Lima é um dos quatro municípios que integram o Vale do Lima. Nesta região, percorrer a **Rota dos Gigantes** é uma forma de conhecer os locais onde nasceram quatro grandes figuras históricas que levaram Portugal aos quatro cantos do mundo.

Fernão de Magalhães, o Navegador, de Ponte da Barca, comandou a primeira viagem de circum-navegação provando que a Terra é redonda. Em Ponte de Lima nasceu o Beato Francisco Pacheco (O Santo), Mensageiro da Companhia de Jesus e um dos primeiros missionários jesuítas no Japão. João Alvares Fagundes (o Descobridor), de Viana do Castelo, explorou e descobriu Terra Nova no Atlântico Norte, importante zona de pesca do bacalhau. Originário de Arcos de Valdevez era o Padre Himalaya, o inventor, estudioso científico das energias renováveis que representou Portugal na Exposição Universal de St. Louis, nos Estados Unidos. Mais informação em <http://www.valedolima.com>

Porto

Porto

Capital e porta de entrada da região norte, o Porto é uma cidade antiga que deu nome a Portugal e a um vinho conhecido nos quatro cantos do mundo: o Vinho do Porto.

Com uma situação magnífica junto da foz do Douro e um conjunto arquitectónico de valor excepcional, o centro histórico do Porto é Património da Humanidade desde 1996. É a capital do Norte e 2ª cidade do país; a sua população empreendedora e com marcada vocação mercantil, desde sempre afirmou a sua vontade contra imposições e invasores, sendo por isso o Porto também conhecido como a "invicta" cidade.

Para além do seu valor patrimonial, interessa descobrir no Porto

a sua forte personalidade cidadina e o seu tão singular carácter humano.

Para melhor conhecer a cidade é aconselhável percorrê-la devagar e admirar o casario típico e os monumentos de granito, efectuar um percurso de eléctrico à beira do Rio ou um passeio de barco por baixo das seis pontes, desfrutando de uma perspectiva diferente. Sugerimos dois itinerários, propostas diferentes para dois dias de passeio, que procuram evidenciar os impressionantes contrastes que a cidade oferece. A "Baixa" do Porto, com o seu pulsar de vida cidadina, o movimento, o comércio intenso, a sua expressão peculiar que alia a atmosfera de cidade nórdica e mercantil ao barroco espiritual e intenso. Em contraste, no Parque de Serralves, encontrará a modernidade do edifício que encerra o Museu de Arte Contemporânea, e a atmosfera romântica e bucólica de um parque frondoso. .

Póvoa de Lanhoso

Póvoa de Lanhoso

O castelo da vila erguido no cimo do Monte do Pilar é o principal monumento da região. Segundo a tradição nele esteve presa D. Teresa a mãe do 1º rei de Portugal (séc. XII), após a Batalha de São Mamede em que mãe e filho se defrontaram. Junto ao castelo, foi construído no séc. XVII o Mosteiro de Nossa Senhora do Pilar.

Na aldeia próxima de Fonte Arcada, a Igreja em estilo românico do séc. XII merece uma visita.

Na região demarcada dos Vinhos Verdes, Póvoa de Lanhoso é muito conhecida pela indústrias de extracção e corte de granito e pelo trabalho de ourivesaria (filigrana).

Póvoa de Varzim

Póvoa de Varzim

Povoação antiga cuja carta de foral data do séc XIV, começou a partir do séc. XVIII a ser conhecida como vila piscatória importante, com a fixação neste local de um grande número de pescadores que formaram uma comunidade.

A excelente praia, muito procurada na época balnear, foi o seu motor de desenvolvimento, sendo actualmente esta cidade um concorrido centro de veraneio dotado de uma completa oferta hoteleira, campo de golfe, casino e de excelentes condições para a prática de todo o tipo de desportos.

Nas proximidades, a vila de São Pedro de Rates que já foi sede de concelho merece uma visita especial, destacando-se a Igreja em estilo românico edificada nos sécs. XI-XIII, bem como o antigo edifício da Câmara do séc. XVIII e o pelourinho.

Resende

Resende

Pensa-se que a localidade deve o seu nome ao cavaleiro cristão "Rausendo", que a conquistou e povoou no séc. XI.

Nesta região foi criado D. Afonso Henriques, o 1º Rei de Portugal pelo seu aio D. Egas Moniz. O infante que tinha nascido com uma doença incurável, sarou miraculosamente aos 4 anos, depois de D. Egas Moniz o ter levado a um local onde encontrou uma imagem da Virgem, segundo indicações transmitidas numa visão.

Nesse lugar, denominado de Cárquere, mandou então construir uma Igreja, (alterada nos sécs. XV-XVI), onde ainda se conserva a pequena imagem da virgem em marfim.

Localizada nas encostas da Serra do Montemuro e situada junto à Barragem do Carrapatelo, Resende oferece belíssimos panoramas sobre o Rio Douro.

Nas redondezas, a Estância Termal de Caldas de Aregos, cujas águas têm excelentes propriedades terapêuticas.

Ribeira de Pena

Ribeira de Pena

Numa zona de transição entre o Minho e Trás-os-Montes, Ribeira de Pena situa-se na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, sendo o concelho atravessado por diversos rios, que o tornam fresco e verdejante e oferecem excelentes condições para a pesca.

Remontam à Pré-História os vestígios da ocupação ancestral da região, como o Santuário Rupestre de Lamelas e os castros no cimo dos montes do concelho.

É ainda de referir a Ponte de Cavês que atravessa o Rio Tâmega e a Igreja de São Salvador, mandada edificar no séc. XVIII por um natural da localidade que regressou rico após um período de emigração no Brasil.

Sabrosa

Sabrosa

Na região demarcada do Vinho do Porto, Sabrosa conserva vestígios de uma ocupação no período Neolítico (antas e dólmenes) e da Idade do Ferro, dos quais se destaca o Castro da Sancha, alterado no período da romanização.

Da Idade Média, de referir a aldeia de Provesende, nos arredores de Sabrosa, cuja fundação é anterior ao Reino de Portugal e algumas sepulturas paleo-cristãs encontradas na região..

Foi aqui que nasceu Fernão de Magalhães, grande navegador português do séc. XV, o primeiro a efectuar a viagem de circum-

navegação à volta do mundo.

Após a demarcação da região do Douro para a produção de vinho no séc. XVIII, a vila registou grande desenvolvimento, sendo dessa época grande parte das casas solarengas aqui existentes.

Santa Maria da Feira

Santa Maria da Feira

No centro de uma região que nos sécs. XI-XII era conhecida como "Terras de Santa Maria" e elo de ligação entre o Norte e Coimbra, esta localidade deve o seu nome a uma feira que na época se realizava nestes terrenos. A cidade tem como ex-libris o seu castelo, construído no séc. XV com um traçado pouco habitual nos castelos portugueses, parecendo ter saído de um conto de Fadas.

Santa Maria da Feira é actualmente uma cidade dotada de excelentes infraestruturas como o Europarque - um moderno centro de congressos com variado programa de eventos culturais - e o Visionarium - museu de ciência interactiva. Merece também especial destaque o Museu do Papel.

Do calendário de eventos tradicionais, a Festa das Fogaceiras é sem dúvida o mais importante. Realiza-se anualmente a 20 de Janeiro e o seu ponto alto é o cortejo das fogaceiras, como são denominadas as raparigas que transportam à cabeça as «fogaças» (espécie de pão doce).

Santa Marta de Penaguião

Santa Marta de Penaguião

Na região demarcada do Douro, Santa Marta de Penaguião é famosa pela sua Adega Cooperativa onde se produzem vinhos de mesa e generosos muito apreciados.

A paisagem desta região é marcada pelos vinhedos a perder de vista que ocupam grande parte do solo da região.

Santo Tirso

Santo Tirso

Esta localidade junto ao Rio Ave desenvolveu-se à volta do Mosteiro de São Bento fundado no séc. X, que era também era conhecido como Santo Tirso de Riba de Ave.

É em honra de São Bento que se realiza a maior Romaria do concelho em Julho.

Próximo situam-se as Termas de Caldas da Saúde, que além de todo o equipamento necessário para as curas termais, possui também uma curiosa exposição dos instrumentos utilizados nos tratamentos no início do séc. XX.

Nas redondezas, destaque para a Igreja românica de Roriz (cuja origem poderá datar do séc. VIII) e para a Citânia de Sanfins de Ferreira provavelmente habitada desde o séc. VI a.C.

São João da Pesqueira

São João da Pesqueira

Situado nas margens do rio Douro, São João da Pesqueira deve o seu nome a uma albufeira natural onde abundavam várias espécies de peixes, fazendo do local um paraíso para os pescadores que por isso lhe chamavam "pesqueira".

Esta albufeira era formada por fragas que aqui represavam o rio, fazendo-o prosseguir o seu curso numa queda de água conhecida como o Cachão da Valeira, que foi palco de diversos naufrágios. O percurso acidentado e traiçoeiro do rio Douro, foi domado pelas barragens construídas no séc. XX.

Na região demarcada do Douro, a paisagem desta zona é marcada pelos extensos vinhedos e assume contornos verdadeiramente deslumbrantes, que poderão ser admirados na sua plenitude a partir do Santuário de São Salvador do Mundo ou do Monte da Frágua.

Sernancelhe

Sernancelhe

Reconquistada para os cristãos no séc. XI, esta vila tinha sido anteriormente ocupada pelos romanos e pelos árabes, que por aqui deixaram vestígios da sua presença.

A Igreja Matriz em estilo românico é considerada por muitos, uma das mais belas do país.

Numa região em que a actividade agrícola ainda tem grande importância, Sernancelhe é conhecida pela produção de castanha.

Nas redondezas, merecem visita o Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção em Tabosa, que foi o último Mosteiro instituído pela Ordem de Cister em Portugal, e o Santuário da Senhora da Lapa que a 15 de Agosto é palco de uma importante romaria.

Tabuaço

Tabuaço

Situado junto ao Rio Távora, um dos afluentes do Douro, o mais importante rio da região, encontram-se nas redondezas de Tabuaço importantes monumentos em estilo românico como a Igreja Matriz de Barcos (séc. XIII), a Ermida de Sabroso ou o Mosteiro de São Pedro das Águias, fundado pela Ordem de São Bento, foi mais tarde incorporado na Ordem de Cister.

Tarouca

Tarouca

Na origem da vila está patente a influência dos Mosteiros da região, destacando-se o de São João de Tarouca, o primeiro mosteiro fundado pela Ordem de Cister na Península Ibérica (séc. XII) e cujo domínio abrangia grande parte do Norte de Portugal.

O outro Mosteiro da Região denominado de Santa Maria de Salzedas foi fundado provavelmente no séc. XII, tendo-se tornado uma casa monástica muito rica.

A ponte fortificada de Ucanha, construída no séc. XIII, é um exemplar único no país. É uma marca do passado feudal em que cobrava portagem a quem atravessava aqui o território, entre Lamego e Riba Côa.

Ainda de destacar é a riqueza agrícola da região, com menção especial para a produção vinícola pois fazem-se aqui dos melhores espumantes do país.

Terras de Bouro

Terras de Bouro

Situado junto ao Rio Homem, grande parte no concelho de Terras do Bouro está inserido no Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Nas proximidades as albufeiras das Barragens da Caniçada e de Vilarinho das Furnas, são locais de grande beleza, tendo esta última submergido a povoação que lhe deu o nome, e cujo espólio está hoje em exposição no Museu Etnográfico situado em Terras de Bouro.

Nas redondezas, os Santuários de São Bento da Porta Aberta e da Senhora da Abadia, são centros de grandes romarias e peregrinações.

Torre de Moncorvo

Torre de Moncorvo

O nome desta localidade está associado a um nobre leonês, Mendo Curvus, senhor destas terras, que tendo participado na Reconquista Cristã da Península Ibérica aqui mandou construir um castelo para sua residência e defesa do território. D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, confirmou os privilégios dados anteriormente aos habitantes e concedeu à povoação os forais de 1128 e de 1140.

Um século depois, Torre de Moncorvo ganhou nova importância quando foi elevada a vila por iniciativa do rei D. Dinis. Nesse mesmo reinado, reedificou-se o castelo e reforçaram-se as muralhas, confirmando o facto de constituir um ponto de defesa avançada da fronteira portuguesa durante a Idade Média.

Em 1512, D. Manuel concedeu foral novo a Torre de Moncorvo, constituindo então uma das maiores comarcas do país. Situada no fértil Vale da Vilariça, junto da Serra do Reboredo, a localidade transformou-se num importante pólo de troca comercial entre os territórios a Norte do Rio Douro e a zona vinhateira da Beira Alta. A riqueza desta região reflectiu-se na construção de dois importantes monumentos: a imponente Igreja Matriz de Torre de Moncorvo e a Igreja da Misericórdia, de estilo renascentista.

No séc. XVII, foi criada a Real Feitoria dos Linhos e Cânhamos, por iniciativa régia de D. João IV. Durante o séc. XVIII, o uso da seda desenvolveu-se e a cultura do bicho da seda veio substituir a do linho, dando continuidade à produção têxtil regional. Uma outra área de investimento foi a exploração mineira, que teve início em 1874 e se deve ao facto de aqui existir um dos maiores jazigos nacionais de ferro. O actual Museu do Ferro e da Região de Moncorvo lembra-nos como foi a evolução desta indústria e dá-nos mais informação sobre a história e costumes locais.

Para visitar Torre de Moncorvo, aconselha-se o final do Inverno, quando a Câmara Municipal organiza uma feira de artesanato e promove a região através da iniciativa "Amendoeiras em Flor".

Não deixe também de ir a Adeganha, uma povoação que fica a 19 km e que conserva ainda as características rurais transmontanas. Aí, visite a Igreja Matriz de Santiago Maior, um interessante exemplo da arquitectura românica nordestina.

Valença

Valença

Cidade de fronteira, localizada junto ao Rio Minho, Valença está rodeada de muralhas e conserva as características de cidade fortificada nos sécs. XVII-XVIII ao estilo do arquitecto militar francês Vauban.

O seu primeiro nome foi "Contrasta", que significava povoação oposta a outra, devido à sua localização frente à cidade galega de Tui na outra margem do Rio Minho.

Hoje em dia é uma cidade com um comércio florescente, em que se destacam os muito procurados produtos de artesanato local.

Valongo

Valongo

Situada quase nos limites da cidade do Porto, de que é hoje como que uma extensão, crê-se que Valongo foi fundada pelos romanos, que aqui desenvolveram a exploração mineira de ouro.

Hoje em dia Valongo é uma localidade movimentada que conserva diversos testemunhos dos sécs. XVIII e XIX e muito conhecida pela tradição de fabrico de pão e de biscoitos.

Valpaços

Valpaços

O concelho de Valpaços foi fundado no séc. XIX, mas pensa-se que esta região já teria sido habitada na Pré-História e na época dos romanos, como o provam aliás os muitos vestígios aqui encontrados.

Numa região de terrenos férteis, a agricultura tem um peso importante na economia da região, destacando-se a produção de cerejas e de vinho.

Na gastronomia, destaque para a produção de enchidos e para o foliar de Valpaços, verdadeiro ex-libris da região.

Viana do Castelo

Viana do Castelo

Situada junto da foz do Rio Lima, a 65 km a norte do Porto e a 50 da fronteira de Valença, Viana do Castelo foi fundada no séc. XIII por Afonso III, rei de Portugal, com o nome de Viana da Foz do Lima.

O mar foi sempre a sua razão de ser: chegou a ter 70 navios mercadores e, na época dos Descobrimentos (sécs. XV e XVI), dos estaleiros de Viana saíram naus e caravelas para as rotas das Índias e das Américas, que regressavam carregadas de açúcar, pau preto, marfim e outras preciosidades exóticas. Um vianense, João Álvares Fagundes, foi o pioneiro da navegação na Terra Nova, no Atlântico norte. Viria, sem o saber, a abrir o caminho ao culto das muitas maneiras de comer bacalhau em Portugal.

Em meados do séc. XX viria a ser construída uma frota bacalhoeira nos estaleiros de Viana do Castelo para a pesca do bacalhau nas águas frias dos mares do norte. O túmulo de João Álvares Fagundes encontra-se na capela do Santo Cristo, no interior da Igreja Matriz de Viana do Castelo.

Até ao séc. XVI, o burgo foi exclusivo do povo, não podendo instalar-se aqui a nobreza. Abrindo-lhe, por fim, as portas, Viana enriqueceu-se com palácios brasonados, igrejas e conventos, chafarizes e fontanários que constituem uma herança patrimonial notável, digna de visita. Em 1848 a rainha D. Maria II elevou Viana a cidade com o novo nome de Viana do Castelo. Cidade bonita, extrovertida e alegre, Viana do Castelo tem sabido conservar a riqueza das suas tradições de raiz popular.

As festas da Senhora d'Agonia, uma das mais belas romarias de Portugal, são uma explosão de alegria que ninguém deve perder.

Viana do Castelo é um dos quatro municípios que integram o Vale do Lima. Nesta região, percorrer a **Rota dos Gigantes** é uma forma de conhecer os locais onde nasceram quatro grandes figuras históricas que levaram Portugal aos quatro cantos do mundo.

Fernão de Magalhães, o Navegador, de Ponte da Barca, comandou a primeira viagem de circum-navegação provando que a Terra é redonda. Em Ponte de Lima nasceu o Beato Francisco Pacheco (O Santo), Mensageiro da Companhia de Jesus e um dos primeiros missionários jesuítas no Japão. João Álvares Fagundes (o Descobridor), de Viana do Castelo, explorou e descobriu Terra Nova no Atlântico Norte, importante zona de pesca do bacalhau. Originário de Arcos de Valdevez era o Padre Himalaya, o inventor, estudioso científico das energias renováveis que representou Portugal na Exposição Universal de St. Louis, nos Estados Unidos. Mais informação em <http://www.valedolima.com>

Vieira do Minho

Vieira do Minho

Localizado numa região muito montanhosa e densamente florestada, o concelho de Vieira do Minho tem nas albufeiras das Barragens da Caniçada e do Ermal, locais de extraordinária beleza, ideais para o tempo de lazer. Um pouco por todo o lado pequenas povoações preservam os costumes ancestrais da vida rural.

No 1º fim-de-semana de Outubro, a vila anima-se com a realização da Feira da Ladra, uma feira franca onde se vende de tudo, com destaque para o artesanato típico da região como os objectos em cobre, de cestaria e a tecelagem.

Vila Flor

Vila Flor

Anteriormente denominada Póvoa de Além-Sabor, foi D. Dinis que lhe deu o nome de Vila Flor, encantado com a sua beleza. Foi o mesmo rei que a mandou rodear de muralhas de que hoje apenas resta a Porta Sul.

A Igreja Matriz, reconstruída no séc. XVII-XVIII em estilo barroco, merece uma visita especial bem como o Museu de D. Berta Cabral, onde se podem encontrar diversos achados arqueológicos da região.

Vila Nova de Cerveira

Vila Nova de Cerveira

Fundada no séc. XIV por D. Dinis, sob a condição de se juntarem cem moradores para a constituir, a vila tomou o nome de Cerveira devido à colónia de cervos que existiam na região.

Situada junto à fronteira com Espanha e à beira do rio Minho, cuja travessia é efectuada por um ferry-boat que a liga a Goyan na Galiza, Vila Nova de Cerveira conserva numerosos monumentos, que testemunham um passado rico.

Desde 1978, Vila Nova de Cerveira é conhecida pela realização da bienal de artes plásticas, uma referência nacional cuja fama se vai expandindo além-fronteiras e atraindo a presença de artistas internacionais.

Vila Nova de Famalicão

Vila Nova de Famalicão

Fundada no séc. XIII pelo rei D. Afonso III, pensa-se que Famalicão já seria antes da nacionalidade a sede das Terras de Vermoim.

O grande desenvolvimento da localidade deu-se no séc. XIX, com a criação de diversas oficinas e indústrias no concelho. São também dessa época muitos dos palacetes e edifícios luxuosos que ainda hoje existem e que foram construídos pelos emigrantes que enriqueceram no Brasil.

Em São Miguel de Seide, nas redondezas, viveu Camilo Castelo Branco, um dos maiores vultos da literatura portuguesa do séc. XIX, estando a sua casa hoje convertida num Museu.

Vila Nova de Foz Côa

Vila Nova de Foz Côa

Esta vila do interior do país está situada num planalto na região da "terra quente", assim denominada devido ao calor abrasador que aqui se vive nos meses de verão.

Ganhou maior importância devido à descoberta de um conjunto de gravuras rupestres nas margens do Rio Côa, cuja data remonta ao Paleolítico Superior. Com efeito, o vale do Rio Côa constitui um local único no mundo por apresentar o maior conjunto de figurações paleolíticas de ar livre até hoje conhecidas. Em 1998 foram classificadas como património mundial pela UNESCO.

Vila Nova de Gaia

Vila Nova de Gaia

Situada junto ao rio Douro e povoada desde tempos muito remotos, foi no séc. XVIII que Gaia conheceu um grande desenvolvimento, quando aqui foram instalados os Armazéns do Vinho do Porto.

O vinho chegava transportado em barcos rabelos para envelhecer nas caves, adquirindo as qualidades que o tornam tão apreciado mundialmente. Uma visita a uma das muitas Caves aqui existentes é imprescindível para melhor conhecer e apreciar este vinho, único no mundo.

Do património monumental que a cidade de Gaia possui, destaca-se o Mosteiro da Serra do Pilar, cuja localização privilegiada fez com que já tenha sido utilizado como fortaleza e onde se pode admirar uma das mais belas vistas sobre a cidade do Porto.

Vila Pouca de Aguiar

Vila Pouca de Aguiar

Situada perto do Parque Natural do Alvão, a zona de Vila Pouca de Aguiar possui vestígios de uma ocupação muito antiga como o Castro de Cidadelhe (da Idade do Ferro) e diversos marcos da ocupação romana como as pontes e as calçadas. Na vila, as ruínas do castelo, as casas antigas e os solares, são testemunhos de um passado grandioso.

Nas proximidades, a Estância Termal de Pedras Salgadas, situada numa região de vegetação luxuriante, conserva uma aura de grandeza própria da "belle époque" em que era procurada pelas famílias aristocráticas. As suas águas, com gasoso natural, são muito procuradas pelas suas qualidades terapêuticas e podem ser consumidas em todo o país, pois são engarrafadas e largamente distribuídas.

Vila Real

Vila Real

Cidade capital da província de Trás-os-Montes, Vila Real ergue-se a 427 m sobre um promontório que forma como que uma península entre os rios Corgo e Cabril, sobre o qual sobressai o seu gracioso casario.

O primeiro foral de Vila Real foi concedido por D. Dinis (r. 1279-1325), em 1289. Por ele, garantia o rei aos seus habitantes o direito de recusar hospedagem a fidalgos e cavaleiros, que assim deveriam pernoitar fora dos seus muros. Tal não impediu que a Vila viesse a acolher nos sécs. XVII, XVIII e XIX muitas nobres famílias, cujas residências foram sendo absorvidas no tecido urbano.

Hoje, quem visita Vila Real não deixará de ficar surpreendido à vista das numerosas pedras de armas que enobrecem as fachadas de muitos edifícios. O brasão da cidade, gravado com uma espada e um bastão, resume a história do seu primeiro conde.

Cidade bonita e aprazível, onde o olhar se perde pelas montanhas que a rodeiam, comece por conhecer o local onde, no séc. XIII, se fixaram os primeiros moradores, a "Vila Real medieval", prosseguindo pela "Vila Real antiga" e terminando o seu passeio no frondoso Parque do Município, junto da moderna Vila Real. Aqui sugerimos a subida ao alto do Calvário, onde terá uma bonita perspectiva semi-circular sobre a cidade, abrangendo, a poente, as serras do Marão e do Alvão e, a sul, a cadeia montanhosa de Montemuro. Para norte deste miradouro ficam os bairros modernos, que se têm vindo a desenvolver nos últimos cem anos.

A cerca de 3 Km da cidade procure uma das mais notáveis jóias do Barroco português: o Palácio de Mateus.

Vila Verde

Vila Verde

Localizada numa região extremamente fértil, na confluência dos Rios Homem e Cávado, em Vila Verde poderão encontrar-se das mais belas paisagens bucólicas do país e os locais ideais para a caça e pesca.

No verão, as festas e romarias um pouco por todas as aldeias atraem muitos forasteiros e dão mais cor e alegria à região.

Muito característicos do artesanato local são os "lenços de namorados", em linho ou algodão, bordados com frases simples expressando o amor de quem os oferece.

Vila do Conde

Vila do Conde

Cidade tranquila, Vila do Conde ganhou importância e prosperidade como estaleiro de construção naval na época dos Descobrimientos.

O mar sempre influenciou a vida da população desta localidade e inspirou os motivos das famosas rendas de bilros, aqui produzidas pelo menos desde o séc. XVII. As técnicas e saberes foram posteriormente difundidos para o resto da costa portuguesa e mesmo da Galiza. Este notável trabalho de artesanato poderá ser apreciado no Museu das Rendas.

A importância do artesanato na cidade revela-se ainda na Feira Nacional que se realiza anualmente em Julho/Agosto, uma das mais importantes do género em Portugal.

Vimioso

Vimioso

A vila de Vimioso recebeu o seu primeiro foral do séc. XVI, mas esta região já era ocupada desde a época pré-histórica como o comprovam os vestígios encontrados no cabeço da Atalaia, sobranceiro à vila.

Esta região fronteira teve sempre importância na defesa do território das invasões de Castela, sendo um dos pontos estratégicos mais seguros, o Castelo de Algozo construído no séc. XIII junto ao rio, sobre um abismo a 681 m de altitude.

Além do rico património histórico que o concelho possui, as minas de mármore e alabastro em Santo Adrião merecem também uma visita.

Vinhais

Vinhais

A via militar construída pelos romanos e que ligava Braga-Chaves-Astorga, passava próximo do local onde hoje se situa Vinhais, sendo também dessa época a Ponte da Rauca.

A vila foi fundada no séc. XIII pelo Rei D. Sancho, num ponto alto já utilizado pelos romanos como local de vigia da região e foi fortificada no séc. XIV por ordem de D. Dinis, rei de Portugal.

Vinhais conserva monumentos de grande interesse como a Igreja de São Facundo (fundada pelos Godos) e o Convento de São Francisco, mas é sobretudo conhecida pela riqueza da sua gastronomia de que se destacam os enchidos, sendo a Feira do Fumeiro que se realiza anualmente em Fevereiro, a ocasião ideal para os adquirir.